

Carvalhas no encontro com os construtores da Festa do «Avante!»!

# Um Partido humanista e revolucionário



Carlos Carvalhas dirigiu-se, no sábado, ao colectivo partidário através das centenas de militantes que participam na construção da Festa do «Avante!», na Atalaia. Publicamos hoje a intervenção do Secretário-Geral e, também, a informação do Secretariado «sobre as decisões adoptadas face à violação dos princípios e normas estatutários por parte de membros do Partido».

Págs. 5 a 11

NESTE NÚMERO

## Os artistas da Festa

SUPLEMENTO

**Os artistas da Festa!**

**ORQUESTRA Metropolitana de Lisboa**  
Sob a direcção do Maestro Manuel Graça Moura

**Aaron Copland**  
Pauline e Joana e Homens Cantam

**Benjamin Briten**  
Cala da Orquestra para jovens

**Sergei Rachmaninoff**  
Concerto n.º 2 para Piano e Orquestra

**Maurice Ravel**  
Buber

**Sexta-feira 5 de Setembro 2002**

**Gabriel, O Pensador**

**Jazz Mário Delgado e «Flactera»**

**Trupe Vocal**

**Oyster Band**

**Jussara Silveira**

**Francisco Villa**

**Giovanni Mirabassi**

**Telectu** com Gary Herringway e Herb Foberason

**Linha da Frente**

**Villa**

**Jussara Silveira**

**Luar**

### Código de Trabalho A lei do mais forte

A CGTP reagiu às propostas do Governo inseridas no novo «Código do Trabalho», considerando-as como o cumprimento das orientações da CIP, visando apenas satisfazer o patronato mais retrógrado e conservador.

Pág. 15

### Gestão hospitalar Privatizar a Saúde

Com a aprovação da nova Lei de gestão hospitalar, o Governo pretende avançar com a privatização da saúde em Portugal, denunciou Bernardino Soares, membro da Comissão Política, em conferência de imprensa.

Pág. 13

### Crime de guerra Israel mata civis

15 mortos e 154 feridos é o sangrento balanço do ataque com mísseis lançado, anteontem, por Israel. A pretexto de liquidar o chefe do braço armado do Hamas, Salah Chéhadé, um bairro popular foi bombardeado no centro de Gaza.

Pág. 17



**Avante!**Proletários de todos os países  
UNI-VOS!

## PROPRIEDADE

Partido Comunista Português  
R. Soeiro Pereira Gomes, 3  
1600 - 196 Lisboa  
Tel. 21 781 38 00

## ADMINISTRAÇÃO

Editorial «Avante!», SA  
Av. Gago Coutinho  
121/1700 Lisboa  
Capital social:  
€ 125 000.  
CRC matrícula: 47058.  
NIF - 500 090 440

## DIREÇÃO E REDACÇÃO

R. Soeiro Pereira Gomes, 3  
1600 - 196 Lisboa  
Tel. 21 781 71 90/91  
Fax: 21 781 71 93  
E-mail:  
avante.pcp@mail.telepac.pt  
Web:  
http://www.pcp.pt

## Director

José Casanova

## Chefe de Redacção

Leandro Martins

## Chefe Adjunto

Anabela Fino

## Redactores

Carlos Nabais  
Domingos Mealha  
Gustavo Carneiro  
Henrique Custódio  
Isabel Araújo Branco  
João Chasqueira  
Lúcia Calapez  
Margarida Folque  
Miguel Inácio

## Grafismo

José Araújo

## Fotografia

Jorge Caria  
Jorge Cabral

## Secretaria da Redacção

Ivone Dias Lourenço  
Noémia Presúncia

## DISTRIBUIÇÃO

DISTRIBUIÇÃO ADE's  
Editorial Avante!  
Av. Gago Coutinho, 121,  
1700 Lisboa  
Tel. 218 429 836

## Alterações de remessa

Até às 17 horas  
de cada sexta-feira:  
Tel. 218 429 836

## DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL

## DELTAPRESS

Delegação Lisboa:  
Tapada Nova - Capa Rota  
Linhó - 2710 Sintra  
Tel. 21 923 99 21  
Delegação Norte:  
Zona Industrial da Maia  
Sector IX  
Rua B L1. 227 - 4470 Maia  
Tel. 22 941 76 70

## ASSINATURAS

Av. Gago Coutinho, 121,  
1700 Lisboa  
Tel. 218 429 836

## TARIFA DE ASSINATURAS\*

(IVA e portes incluídos)

## PORTUGAL

## (Continente e Regiões

## Autónomas)

50 números: 9 000\$00  
44,90 euros25 números: 4 600\$00  
23,00 euros

## EUROPA

50 números: 23 000\$00  
114,75 euros

## EXTRA-EUROPA

50 números: 33 000\$00  
164,60 euros

## \*Enviar para

Editorial «Avante!»  
nome, morada  
com código Postal  
e telefone  
a acompanhar cheque  
ou vale de correio.

## Composição e impressão

Heska Portuguesa, SA

Campo Raso

2710 - 139 Sintra

Depósito legal n.º 205/85



O PCP realiza uma acção de esclarecimento sobre o Serviço Nacional de Saúde

## Resumo

17

### Quarta-feira

O grupo parlamentar do PCP acusa o Governo de querer privatizar a saúde em Portugal e atacar os trabalhadores do sector, e desafia o executivo a «pôr as cartas na mesa» sobre o que pretende com a nova lei de gestão hospitalar • A CGTP repudia a hipótese de os sindicatos virem a gerir fundos de pensões de reforma por considerar que isso não é compatível com a sua vocação de defesa dos direitos dos trabalhadores • O Sindicato Nacional dos Trabalhadores dos Correios e Telecomunicações suspende a greve geral dos trabalhadores do CTT devido ao recomeço das negociações salariais • A Frente Comum de Sindicatos da Administração Pública acusa o Governo de pretender intimidar os trabalhadores e despedi-los com o seu projecto de decreto-lei com vista à criação de um quadro de disponíveis na Administração Pública.

18

### Quinta-feira

O PCP realiza em Lisboa uma acção de esclarecimento sobre o Serviço Nacional de Saúde • Israel decreta estado de alerta máximo e suspende as medidas de desanuviamento relativamente aos palestinos • A Autoridade Nacional Palestiniana condena o duplo atentado suicida perpetrado em Telavive, em que morreram cinco pessoas • O secretário de Estado norte-americano, Colin Powell, pede a Espanha e a Marrocos que estabeleçam um diálogo «que não suponha a presença de ninguém no ilhéu» de Perejil.

19

### Sexta-feira

O PCP anuncia a expulsão de Edgar Correia e Carlos Luís Figueira e a suspensão por dez meses de Carlos Brito por «desrespeito das regras e princípios estatutários essenciais» do Partido • Jerónimo de Sousa, deputado do PCP, repudia a proposta do novo Código do Trabalho aprovada pelo Conselho de Ministros, acusando o Executivo de pretender um «processo histórico» nas leis laborais • A DORL do PCP entrega, na residência oficial do primeiro-ministro, um abaixo-assinado contendo mais de 15 mil assinaturas exigindo a reposição do crédito bonificado à habitação • Os trabalhadores dos serviços públicos do Algarve entram em greve, em protesto contra a precariedade do emprego.

20

### Sábado

Carlos Carvalhas vai à Quinta da Atalaia, no Seixal, onde se está a fazer os preparativos para a Festa do Avante!, para um encontro com centenas de militantes e simpatizantes do PCP • Pais e professores, unidos na defesa pela melhoria do 1.º ciclo, enviam uma carta a todos os municípios portugueses, sensibilizando-os para as

questões da Educação • Marrocos e Espanha chegam a um acordo sobre o contestado ilhéu de Perejil; o acordo prevê o regresso ao «status quo» anterior à ocupação marroquina do ilhéu • Centenas de muçulmanos manifestam-se em Londres para mostrar o seu descontentamento pela guerra mantidos pelos EUA contra o «terrorismo internacional».

21

### Domingo

O PCP da Amadora manifesta-se contra os novos horários da Linha de Sintra; segundo os comunistas, com estas mudanças «um número apreciável de comboios» deixou de parar nas estações da Amadora (Reboleira, Damaia e Amadora) • Hosni Mubarak e Mouammar Kadhafi reúnem-se numa cimeira, no Cairo, para discutir a situação no Médio Oriente e no Sudão • O Supremo Tribunal israelita ordena a suspensão de uma decisão de demolição de duas casas numa aldeia palestina da Cisjordânia • O Iraque consegue o apoio da Síria, Jordânia e OLP para a convocação de uma reunião extraordinária da União Parlamentar Árabe que tem como objectivo debater as ameaças norte-americanas contra Bagdad.

22

### Segunda-feira

O Sindicato dos Professores da Região Centro considera «um escândalo injustificável» que mais de 96 das escolas do primeiro ciclo do ensino básico do distrito de Viseu não tenha cantina • O discurso anual sobre o estado da nação nas Filipinas é interrompido por milhares de manifestantes que protestam contra a presidente, Gloria Arroyo • Dois palestinos são assassinados após um confronto ocorrido no bloco de colónias de Gush Katif, na Faixa de Gaza • Os ministros dos Negócios Estrangeiros da União Europeia reúnem-se para debater a situação no Médio Oriente • A WorldCom, segunda maior empresa de telecomunicações norte-americana, entrega a declaração de falência num tribunal de Nova Iorque.

23

### Terça-feira

O PCP promove uma conferência de imprensa sobre a reforma da PAC e outros problemas agrícolas • Inicia-se a 1.ª fase do concurso nacional de acesso ao ensino superior • Pelo menos 15 palestinianos são assassinados e cerca de uma centena fica ferida num ataque aéreo israelita contra o dirigente do braço armado do Hamas, Salah Shihada • A Autoridade Nacional Palestiniana pede uma reunião urgente do Conselho de Segurança das Nações Unidas, depois do ataque israelita a Gaza • As forças armadas de Timor-Leste iniciaram o processo de controlo do território agora independente.

## Aconteceu

### IGT acusa Brisa e Sopol

Um relatório da Inspeção-Geral do Trabalho (IGT) concluiu, na passada semana, que a morte de cinco trabalhadores na construção de um viaduto na autoestrada Lisboa-Algarve (A2), em Dezembro de 2001, deveu-se à violação das regras de segurança por parte da Brisa, da Sopol e do projectista do viaduto.

Entretanto, o relatório já seguiu para o Ministério Público e, se ficar provada a autoria dos crimes, os responsáveis pela obra incorrem numa pena que pode ir até aos oito anos de prisão.

A Sopol, empregador geral da obra, por agora, remete-

-se ao silêncio e a Brisa, dona da obra, diz que não comenta processos em segredo de justiça.

Entre os pontos mais importantes das violações, a IGT diz que a obra não tinha um coordenador de segurança «na fase de projecto e na fase da obra», nem um plano de segurança específico para o viaduto em questão.

Em relação ao «projectista-engenheiro», o relatório refere que «a estrutura dos andaimes que suportavam o viaduto (cambre) não teve em atenção os princípios gerais de prevenção de segurança e saúde» dos trabalhadores.



### Emigração permanente aumenta

Segundo dados do Instituto Nacional de Estatística, dos cerca de 20 500 portugueses que emigraram em 2001, 28 por cento optaram pela emigração permanente, o dobro do verificado em 1999.

Os restantes 72 por cento são emigrantes temporários, isto é, deixam Portugal por um período igual ou inferior a um ano.

De realçar é a inversão da tendência que se vinha a verificar: os números de 2001 mostram um decréscimo de 11 por cento



### SJ preocupado com independência da RTP

As alterações à Lei de Televisão, promulgadas na passada semana pelo Presidente da República, não asseguram a independência da RTP, reafirmou o Sindicato dos Jornalistas (SJ).

«Não entendemos e não podemos aceitar os dois motivos adiantados pelo PR para justificar a bondade da lei», sublinhou o sindicato em comunicado. «As alterações introduzidas são meramente formais e nada adiantam quanto ao objectivo da inde-

pendência do Serviço Público de Televisão, que era o que estava em causa», refere o SJ, afirmando-se ainda «perplexo» com as razões que levaram Jorge Sampaio a promulgar a lei.

«Para assegurar a independência do Conselho de Administração e dos directores de Informação e Programação, a sua nomeação deve ser objecto de parecer vinculativo a emitir por órgãos independentes», alega o SJ. «O facto de os gestores da RTP passarem a ser inamovíveis, durante o mandato, torna-os independentes do Governo que os nomeou?», questionam-se os jornalistas.

O SJ tem ainda dúvidas quanto à liberdade dos directores de programas e informação «sob a alçada de gestores governamentais» e afirmaram entranhar que o PR dê «pouca importância à possível exoneração do actual director de antena, caso o Governo aproveite o hiato de constitucionalidade».

### Excesso de ozono em Lisboa e arredores

As concentrações de ozono ultrapassaram na passada semana o limite considerado de risco para a saúde das crianças, jovens e idosos em Lisboa, pelo segundo dia consecutivo, e nos concelhos de Loures, Amadora, Sines e Santiago do Cacém.

O ozono é um poderoso oxidante, que pode provocar dificuldades respiratórias e irritações nos olhos, nariz e garganta, particularmente em grupos sensíveis, e é um dos maiores responsáveis por perdas agrícolas e danos na vegetação.

Concentrações de ozono superiores a 180 microgramas por

metro cúbico (mg/m<sup>3</sup>), que obrigam as Direcções Regionais do Ambiente a prestar uma informação ao público, registaram-se nos Olivais e Restelo (concelho de Lisboa), Alfragide e Reboleira (Amadora), Loures, Monte Chãos (Sines) e Monte Velho (Santiago do Cacém).

Mas a maior poluição do ar registada no País nesse dia aconteceu no Alentejo, com a estação da qualidade do ar de Monte Chãos (Sines) a marcar 204 mg/m<sup>3</sup> de ozono entre as 19 e as 20 horas e a de Monte Velho (Santiago do Cacém) 198 mg/m<sup>3</sup> entre as 19 e as 21 horas.

### Água e transportes mais caros em Agosto

A EPAL anunciou esta semana um aumento médio de 3,6 por cento nos tarifários da água.

Os consumidores mais afectados são os clientes directos, com um aumento de 4,6 por cento, enquanto para os clientes municipais (Câmaras Municipais, serviços municipalizados e empresas concessionárias responsáveis pelo abastecimento domiciliário) o aumento é de 3 por cento.

O preço médio dos bilhetes de transporte de passageiros vai também aumentar entre 3 e 3,2 por cento, já no próximo dia 1 de Agosto. A subida de preços foi fixada pelo Governo, na passada semana, e faz com que os bilhetes do metro, Transtejo, carreiras interurbanas, Transportes Sul do Tejo e Carris, aumentem pela segunda vez este ano, depois da subida de 2,5 por cento registada em Março.





## Crónica Internacional

• Jorge Cadima

# Detrás do Antraz

No Outono de 2001 morreram 5 pessoas nos EUA, vítimas de cartas infectadas com antraz (carbúnculo). As manchetes noticiosas estavam – compreensivelmente – dominadas pelo famigerado «pó branco». Gerou-se o pânico. Na comunicação social surgiram teorias sobre implicações de governos e chegou a falar-se do Iraque. Um outro elemento ligado ao poder nos EUA deitou achas para essa fogueira, ameaçando com represálias bíblicas caso se confirmasse esse envolvimento. Mas, quase tão de repente como surgiu, o tema desapareceu das manchetes. A razão vai-se tornando clara através de pequenas notícias que furam o silêncio (nunca gerando manchetes indignadas): é que a Potência do Mal de onde é originário o antraz usado nos ataques do ano passado não é o Iraque, mas sim os EUA. «É hoje indiscutível que os micróbios enviados por correio são descendentes directos de micróbios desenvolvidos em Fort Detrick», escreve o reputado *Washington Post* (10/5/02). Fort Detrick é a sede do Instituto de Pesquisas Médicas do Exército dos EUA para as Doenças Infecciosas (USAMRIID) e o centro do programa de guerra bacteriológico desse país. «A carta recebida pelo Senador Tom Daschle continha um trilião de esporas de antraz por grama: uma concentração que apenas alguns, muito poucos, cientistas do Governo dos EUA são capazes de obter, utilizando uma técnica secreta e rigorosamente controlada» escreve o jornalista George Monbiot no jornal britânico *The Guardian* (21/5/02). «É possível afirmar» que esta «produção secreta de antraz» levada a cabo por «bioguerreiros da CIA e do Ministério de Defesa» dos EUA «viola a Convenção sobre Armas Biológicas» escreve o comentarista Nicholas Kristof no *New York Times* (19/7/02).

O bioterrorismo tem origem nos laboratórios militares dos EUA



«Quase toda a gente que contacta a investigação do FBI sobre o antraz fica estupefacta com a letargia do Bureau. Algumas pessoas que trabalham na área de biodefesa pensam que conhecem um provável culpado, a quem chamarei Sr. Z. [...] Se o Sr. Z fosse um árabe, já de há muito que estaria preso. Mas trata-se de um Americano a 100%, com ligações estreitas ao Ministério da Defesa, à CIA e ao programa de biodefesa dos EUA» (N. Kristof, *NYT*, 3/7/02). «Os microbiologistas nos EUA começam a perguntar em voz alta se o problema do FBI [...] não é o facto de saber demasiado» (G. Monbiot, *The Guardian*, 21/5/02).

A biografia do tal «Sr. Z», que muitos consideram o autor dos ataques, é também curiosa: Steven Hatfill (de seu nome) afirma ter trabalhado para as Forças Armadas do regime racista na antiga Rodésia (actual Zimbábue), integrando os famigerados Selous Scouts, tendo mais tarde trabalhado para as Forças Armadas do regime de apartheid sul-africano. Durante esse período, deu-se «a maior eclosão de antraz já registada entre seres humanos, afectando mais de 10 000 camponeses negros no Zimbábue. Existem indícios de que o antraz foi espalhado pelo Exército branco da Rodésia, que estava em guerra contra guerrilheiros negros» (N. Kristof, *NYT*, 3/7/02). A carreira do Sr. Z prosseguiu noutras frentes: «Hatfill integrou mais tarde a UNSCOM, o grupo patrocinado pelas Nações Unidas que foi enviado para o Iraque após a Guerra do Golfo para procurar depósitos de armas biológicas nesse país» (*The Hartford Courant*, 27/6/02). E «tem continuado a viajar para o estrangeiro em missões governamentais, até na Ásia Central» (N. Kristof, *NYT*, 3/7/02). Intrigante, ou talvez nem tanto.

A pretexto de ameaças terroristas, querem convencer-nos a aceitar a utilização de armas nucleares, restrições às liberdades, guerras «preventivas» e permanentes à discrição do imperialismo norte-americano. Mas, escavando por debaixo da superfície, descobre-se que o bioterrorismo tem origem nos laboratórios militares dos EUA, onde se violam tratados internacionais, onde trabalham ex-agentes de regimes fascistas e racistas, e que o principal suspeito da autoria dos ataques bioterroristas é homem de confiança do poder nos EUA. Que são, afinal, o único país que já usou armas nucleares, e que tem usado repetidas vezes armas químicas e biológicas. O perigo da utilização de armas de destruição maciça é bem real: provém do próprio coração da maior potência imperialista do planeta (e 'nosso aliado' na NATO). É preciso acordar antes que seja tarde.

## Editorial

# AO TRABALHO!

Foi significativa a escolha da Atalaia, onde no sábado passado, como vem sendo uso nestes meses de Verão, se juntam centenas de comunistas que, prescindindo de fins-de-semanas - alguns mesmo de férias - participam na construção da Festa do «Avante!», para o encontro com militantes em que Carlos Carvalhas se dirigiu ao Partido. Significativa escolha, porque ali se prepara, com esforço, inteligência e fraternidade, um dos momentos mais importantes do calendário político dos comunistas - a Festa do Avante!, uma realização do PCP virada para fora como são as grandes iniciativas do Partido, um grande espaço de debate político, de cultura, de arte e de convívio que partilhamos com todos os trabalhadores e democratas e que constitui sempre o momento de lançamento da mensagem que o PCP lança para o desenvolvimento de tarefas que conformarão a actividade política nos tempos imediatos.

Na Atalaia, perante centenas de militantes, merecidamente os primeiros a tomar conhecimento das palavras do secretário-geral, ainda sem o filtro «mediático» que frequentemente as distorce e as descontextualiza, Carlos Carvalhas

## “Os trabalhadores não deixarão de lutar pelos direitos e conquistas”

dirigiu-se a todo o colectivo partidário. Para falar da situação interna do PCP e das recentes medidas tomadas no sentido da defesa da sua vida democrática, das suas regras democráticas, da sua unidade e coesão. E para alertar para as gravíssimas ameaças que pesam sobre os direitos dos trabalhadores, alvos preferenciais, juntamente com os reformados, as mulheres e os jovens, da avidez capitalista e da «sanha legislativa» dos seus serventuários instalados em maioria na Assembleia da República e no Governo.

É que para fazer face a tais ameaças - isto é, para lutar com vigor e eficácia - é necessário que a principal força que se opõe à política da direita se apresente às batalhas a travar unida e coesa, rejeitando claramente no seu seio as atitudes e comportamentos indignos de comunistas, que objectivamente «têm ferido a imagem do PCP e prejudicado a sua intervenção política». Há muitas batalhas a travar. E para elas é necessária capacidade de atracção e de mobilização em torno das propostas e das lutas.

As medidas tomadas por este Governo, liderado por Barroso e Portas, mostraram, logo de início, ao serviço de quem pretendia dirigir os destinos do País. Mas aquelas que realmente

pretendem ir «ao fundo da questão» e fazer jus aos interesses do grande capital surgem agora, em pleno Verão, «pela calada das férias», como alertou Carlos Carvalhas no discurso da Atalaia. À cabeça, surge agora o anúncio de um novo Código do Trabalho, gabando-se o Ministério de o haver apresentado a discussão pública durante Agosto e Setembro(!) e de estar disposto a recolher emendas de pormenor, esclarecendo que não aceitará quaisquer sugestões que ponham em causa a «filosofia» do projecto. As reacções que acolheram este anúncio são significativas. Enquanto os «parceiros» do Governo, isto é, as associações patronais, exprimem o seu acordo na generalidade e se mostram dispostas a prestar uma ajuda no «aperfeiçoamento» do diploma, certamente exigindo que mais algum suor seja espremido a quem trabalha, por parte das organizações representativas dos trabalhadores, nomeadamente da CGTP, a posição é clara, inserindo os objectivos do «Código» no cumprimento das orientações da CIP. Segundo a Intersindical, as propostas governamentais visam «diminuir os custos do factor trabalho para satisfazer a gula do patronato pelo lucro; precarizar ainda mais os vínculos laborais e as condições de trabalho, tornando a mão-de-obra mais “dócil” por via da fragilização dos seus direitos; reforçar o poder patronal em condições que permitem um uso praticamente discricionário».

Foi também à beira das férias que o Governo decidiu avançar com a aprovação, na Assembleia da República, de alterações à Lei de Bases da Segurança Social. Também aqui os objectivos são claros, por mais mascarados que se divulguem. O que pretendem o Governo e a sua maioria é colocar a Segurança Social «ao serviço do capital financeiro e das seguradoras privadas», como sublinhou Carlos Carvalhas no discurso a que nos temos referido. «O que o Governo pretende», disse o dirigente comunista, «é colocar as partes mais rentáveis da segurança social e as centenas de milhões de contos das suas reservas nas mãos das seguradoras privadas e da banca para, através dos Fundos de Pensões as jogar na especulação da roleta bolsista, trocando o certo pelo incerto.» E o incerto nem sequer espera pela privatização. Ontem mesmo se anunciava que, de um total de quase 800 milhões de contos de activos geridos pelo Instituto de Gestão de Fundos de Capitalização, cerca de 5,6 milhões de contos foram devorados pela queda das bolsas mundiais...

Há muito, pois, a fazer na resistência aos avanços do grande capital e do Governo que lhe representa os interesses. Os trabalhadores não deixarão de lutar pelos direitos e conquistas que hoje, quase à socapa, lhes pretendem arrancar. Contam, para isso, com os comunistas, que denunciam e desmascaram os intuitos da política da direita instalada no poder. E em cada batalha, nas mais pequenas e nas maiores, encontrarão a seu lado o Partido Comunista Português. Unido e fortalecido.



## Actual

## As boas-vindas

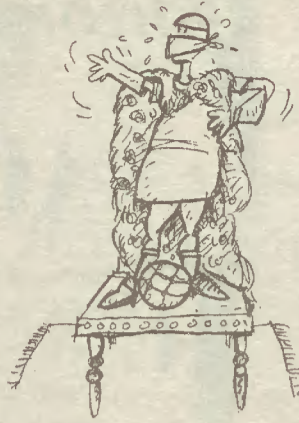
• Vítor Dias

Num tom bastante petulante e professoral e fazendo gala de confundir elementos culturais porventura sobreviventes num colectivo humano tão amplo e diversificado como o PCP com as orientações e concepções consagradas e assumidas, um artigo publicado no último «Expresso» sob o título «Certezas e vícios» acaba de sentenciar que «o que hoje distingue os comunistas entre si» seria que «para uns, a luta continua porque a vitória é certa e, para outros, a luta continua porque a vitória é incerta». E que «é na dicotomia certeza/incerteza que, em Portugal, se deve procurar o essencial e a raiz das contradições que actualmente se verificam».

De cátedra, o artigo ensina-nos ainda aquilo que julgávamos que o PCP faz todos os dias mas devemos estar enganados, ou seja que «não chega aos comunistas manterem-se no papel de espectadores da agudização das contradições no seio do capitalismo, encostados à soleira do que há-de chegar. É-lhes exigido que intervenham activa e assertivamente no sentido de irem conquistando posições e consolidando formações não-

-capitalistas no seio da própria sociedade capitalista». E ainda explica, numa contribuição absolutamente inovadora para o património do PCP, que «a incerteza colocada na vitória do comunismo torna imperativa a necessidade de, a cada processo a desenvolver nessa direcção e ao conjunto de processos no seu todo, corresponderem outras tantas metas pelas quais se tem de lutar».

Mas voltando ao tema da «certeza/incerteza», o que convém lembrar é o que aconteceu quando o Comité Central do PCP, a seguir a 17 de Março, cometeu a gravíssima heresia de prevenir para o infundado da «tese (...) de que onde há fracasso eleitoral é porque então houve necessariamente erros de orientação» e de sublinhar que tal tese «não tem em conta nem a complexidade nem os factores de incerteza da acção política, da intervenção eleitoral e da formação das correntes de opinião nem a evidência de que os resultados eleitorais de uma força não dependem apenas do acerto da sua orientação e acção mas também, para além de múltiplos outros factores, da força dos adversários».



Sobre isto, do mesmo quadrante de opinião do autor deste artigo no «Expresso», o que de imediato chegou, grávidos de certezas, foram o comentário de que se tratava de uma «espantosa tese tapa-tudo» e o comentário jocoso-futebolístico de que se estava a dizer que «perdemos não por jogarmos mal, mas por os nossos adversários terem jogado bem!».

De qualquer modo, seria injusto que não déssemos as boas-vindas ao mundo da incerteza e da complexidade a Frei Tomás, perdão, a um dos mais impenitentes cultores do simplismo e do esquematismo em matérias atinentes ao PCP.

## Com rede

• Leandro Martins

Já estávamos habituados. Há muitos anos que é assim. Se calhar desde o tempo em que se «inventaram» as férias, isto é, desde que elas foram conquistadas pelos trabalhadores e passaram a ser não só o privilégio de alguns mas o direito de todos. (Escrevemos isto a lembrarmos-nos dessa conquista que teve sempre a ver com a força e o avanço do movimento operário e revolucionário pelo mundo fora e que, hoje, em tempos de refluxo, com as conquistas a serem abocanhadas pelo capital, com os governos a seu mando, já não são o que foram.) Mas, falando do tempo de férias, é o momento ideal para lançar na lei e na «divulgação» o que de mais gravoso os governos e as empresas capitalistas guardam na manga. Não só os aumentos de preços de bens e serviços essenciais - nas costas dos que partiram de férias ou suspiram por elas, aí vêm eles, sub-repticiamente instalar-se no quotidiano e, só nos fins dos meses é que muitos dão pelo facto consumado e pelo dinheiro consumido. Os transportes e a água aumentam na Grande Lisboa, em pleno Agosto, e isto é só um exemplo dos aumentos que, se juntos ao IVA, vão empobrecendo os que trabalham e não vivem sustentados pelo

suor da maioria ou pelos servicinhos políticos e administrativos prestados aos poderosos.

Também na legislação, o Governo da direita avança vertiginosamente. Parece que nem vai a banhos. Afí está, entre outros gravosos feitos, o «Código do Trabalho». Mas é «democrático»... porque o Governo foi eleito democraticamente. E é «honesto»... porque se trata de pagar o apoio que o capital lhe deu para ganhar as eleições. E é feito às «claras»... porque até vai haver debate público - em Agosto e Setembro!, gabava-se o ministro - e os cidadãos vão, com a ajudinha de «académicos» e de «parceiros» (sic), poder propor melhorias de «pormenor» (re-sic), sem tocar no fundamental, é claro.

Além disso, para garantir certamente a cidadania, o debate vai ser aberto na internet. Como se sabe, a esmagadora maioria dos trabalhadores trata a internet por tu... Em cada lar há um computador... Os milhares de operários e operárias despedidos, desta harmoniosa sociedade sem classes, partem para férias, de portátil ao ombro, mais o chapéu de sol, a cana de pesca, o biberão para os miúdos, a cervejinha fresca. A pé, para não aumentar os níveis do ozono.



## Banda larga

• Anabela Fino

Embora esperada, a bancarrota da WorldCom, a gigante norte-americana das telecomunicações, abalou a já debilitada confiança dos investidores em relação à economia dos EUA.

Recorrendo ao célebre capítulo 11 do código de falências, que garante às empresas protecção judicial dos credores enquanto se submetem a planos de reestruturação e de pagamentos de dívidas, a WorldCom despede-se da ribalta em que viveu desde 1995 deixando atrás de si uma dívida astronómica de 40,6 mil milhões de euros, um número indeterminado de accionistas que de um momento para o outro se viram proprietários de um punhado de papéis sem valor, e 17 mil trabalhadores lançados no desemprego. Mas isto não é tudo. Na sua queda, a WorldCom, tal como antes a Enron, ameaça arrastar alguns dos mais conceituados bancos norte-americanos, hoje sob suspeita de convivência nas fraudes financeiras daquelas empresas.

Pelas notícias vinda a público, e não sendo especialista na matéria, julgo ter percebido que o falhanço da WorldCom se ficou a dever a elevados investimentos em banda larga, guerra de preços, desaceleração da economia e, naturalmente, à sofreguidão insaciável e falta de escrúpulos de uns quantos que engordaram à sombra de empresa.

Porque isto anda tudo ligado, o paralelismo com o que se passa na política é quase inevitável. Também hoje, nos píncaros da glória mediática, andam por aí muitos adeptos da banda larga, rendidos às delícias da economia de mercado, vendendo promessas cotadas na bolsa da ideologia dominante. E apelam ao investimento dos incautos, e lançam anátemas contra quem lhes não segue as pisadas, e cobrem com mantos diáfanos de boas intenções as suas manobras de rendição ao capital.

Inebriados pela vertigem da efémera notoriedade, os



## Frases

“O Governo tem que ter muito cuidado. A forma como entra é a forma como sai.”

(Marcelo Rebelo de Sousa, TVI / Diário de Notícias 22.07.02)

“A bem do debate sério, espera-se que o Governo, ou a nova administração da RTP, informe o País sobre quanto poupará a empresa pelo simples facto de deixar de transmitir o segundo canal. A partir daí, poderá discutir-se.”

(Francisco Sarsfield Cabral, idem)

“Durante um encontro entre George W. Bush e Fernando Henrique Cardoso, o presidente norte-americano, com aquela simplicidade que o caracteriza, terá perguntado o seguinte ao seu homólogo brasileiro: “Vocês no Brasil também têm negros?” (...) Tendo em conta que tudo o que se passa na Casa Branca acaba por, mais tarde ou mais cedo, influenciar irremediavelmente o nosso dia-a-dia, eu tenho uma sugestão a fazer aos americanos: substituam imediatamente a administração Bush pelo elenco da premiada série de televisão West Wing.”

(Rui Baptista, Público, 22.07.02)

“Temos o nosso primeiro Governo-mistério: não sabemos o que faz nem o que quer. Temos o primeiro Governo que talvez tenha compreendido que a reforma política não é só necessária: é também vantajosa.”

(Luís Salgado Matos, idem)

“Para alguns, o Governo é claro: faz o que pode. Por isso, este estival frenesim reformador. O cardeal-diabo, porém, provará que ele é o mais desbragado dos pecadores: o Governo finge reformar apenas para esconder que está acomodado.”

(Idem, ibidem)

“Erros dos EUA mataram centenas de civis afegãos / As tropas dos EUA basearam-se em informações pouco fiáveis de senhores da guerra e usaram a força de forma excessiva no Afeganistão, afirma a ONG [americana Global Exchange].”

(Título e pós-título, idem)

“Oito meses depois de um triunfo simbolicamente tão importante como o derrube da autocracia dos “taliban”, a América está mergulhada numa crise profunda, talvez mesmo a mais grave desde a agonia do Vietname e de Watergate, crise de convicções talvez já também, seguramente crise económica que atinge profundamente o carácter popular do capitalismo americano.”

(Augusto M. Seabra, Público, 21.07.02)

“Congenitamente ligada a interesses petrolíferos, a actual administração Bush é a mais associada à “corporate America”, desde as também republicanas administrações de 1920/32, as do regresso ao isolacionismo americano - e depois o grande “crash” de 1929.”

(Idem, ibidem)

“Os trabalhadores por conta de outrem até podem encontrar “rebuçados” na proposta do ministro Bagão Félix. Mas são daqueles que “picam na língua” e a deixam empolada.”

(João Maltez, A Capital, 19.07.02)

“A baixa produtividade em Portugal deriva exclusivamente da incompetência dos políticos e do baixo nível, técnico, ético e cultural, dos patrões.”

(Leonel Moura, A Capital, 21.07.02)

“O Governo parece estar convencido de que conseguirá modernizar Portugal utilizando o chicote.”

(Idem, ibidem)





Carlos Carvalhas dirige-se ao Partido através dos construtores da Festa

# Um Partido onde todos são iguais

**C**entenas de militantes do PCP deram, no sábado, na Quinta da Atalaia, um valioso contributo para a construção da Festa do Avante! 2002. A meio da tarde, os trabalhos foram interrompidos para dar lugar a um encontro com o secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas.

Às nove da manhã os mais madrugadores já se encontravam a trabalhar. Outros atrasaram-se um pouco mas, ao chegarem, transbordavam de energia, revelando a firme disposição de «dar o corpo ao manifesto» e de usufruir da camaradagem que este tipo de jornadas proporciona.

Os terrenos da Quinta da Atalaia estão longe, ainda, de permitir aos visitantes uma pávida imagem do que a Festa

vai ser. Na verdade, o trabalho agora em curso é - pode-se dizer - «ingrato». Daquele que implica enorme esforço mas quase não se vê. Fora os tubos, naturalmente, que esses são já visíveis, profusos e arrogantes, no recinto da Festa.

Mas é assim que se constrói a Festa do Avante! laboriosa e pacientemente. Com o trabalho militante de centenas de comunistas. Alguns

deles, os indefectíveis, fazem-no há muitos anos, sempre com a mesma determinação e boa vontade, sacrificando, às vezes, fins-de-semana e mesmo férias.

No sábado, os construtores da Festa repartiam-se pelos trabalhos mais díspares. Enquanto uns pintavam placas ou lavavam toldos, outros construíam tampos e costas de cadeiras ou... preparavam e serviam o merecido almoço, que decorreu animadamente.

Depois do almoço, alguns, os mais velhos, já não voltaram ao trabalho, aguardando pelo momento de ouvir o secretário-geral do Partido. À hora

marcada para o encontro com Carlos Carvalhas, já o pátio da adega estava repleto de militantes.

**Todas as opiniões são válidas**

Carlos Carvalhas principiou a sua intervenção saudando precisamente os construtores da Festa, «só possível» pelos «milhares de horas de trabalho voluntário gratuito de militantes e simpatizantes» do PCP, que

«não é um Partido onde cada um esteja a olhar para o seu umbigo, com a sua vaidade desmedida sempre pronto a

sobrepor a sua vontade à dos outros e onde só conta a sua opinião e as suas regras, mas sim, um Partido que, valorizando a contribuição de cada militante com a sua reflexão, opinião e intervenção, no respeito pelos princípios estatutários decididos democraticamente, dá um grande valor ao trabalho colectivo, não aceita que a minoria se sobreponha à maioria, e não aceita tendências organizadas, com os seus chefes e porta vozes» (intervenção em separado).

A intervenção de Carlos Carvalhas era frequentemente interrompida por aplausos, sempre que reafirmava os princípios e a natureza de classe do PCP, e ouviam-se vaias quando procedia à

denúncia da política do Governo de direita, «de aperto do cinto aos mesmos de sempre, aos trabalhadores e ao povo e de concentração de riqueza em relação aos grandes senhores da finança e da especulação».

Vivamente aplaudidas foram, também, as últimas passagens do discurso de Carvalhas, referentes aos membros do Partido, agora sancionados, que «à margem do seu normal funcionamento e tomando a postura de vítimas, têm ferido a imagem do PCP e prejudicado a sua intervenção política e o esforço anónimo de milhares de comunistas que dão corpo a grande parte da intervenção do Partido».

## José Manuel Osório homenageado

A jornada/convívio na Quinta da Atalaia não terminou, porém, com o encontro entre Carlos Carvalhas e os construtores da Festa. Prosseguiu, à noite, com um jantar de homenagem ao fadista e militante do PCP José Manuel Osório, a que se seguiu uma sessão de fados.

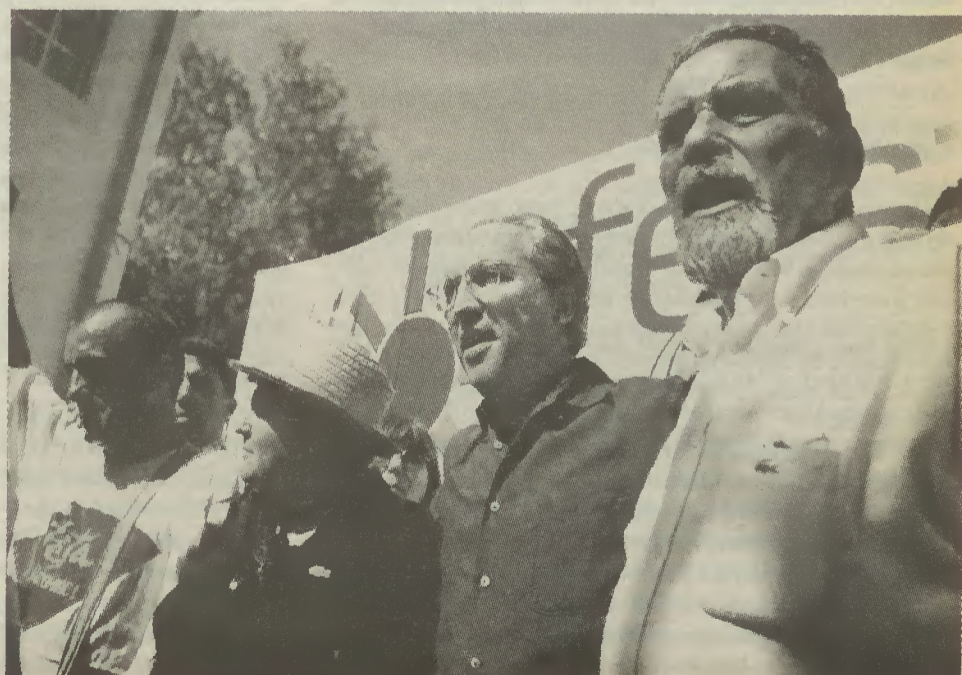
O Pátio da adega, onde também decorreu esta iniciativa, foi pequeno para acolher as cerca de cinco centenas de pessoas que quiseram homenagear José Manuel Osório e participar no jantar, que decorreu num ambiente de alegre e saudável convívio.

Um grupo de fadistas do Seixal, entre os quais Olga Vilanova, vencedora da Gran-

de Noite do Fado, deu corpo ao espectáculo, que foi dirigido pelo locutor Sales e teve, ainda, a participação de Lúfa Basto e de João Queiroz, que entoou algumas baladas de Coimbra.

Ruben de Carvalho, num intervenção sobre o significado da homenagem, destacou o importante papel de José Manuel Osório na defesa e divulgação do fado, lendo, no fim, uma saudação dirigida por Carlos Carvalhas a este fadista.

José Manuel Osório, visivelmente emocionado, quis também cantar, interpretando com maestria três fados, aplaudidos de pé por uma assistência igualmente comovida.





Intervenção de Carlos Carvalhas

# Uma jornada de consciencialização e luta

Estamos aqui hoje, numa das muitas jornadas de trabalho e de convívio que precederão a Festa do Avante, a grande festa da liberdade e da democracia, grande evento cultural e a maior realização política partidária realizada no nosso país.

Mas esta Festa só é possível porque o nosso Partido é um Partido de causas e convicções, com um colectivo generoso e organizado, em que os valores da fraternidade e da solidariedade não são figuras de retórica.

Esta Festa só é possível porque aqui no terreno da Atalaia se contabilizam milhares de horas de trabalho voluntário gratuito de militantes e simpatizantes do Partido, nos seus momentos livres, nas suas férias, nos seus fins-de-semana.

Esta Festa só é possível porque o nosso Partido não é um Partido onde cada um esteja a olhar para o seu umbigo, com a sua vaidade desmedida sempre pronto a sobrepor a sua vontade à dos outros e onde só conta a sua opinião e as suas regras, mas sim, um Partido que, valorizando a contribuição de cada militante com a sua reflexão, opinião e intervenção, no respeito pelos princípios estatutários decididos democraticamente, dá um grande valor ao trabalho colectivo, não aceita que a minoria se sobreponha à maioria, e não aceita tendências organizadas, com os seus chefes e porta vozes.

E é por isso que estamos aqui hoje para saudar e agradecer à organização da Festa e aos seus construtores, aos homens, mulheres e jovens, que com a sua energia, talento e saberes permitirão que no 6 de Setembro, os portões da Atalaia se abram dando início à grande Festa do povo e da juventude, que a sentem justamente como uma obra e património seu e que nos seus aspectos mais tocantes e mais humanos exprime também a maneira de estar e os valores e ideais que impulsionam e inspiram a intervenção e a luta deste grande e generoso colectivo que é o Partido Comunista Português.

Mas a Festa com o seu calor humano é também uma grande jornada de afirmação, de consciencialização e de luta, e este ano bem importante, quando enfrentamos uma grande ofensiva da direita, de contra-reforma na saúde, no ensino, na segurança social. A uma política de aperto do cinto aos mesmos de sempre, aos trabalhadores e ao povo e de concentração de riqueza em relação aos grandes senhores da finança e da especulação.

É necessário dar resposta e combate a uma política injusta que vai atingir particularmente as jovens gerações de trabalhadores, quer através de mais flexibilização e desregulamentação, liquidando e amputando direitos; quer através da segurança social, introduzindo a lei da selva – cada um que se salve como puder – quer através da eliminação dos juros bonificados à compra de casa própria; quer ainda por uma política económica cada vez mais assente nos baixos salários e nos vínculos laborais precários.

Todas as justas preocupações com a orientação antipopular da política do Governo ganharam ainda mais razão com o anúncio pelo Conselho de Ministros de gravíssimas e intoleráveis alterações à legislação laboral que são a satisfação rápida e obediente do Governo do PSD e do CDS/PP à chantagem das multinacionais alemãs e a velhas reivindicações do grande capital.

Apesar de ser um Governo que é a expressão dos grandes interesses, um pouco mais de decoro e de dignidade patriótica exigia um outro comportamento. O que se pretende em nome da produtividade é, desvalorizar ainda mais o trabalho, intensificar a exploração e aumentar a apropriação da mais-valia.

E nesta matéria, uma primeira denúncia que tem de ser feita é que se, às vezes se, dizia que havia ladrões que agiam pela calada da noite, agora temos um governo que procura agredir profundamente os direitos dos trabalhadores pela calada das férias.

## Uma ameaça gravíssima

O novo Código do Trabalho que o Governo anuncia e pretende impor significa fundamentalmente inadmissíveis retrocessos no contrato individual de trabalho e na contratação colectiva (com intoleráveis perdas de peso e capacidade de intervenção pelos sindicatos), ainda mais precariedade e desregulamentação, um regime ainda mais gravoso para o trabalho nocturno, ainda mais exploração e maiores facilidades para despedimentos.

E chamamos a atenção para que qualquer rebaçoado que seja propositadamente misturado com as doses de cianeto vertidas no projecto do Governo é apenas para que alguém, iludido com o rebaçoado, se deixe envenenar pelo cianeto.

O projecto de alteração das leis laborais é uma gravíssima ameaça e terá, estamos certos, o grande repúdio dos trabalhadores. O ministro das seguradoras privadas e do grande patronato-teria sido um bom ministro das Corporações no 24 de

Abril, com o seu cinismo, falinhas mansas e conservadorismo, mas estamos no Portugal onde houve o 25 de Abril.

E estamos certos que aqui na Atalaia, em 6, 7, e 8 de Setembro, a Festa do Avante e o seu comércio de encerramento, serão uma poderosa contribuição para o amplo movimento de luta por inalienáveis direitos e justos interesses dos trabalhadores e uma forte e impressiva afirmação de que os comunistas e outros democratas, homens, mulheres e jovens de esquerda, estão na primeira linha da defesa dos direitos do mundo do trabalho, estão na primeira linha da corajosa afirmação de que esses direitos não são nem um obstáculo ao progresso e ao desenvolvimento mas sim uma condição essencial para um progresso e desenvolvimento que servirá os portugueses e Portugal.

No mesmo sentido o Governo com a sua maioria quer alterar a Lei de Bases da Segurança Social ao serviço do capital financeiro e das seguradoras privadas.

A segurança social tal como se encontra vertida na actual Lei de Bases é um direito e uma conquista civilizacional porque consagra direitos e garantias que defendem e protegem a vida humana face aos riscos sociais e aos contextos políticos e económicos adversos.

O que o Governo pretende é colocar as partes mais rentáveis da segurança social e as centenas de milhões de contos das suas reservas nas mãos das seguradoras privadas e da banca, para através dos Fundos de Pensões as jogar na especulação da roleta bolsista, trocando o certo pelo incerto.

O que se tem passado com grandes empresas nos EUA e na Inglaterra, que deixaram o seus reformados em situação aflitiva, os escândalos contabilísticos de empresas multinacionais,

como a Vivendi, World.com, Quest, e outras que têm levado a substanciais quebras bolsistas, o recente arquivamento de processos de suspeita de crime em operações bolsistas a empresas portuguesas (Unicer, EDP...) são um dedo acusador àqueles que querem jogar e especular com as reformas dos trabalhadores.

O Governo tem também dramatizado a situação das contas públicas e difundido a psicologia de crise com dois objectivos.

Por um lado esconder os seus compromissos com um irracional Pacto de Estabilidade para atingir um défice perto do zero em 2004 e por outro, poder passar a factura das políticas erradas e injustas aos trabalhadores e camadas médias.

Com os compromissos em relação ao Pacto de Estabilidade, de responsabilidade do PS e do PSD, e com a sua aceitação submissa, o país fica com uma muito pequena margem de manobra para avançar com políticas que, através do investimento público produtivo, compense os factores recessivos que se verificam na nossa economia.

## O País está estagnado

O País está praticamente estagnado com o aumento do desemprego e o crescente encerramento de empresas, correndo o risco de entrar numa recessão se a política de cego contractionismo não for invertida.

Ao contrário do prometido pelo PSD, o País em vez de se aproximar afasta-se do nível de desenvolvimento da média da União Europeia.

Para tentar diminuir os efeitos negativos que o aumento de preços tem tido, nomeadamente nas baixas reformas e salários, o PCP apresentou na Assembleia da República uma proposta para a recuperação do seu poder de compra. Era uma proposta modesta mas justa. É bom que se saiba que tanto o PSD como o PP, mandaram às urtigas as suas promessas e votaram contra. O PS teve também o mesmo comportamento devido aos compromissos assumidos pelo seu anterior governo, que aliás têm também ditado o seu comportamento negativo no campo da saúde, do ensino, da reforma fiscal e até em relação ao «plafonamento» na segurança social.

Nós queremos daqui saudar todos aqueles e aquelas que estão em luta por justas reivindicações e aspirações. Na luta pelo emprego, pelos direitos, pelo pagamento dos salários em atraso, pelo não encerramento de empresas. E queremos também saudar a CGTP-IN e as acções de protesto e de luta que tem organizado como a grande central sindical dos trabalhadores portugueses.

Queremos também saudar os trabalhadores e as jovens gerações de trabalhadores da OGMA, da Petrolgal, da Vestus, da ex-Quimigal, da indústria vidreira, do vestuário, da cerâmica e de tantas outras empresas, bem assim como, aos trabalhadores da Administração Pública ameaçados de desemprego através da extinção abrupta de serviços e da «retocada» lei dos disponíveis.

Os comunistas têm estado por todo o país nas pequenas e grandes lutas e têm tido uma qualificada e empenhada intervenção

na Assembleia da República em defesa dos interesses do povo e do país.

O Primeiro-ministro perante o protesto popular tem por várias vezes exercitado o anti-comunismo, acusando o nosso Partido de ser o responsável pelos protestos.

Em primeiro lugar, temos que lhe lembrar que o responsável pelos protestos, pela indignação e o descontentamento é a política do seu Governo ao serviço da oligarquia e do capital financeiro.

Segundo, que os comunistas exercerão todos os direitos constitucionais e legais para combater as políticas erradas e retrógradas e que é com muita honra que se situam na linha da frente lado a lado com muitos outros cidadãos dos mais variados quadrantes e credos políticos.

Pode o Sr. Primeiro-ministro ficar descansado que o Partido Comunista Português não virará as costas às injustiças, às prepotências, à política de concentração da riqueza e que vai continuar generosamente a participar e a intervir em todas as causas que fazem a razão da sua existência e de sua vida.

A ofensiva da direita, o novo quadro político e as responsabilidades que temos perante o povo e o país exigem que este Partido reforce a sua iniciativa política, a sua intervenção e a sua influência, o que passa também pelo reforço da sua organização, pelo cumprimento das decisões da Conferência Nacional, pela concretização do Encontro Nacional «sobre o reforço do Partido junto dos trabalhadores» e a Conferência Nacional sobre o Poder Local.

## Comportamentos e atitudes à margem das regras e da ética do Partido

Como é sabido, o colectivo partidário tem assistido com tristeza e amargura a um longo, persistente e encadeado conjunto de atitudes e comportamentos de alguns membros do Partido que à margem do seu normal funcionamento e tomando a postura de vítimas, têm ferido a imagem do PCP e prejudicado a sua intervenção política e o esforço anónimo de milhares de comunistas que dão corpo a grande parte da intervenção do Partido.

Ao longo destes penosos seis meses – seis meses!, camaradas e amigos – foram feitos sucessivos apelos para que cessassem as actividades antiestatutárias, para que as naturais diferenças de opinião se inserissem no natural e lógico debate no quadro partidário e segundo as regras da democracia interna que eles mesmos definiram, aprovaram e confirmaram na preparação do XVI Congresso.

Na Conferência Nacional, novos apelos foram feitos. A resposta foi infelizmente a arrogante afirmação pública de que essas actividades iriam continuar.

Ao longo destes penosos seis meses e com grande paciência e tolerância, a direcção do Partido, até com a incompreensão de muitos militantes, procurou evitar rupturas e foi sucessivamente enviando avisos e chamando a atenção por diversos meios para o caminho de confronto que alguns estavam a percorrer.

Infelizmente, houve quem logo após o XVI Congresso tivesse apostado na ruptura, procurando federar descontentamentos e levar consigo o maior número de militantes, respondendo a cada apelo com uma nova espiral de confrontação na praça pública.

O grande argumento que alguns têm exibido para justificar o injustificável é que têm sido condenados pelo exercício da «liberdade de expressão», por «delito de opinião», por assumirem «divergências».

Quanto a isto:

1.º É preciso lembrar que, mesmo a liberdade de expressão não comporta os insultos e as ofensas como as de «terrorista», «estalinista», «clique», «assalto ao poder» e outros mimos lançados sobre a direcção; nem a deturpação das suas posições e orientações com as acusações de o Partido «preferir a direita», de «impedir a convergência à esquerda», de «empurrar o PS para a direita», com claros prejuízos para a capacidade de atracção da sua imagem, luta e proposta.

2.º É preciso lembrar que no PCP não há delitos de opinião. Ao longo dos anos que tiveram de militantes, eles sabem muito bem que a sua opinião, como a de outros membros do Partido, sempre foi inserida nas avaliações, apuramentos e decisões partidárias e sempre foram avaliadas pelo seu mérito e valor e aferidas democraticamente pelos diversos colectivos partidários e não pela notoriedade de quem as defende.

3.º É preciso lembrar, e eles sabem muito bem, que a inscrição num Partido é um acto voluntário e que com a sua admissão cada um fica com um conjunto de direitos e deveres, não sendo admissível em membros do Partido que alguém queira conservar todos os direitos e não ter nenhuns deveres ou queira conservar todas as formas de intervenção política pública como se fosse independente.

O «delito de opinião» é invocado para servir de biombo a comportamentos e atitudes contrárias às regras de funcionamento do Partido. Na verdade, não estamos perante naturais e inevitáveis questões de opinião ou da sua episódica ou pontu-





# Informação aos militantes do PCP

## Sobre as decisões adoptadas face à violação dos princípios e normas estatutários por parte de membros do Partido

al expressão pública, mas de comportamentos e actividades que, com carácter sistemático e prolongado violam frontalmente as regras do Partido, a ética e a democracia interna do PCP.

O colectivo partidário assistiu pesaroso a sucessivas iniciativas públicas, articuladas e previamente anunciadas e ampliadas pela comunicação social de claro afrontamento às normas estatutárias.

Desde as eleições autárquicas e ao longo destes seis meses, exceptuando o período oficial de campanha eleitoral das legislativas, é quase certo que os principais promotores e protagonistas destas actividades de confrontação, tiveram uma maior presença nas televisões que os dirigentes do partido, e não, como é óbvio, para divulgarem a mensagem e as propostas do Partido, mas para fazerem marcação cerrada às suas posições, deturparem a sua orientação e contestarem a sua legítima direcção.

Segundo o que dizem, não vem daí nenhum mal ao mundo, o Partido não só não perde com isso como até ganha.

Ao que chegou o despudor de quem sabe que se alguém lhe tivesse feito o mesmo no passado, há muito que o caldo estaria entornado.

Alguém se convence que essas iniciativas não tiveram organizadores, que não foram articuladas, que as intervenções não foram preparadas e seriadas, para que à hora do telejornal tivesse voz e rosto tal ou tal interveniente? Ou querem convencer alguém que essas iniciativas nasceram de geração espontânea e que foram simples encontros, convívios ou esporádicas convergências e tomadas de posição?

### Defender as regras de funcionamento

A direcção partidária deve ser — e tem sido até ao limite — tolerante, paciente, compreensiva e por meios políticos procura evitar as rupturas. Mas também não pode deixar que o Partido, através dos factos consumados, enterre as suas regras de funcionamento, colectivamente definidas e votadas, porque elas são um instrumento indispensável para dar suporte e coesão ao trabalho de quantos por acto voluntário aderiram a este grande e generoso colectivo que é o Partido Comunista Português.

É sempre triste e doloroso ter de sancionar um membro do Partido, mas depois de vários apelos à reconsideração de atitudes e sucessivas tentativas para reconduzir ao espaço do debate partidário e resolução política declaradas divergências houve quem optasse claramente na continuidade e deliberada acção de afrontamento público ao Partido e a valores éticos e políticos de relacionamento entre comunistas que são elementos essenciais à coesão e preservação da sua unidade e à sua iniciativa e intervenção política.

Reafirmamos que, respeitando apreensões e mesmo discordâncias que são compreensíveis numa matéria tão sensível, complexa e dolorosa, apelamos a todos os membros do partido para que com a sua opinião e intervenção e com o reforço dos laços de solidariedade e respeito mútuo contribuam para que o PCP possa desempenhar com honra e eficácia as acrescidas responsabilidades, que a actual situação e problemas do País lhe coloca.

Com um grande esforço de convencimento, com a nossa luta empenhada, com a generosidade dos milhares e milhares de homens, mulheres e jovens que compõem o colectivo partidário, este partido que é e quer continuar a ser comunista, com as suas raízes populares, com a sua ideologia e o seu projecto, aberto à vida e com ela aprendendo, saberá encontrar os caminhos para superar problemas, saberá lutar pelo povo e pelo país, encontrar as convergências políticas e sociais para derrotar a ofensiva da direita e construir uma alternativa que faça Portugal sair da cepa torta, dando continuidade a um combate pela liberdade e dignidade humanas, pelo aprofundamento da democracia em todas as suas vertentes, pela superação do capitalismo.

As sentenças sobre a sua morte, tomando os desejos pela realidade, são velhas e repetidas. No entanto, não se percebe como é que gastam tantas páginas, tanta tinta, tantas imagens televisivas com um partido que está paralisado e morto!

São também velhos os falsos dilemas: se o Partido se renova descaracteriza-se e integra-se na social-democracia, se não se renova definha e morre!

A renovação e rejuvenescimento no Partido é uma exigência e faz-se com a análise da realidade em constante mudança, não para se acomodar ou para se tornar uma «coisa» subalterna do PS, mas para responder aos novos desafios, organizar a luta, e a luta pela transformação social, a construção das propostas alternativas, com as raízes nos trabalhadores e no povo, sabendo que quem põe em causa o poder do dinheiro tem da parte deste a ofensiva do seu domínio na sociedade. [As ideias dominantes pertencem às classes dominantes, enquanto o forem...]

E estamos convencidos que voltados para o futuro, com o nosso trabalho, a nossa intervenção empenhada, a nossa solidariedade activa com os trabalhadores, as populações e o povo, a realidade acabará por triunfar sobre a maré de caricaturas, preconceitos e deturpações que enfrentamos, dando lugar a uma visão mais densa, esclarecida, aberta e verdadeira sobre a nossa efectiva identidade, características e projecto, sobre o que efectivamente somos, pensamos e defendemos, sobre este grande Partido, humanista e revolucionário, de causas e valores, de luta e de proposta que é o Partido Comunista Português.

Viva os construtores da Festa do Avante!

Viva o PCP!

1. O Partido enfrenta há longo tempo uma violenta e continuada campanha de deturpações e falsificações, sobre os seus princípios, práticas e principais orientações, visando atingir o seu prestígio e influência junto dos trabalhadores e da sociedade, dificultar a intervenção política, quebrar a sua unidade e provocar a desagregação orgânica.

Esta campanha tem sido alimentada, estimulada e organizada por membros do Partido, com a promoção e participação em iniciativas políticas públicas, em aberto confronto com o colectivo partidário, à margem e em oposição à estrutura orgânica e aos Estatutos do Partido e às decisões do XVI Congresso.

Este processo, que teve diversos afloramentos após o XVI Congresso, ganhou uma nova e mais grave dimensão a seguir às eleições autárquicas de Dezembro, com inegáveis prejuízos em toda a acção do Partido nos primeiros meses do corrente ano e repercussões profundamente negativas nas eleições legislativas de Março.

2. Esses membros do Partido pretendem apresentar-se como vítimas de perseguição por «delitos de opinião». Alegam que as contidas posições públicas da Direcção e a decisão de avançar com processos disciplinares significaria «sanha persecutória e estalinista» contra «diferenças» e «divergências de opinião» sobre orientações políticas, organização e funcionamento partidários.

Na verdade, quem assim procede sabe, pela sua própria experiência de dezenas de anos de militância partidária, que as opiniões diferentes ou divergentes nunca foram impedimento para o assumir de responsabilidades, mesmo das mais elevadas, no PCP. Na verdade, quem assim age sabe que, ao contrário do pretendido, não estamos perante simples, naturais e inevitáveis questões de opinião, ou da sua episódica expressão pública, mas de comportamentos e actividades que, com carácter sistemático e prolongado, violam frontalmente os princípios e normas estatutárias, a ética e a democracia interna do PCP. Na verdade, quem assim procede sabe que no PCP não há lugar a «delitos de opinião», que é no debate e troca de opiniões, francas e fraternais, que se desenvolve a discussão e se constrói a decisão.

Sabem que, ao longo dos seus anos de militância partidária, a sua opinião, como a de muitos milhares de membros do Partido, sempre foi inserida nas avaliações, decisões e resoluções partidárias, respeitando-se, quando excepcionalmente foi caso disso, natural e logicamente, a vontade da maioria democraticamente votada.

Na verdade, quem assim pretende justificar as suas atitudes não tem outro objectivo que não seja o de procurar encobrir comportamentos e atitudes que sabem ser contrários às regras de funcionamento do PCP e aos seus Estatutos.

O que estes membros do Partido sabem, mas não aceitam, é que as suas opiniões não façam vencimento. Não aceitam que essas opiniões sejam inseridas no debate e se sujeitem ao natural confronto de pontos de vista diferentes e que, em igualdade de circunstâncias, sejam avaliadas pelo seu valor e aferidas democraticamente pelos diversos colectivos partidários, incluindo em congresso, e não pela notoriedade de quem os defende ou pelos apoios externos que suscitam. Quem assim age sabe que aquilo a que apelida de «delito de opinião» é tão-só o artificio para disfarçar a sua recusa em aceitar que a sua opinião minoritária se não sobreponha à maioria de quem dela discorda.

Não é aceitável que o valor que cada um atribui ao debate colectivo seja medido em função e na condição de ver ou não as suas opiniões prevalecerem. Como, compreensivelmente, não é aceitável que quem, inconformado por não fazer vencer no colectivo partidário as suas opiniões, se arrogue o direito de as procurar impor à margem das regras de funcionamento e das normas estatutárias. Como de facto pretenderam, com a operação dos «abaixo-assinados» e dos «jantares», em confronto com a natural reunião de membros do Partido e consequente apuramento da opinião colectiva, nos seus organismos e organizações, e com a inadmissível chantagem de textos, declarações e entrevistas feitos na

comunicação social, em confronto com a normal e democrática circulação de opiniões e apuramento de decisões, na estrutura partidária.

No PCP não se contesta a ninguém o direito de mudar de opinião. Fazê-lo constitui um acto que apenas a cada um diz respeito. O que se exige é que cada um assuma o gesto frontal de reconhecer que mudou de opinião e, sobretudo, que não procure impor a todos os outros as mudanças de opinião que agora decidiu assumir. Que não acuse, ataque e ofenda quem, na coerência das suas posições anteriores, se mantinha na defesa das opiniões que até há pouco tempo outros também defendiam. Que não acuse, ataque e ofenda quem, no uso da legitimidade e autoridade democráticas conferidas pelos Estatutos e pelo Congresso, respeite e faça respeitar a democracia interna vigente no colectivo partidário.

3. Esses membros do Partido têm procurado justificar as suas actividades e posicionamentos como contribuição para a «renovação e reforço do PCP». O mais elementar senso comum e a simples observação das actividades destes membros do Partido constituem o mais evidente desmentido à alegada «preocupação com o Partido» com que têm procurado justificar atitudes ilegítimas e práticas anti-estatutárias.

Na verdade, quem ao longo de meses, reiterada e sistematicamente, tem assumido comportamentos que sabem não só violar regras estatutárias e normas de funcionamento, que durante anos cumpriram e fizeram cumprir em livre e consciente militância política, mas que causam também no colectivo partidário, perturbação, mal estar e desorientação; quem, ao longo de meses, tem lançado sobre o PCP ofensas, calúnias e insultos — de «terrorista» a «clique» — sobre a sua Direcção; quem, ao longo de meses, tem deturpado as posições e orientações do PCP — acusando-o de «preferir a direita» e o «mal maior», e de «impedir a convergência à esquerda» — para o responsabilizar pelo avanço da direita e ilibar o PS e o seu governo pelas políticas de direita que prosseguiu; quem, ao longo de meses, tem denegrido a imagem do PCP e o carácter democrático do seu funcionamento — apelidando-o de «estalinista», «persecutório», «inquisitorial» — avolumando preconceitos contra o Partido, com claros prejuízos para a atracção da sua mensagem e propostas; quem, entre Dezembro de 2001 e Março de 2002, em pleno período eleitoral, não se coibiu de lançar operações de diversão («a convocação de um congresso extraordinário») e divulgou violentas diatribes contra as listas de candidatos do PCP, decididas pelos colectivos partidários competentes, permitindo que os órgãos de comunicação social, em vez de cobrirem as propostas, posições e iniciativas eleitorais do PCP, fossem ocupados por notícias, comentários e análises à sua vida interna; quem, nesse mesmo período, se recusou a usar o enorme espaço mediático que lhes era oferecido para apelar e defender o voto na CDU, antes mostrando, em geral, um incompreensível afastamento e posições ambíguas, que só podiam conduzir ao voto no PS ou no Bloco de Esquerda; quem, após as eleições de 17 de Março, explorou de forma chocante e activa o desgosto e preocupação de milhares de comunistas face aos maus resultados eleitorais e ao regresso da direita ao poder; quem, prolongada e sistematicamente, assim tem agido não pode esperar do colectivo partidário outra avaliação que não seja a de que esta actividade de outro objectivo não teve nem tem que o de causar sérios prejuízos ao Partido, à sua coesão, unidade e funcionamento democrático, à sua imagem e influência política e social, à sua capacidade de intervenção.

4. Esses membros do Partido sabem, por longa experiência partidária própria, que os Estatutos do PCP constituem um instrumento do mais alto valor político indispensável para dar suporte e coesão ao trabalho conjunto de todos quantos, por acto voluntário, optaram pela sua adesão ao PCP.

Bem mais que um elenco de normas e disposições disciplinares, os Estatutos do PCP são um instrumento essencial para garantir a unidade política e orgânica de um partido que, existindo para defen-



# Informação aos militantes do PCP

## Sobre as decisões adoptadas face à violação dos princípios e normas estatutários por parte de membros do Partido

der os interesses dos trabalhadores e do povo e transformar a sociedade, tem na sua organização o principal instrumento de acção política.

Todos e cada um dos membros do Partido devem saber que a aceitação do Programa e dos Estatutos é condição para se ser membro do Partido. Os que abertamente violam e afrontam os Estatutos, fazem-no como se o acto voluntário de inscrição no Partido não comportasse, para todos os que o decidem fazer, um conjunto de deveres e direitos. Como se fosse admissível que num partido alguém pudesse ter todos os direitos e nenhuns deveres. Como se fosse admissível alguém aderir a um partido e querer ter uma intervenção política pública como se fosse independente. Como se fosse admissível confundir e sobrepor direitos constitucionais gerais aos direitos e deveres partidários específicos assegurados nos respectivos Estatutos. Por exemplo, nem a Constituição nem a lei proibem um filiado no partido A de concorrer eleitoralmente pelo partido B, mas ninguém admitirá política e partidariamente que o possa fazer, ou que eticamente tal seja aceitável. Neste caso, o direito constitucional é natural e logicamente limitado pelo dever partidário de não prejudicar o partido em que está inscrito.

Os que, para agirem em desrespeito das regras e normas estatutárias, esgrimem o argumento de que elas não são intemporais ou imutáveis, fazem-no, não porque não saibam que, até serem alteradas (e alteradas de acordo com o pacto político que os Estatutos representam: em congresso e no Congresso realizado conforme esses Estatutos), as regras que vigoram são as que se encontram aprovadas, mas sim porque, na base desse argumento, o que pretendem é poder agir no mais completo vazio de regras e normas a que, enquanto membros do Partido, forçosamente estão vinculados.

**5. Esses membros do Partido sabem da legitimidade democrática e partidária das conclusões do XVI Congresso e da Direcção aí eleita. É de anotar que, com uma única excepção, nenhum desses membros do Partido, até bem recentemente, contestava essa legitimidade. Logo, quando hoje, no quadro da campanha contra o Partido, insinuam ou falam mesmo de «ilegitimidade» e de «assalto à Direcção por uma clique», ofendem todo o Partido, as dezenas de milhares de militantes que, com a sua opinião, contribuíram para a definição da orientação do PCP e a soberania de decisão dos mais de mil e quinhentos delegados eleitos que as aprovaram.**

Não pode deixar de assinalar-se que os que insistem, no mais completo desrespeito pelo quadro normal de funcionamento do Partido, e que procuram impor a ideia de que o partido legítimo seriam todos os que agem à margem dos Estatutos, das estruturas orgânicas e da orientação do Partido, e ilegítima seria a Direcção democraticamente eleita pelo XVI Congresso, são precisamente os que, detrás do secretismo, se autonomaram e constituíram como núcleo dirigente de uma actividade orientada para a criação de tendências e fraccionismo, se não coíbem de recorrer a sítios na Internet para promover, muitas vezes anonimamente, ofensas e calúnias.

Como não pode deixar de observar-se, esta estranha concepção por alguns defendida de que à Direcção do Partido estaria negada a possibilidade de intervir e esclarecer, incluindo através do «Avante!», pois fazendo-o estaria a exercer uma ilegítima pressão, inquirição e intimidação sobre os militantes, enquanto que, para esses membros do Partido, as múltiplas pressões e abordagens sistemáticas que desenvolvem junto de outros militantes para subscrever ou apoiar textos e acções concebidas em círculos de grupo, o não seria.

**6. Esses membros do Partido sabem que o PCP, honrando e nunca negando a sua trajectória de 81 anos de luta, se orgulha e valoriza a contribuição particularmente destacada e desinteressada de gerações de comunistas, a que muitos entregaram a sua vida, pela causa da liberdade e do socialismo.**

Mas isso não pode significar em caso algum que o património individual, de luta, dedicação, coragem e sacrifício, qualquer que seja a sua dimensão, e qualquer que seja o militante a que pertence, seja justificação ou alibi, e muito menos significar o gozo de imunidade face a graves violações estatutárias. Pelo contrário, só pode acrescentar a responsabili-

dade de um mais exemplar respeito pela regras partidárias. Não pode acrescentar direitos a qualquer membro do Partido, apenas lhe confere mais obrigações éticas e políticas.

Concebendo-se como um grande e fraterno colectivo partidário, e valorizando o trabalho colectivo como traço de identidade fundamental, o PCP nunca negou nem apagou o papel e os méritos individuais dos seus membros na construção do Partido e no desenvolvimento da luta. Mas também sempre enunciou uma atitude crítica face à presunção e ao individualismo daqueles que atribuem a si próprios méritos e protagonismos que em rigor não podem ser separados do património de trabalho, de experiência, de reflexão e de interajuda conjunta de todo o colectivo partidário.

Não surpreendem os elogios hoje dispensados a alguns membros do Partido que afrontam sistematicamente a orientação e a Direcção do Partido, os mesmos que eram diminuídos e atacados quando a sua acção se inseria no funcionamento normal do Partido e expressavam publicamente as posições do PCP.

Mas já se estranha e lamenta profundamente auto-elogios presunçosos que tendem a ignorar o colectivo, a medir dedicações e méritos, a cobrar ao Partido autênticas facturas de militância. E tanto mais quanto honrosos passados são utilizados para procurar amesquinhar e denegrir outros dirigentes do Partido, reunir ilegítimamente solidariedades, justificar o afrontamento da orientação e da direcção partidárias.

**7. Ao longo dos últimos meses, e em particular após as eleições autárquicas, tudo foi feito pela Direcção do Partido para que as naturais diferenças de opinião, na avaliação dos resultados eleitorais e das perspectivas para o futuro do PCP, se inserissem e desenvolvessem no natural e lógico debate e apuramento feito, no quadro estatutário e partidário, e segundo as regras da democracia interna que os comunistas definiram.**

Apesar desses esforços da Direcção, e face à decisão última de avançar com processos disciplinares, há quem julgue ainda tais esforços insuficientes, escasso o tempo dado para o debate ou precipitadas as medidas agora tomadas. Independentemente de possíveis limitações, deve dizer-se que se procurou ir tão longe quanto possível na abertura de espaços de debate (acrescentando-os ao enorme e permanente espaço aberto que é o regular e democrático funcionamento do colectivo partidário), na gestão do tempo político possível (mesmo com eventuais prejuízos para a intervenção política do Partido), nos esforços de reversão para o trabalho colectivo de comportamentos e posicionamentos manifestamente contrários ou marginais aos Estatutos.

De facto, logo após as eleições autárquicas, o Comité Central, ao avaliar os seus resultados, em 18 de Dezembro de 2001, apelou «a todas as organizações e militantes para que, fortalecendo a vida democrática interna, animem e participem na necessária reflexão colectiva e individual que contribua para o apuramento de ideias, opiniões e orientações de trabalho (...)».

Em 19 de Janeiro, o Comité Central «reafirma o valor da contribuição de cada militante com a sua reflexão e opinião, e do respeito pelos princípios estatutários decididos democraticamente, que constituem a base de funcionamento do Partido e que a todos obrigam».

Logo após as eleições legislativas de Março, o Comité Central, ao decidir convocar «uma Conferência Nacional do Partido sobre o novo quadro político e tarefas para o reforço da intervenção e influência do Partido», considerou que esta «deverá culminar um largo processo de participação dos militantes do Partido e da expressão das suas opiniões e contribuições (quer nas reuniões dos seus organismos e organizações quer em outras iniciativas de reflexão e debate)».

Em 9 de Abril de 2002, a Comissão Política, em crítica ao chamado «Jantar da Fraternidade», em Lisboa, insiste e apela «a todos os militantes para que, pela sua reflexão e intervenção, contribuam para os trabalhos da preparação da Conferência Nacional e para o reforço orgânico e interventivo do Partido». Apelo que é reiterado pelo Comunicado do Comité Central de 13 e 14 de Abril.

Posteriormente, na Conferência Nacional, quer na intervenção inicial, quer na intervenção de encerramento do Secretário-geral do PCP, quer na Resolução Política aprovada, insiste-se na necessidade «do restabelecimento, de

preferência por atitude voluntária de membros do Partido, dos laços de fraternidade, de solidariedade, de lealdade e a inserção das legítimas opiniões individuais na reflexão e trabalho colectivo que, constituindo um imperativo ético e político decorrente dos Estatutos que todos os membros do Partido, podendo manter discordâncias, se comprometeram a aceitar».

Destaque-se e sublinhe-se que um tema central da campanha movida contra o PCP, e permanente tese e argumento de alguns membros do Partido – a convocação de um congresso como espaço adequado para o debate a fazer – foi analisado na reunião do Comité Central de 19 de Janeiro, que considerou não haver «fundamentos para convocar um congresso extraordinário». No debate preparatório e na própria Conferência, foi novamente levantada a questão, tendo a auscultação feita a título consultivo apoiado e suportado inteiramente a decisão do órgão com competência estatutária para o decidir, o Comité Central. Teria sido democraticamente absurdo e estatutariamente ilegítimo que, em contradição com a vontade largamente maioritária dos membros do Partido e dos diversos órgãos competentes para o decidir, prevalecesse um determinado número de assinaturas em abaixo-assinados, instrumento que, para além de partidariamente inaceitável, é manifestamente impróprio para expressar e apurar opiniões de membros do Partido.

De facto, os sucessivos apelos feitos pela Direcção do PCP à reconsideração de atitudes e esforço para reconduzir ao espaço do debate no Partido comprovadas divergências, que em si testemunham a preocupação de privilegiar o debate político na condução deste processo, encontraram como resposta uma progressiva escalada de afrontamento. Em vez de responderem ao apelo para que, apesar das divergências e diferenças de opinião, contribuíssem para o reforço da democracia interna e da construção da orientação do Partido, como o fizeram dezenas de milhares de militantes, esses membros do Partido preferiram hostilizar abertamente a Conferência Nacional, considerando-a «um acto desesperado» e de «tipo golpista», desvalorizar os seus trabalhos e declarar não só que não reconheciam as suas conclusões, como o seu propósito de continuar a afrontar os princípios orgânicos do Partido e as suas orientações. Alguns membros do Partido reiteraram e insistiram mesmo, nos dias imediatos à Conferência, nas suas invectivas públicas contra a Conferência e a Direcção do Partido.

Atitudes e comportamentos que subiram de tom e gravidade, a partir do momento em que os Organismos Executivos decidiram ouvi-los, ao abrigo do Artigo 60.º dos Estatutos, ao ponto inimaginável de comparar a nota para audição prévia (elaborada a seu pedido) aos «despachos de pronúncia» do regime fascista.

Refira-se a evidente tentativa de esses membros do Partido, ao longo de meses, agitarem a presumível iminência de sanções, como forma de desprestigiar pública e partidariamente a Direcção, e encontrarem novo factor de agregação e envolvimento de outros membros do Partido, em torno das suas teses e movimentações ilegítimas. Pretensas e virtuais sanções foram tema permanente da campanha mediática, tendo desde Janeiro, membros do Partido sido «expulsos» nos jornais semana sim semana não.

Em síntese, não pode dizer-se, em boa verdade, que a Direcção do Partido não assumiu e agiu em todo este conturbado processo, com toda a serenidade, seriedade, contenção e bom senso para, zelando, como é seu elementar dever, pela unidade do Partido, evitar recorrer às normas disciplinares previstas nos Estatutos como medida de último recurso.

**8. As medidas disciplinares não são, como nunca foram, para o PCP um acto administrativo, mas sim, em essência e assumida concepção, uma decisão de conteúdo e dimensão políticas. É esse o sentido e o objectivo que encerram as decisões agora tomadas. Consciente da exploração pública contra o Partido que não deixará de ser feita destas decisões, o Secretariado do Comité Central do PCP está seguro que os membros do Partido as saberão acompanhar e compreender enquanto essenciais à preservação da coesão e da unidade do Partido, condições indispensáveis à sua iniciativa política e insubstituível intervenção na defesa dos trabalhadores e do povo portugueses.**

19 de Julho de 2002

O Secretariado do Comité Central  
do Partido Comunista Português





## Gabinete de Imprensa do PCP Esclarecimentos

Relativamente a um documento entregue no CT Soeiro Pereira Gomes, apresentado por alguns órgãos de informação como se fosse subscrito apenas por «militantes comunistas», o Gabinete de Imprensa esclareceu, no passado dia 17, ser ele constituído «não por assinaturas mas por uma relação dactilografada de nomes, parte dos quais não corresponde a membros do PCP», não podendo «a completa ou integral autenticidade desta relação de nomes» ser garantida por ninguém, na medida em que a sua recolha, feita através de um «site» anónimo na Internet, permitia a qualquer pessoa «subscriver o texto em nome de outra ou com nomes fictícios».

Mais, o Gabinete de Imprensa informou que os nomes de Odete Santos, João Saraiva, Eduardo Costa e Carlos Carvalho, constantes dessa lista, não correspondiam respectivamente aos da deputada do PCP, do Chefe de Gabinete de Grupo Parlamentar do PCP, do responsável pelos professores da Organização Regional de Lisboa e do membro do Conselho Nacional da CGTP-IN.

### Manipulação

Entretanto, face a afirmações de resposta a este esclarecimento, «veiculadas pela imprensa na base de um comunicado de uma entidade comunicada de uma entidade comunicada designada «Tribuna da Indignação»», o Gabinete de Imprensa do PCP divulgou, na sexta-feira, um novo esclarecimento, onde sublinha o seguinte:

«1. A referida resposta é tão-só um desonesto exercício de

manipulação, truncagem e deturpação do esclarecimento do Gabinete de Imprensa do PCP de 17/7 e que em nada responde ao que nele efectiva e inquestionavelmente se afirmava.

2. Com efeito, o Gabinete de Imprensa do PCP esclareceu que parte dos subscritores desse documento não eram membros do PCP não porque os seus promotores o tivesse afirmado mas porque «alguns órgãos de informação» (sic) o tinha apresentado como se todos os seus subscritores fossem «militantes comunistas».

3. O Gabinete de Imprensa do PCP não pôs em causa «a autenticidade» da relação, antes afirmou que «a completa ou integral autenticidade» (sic) dessa relação não podia ser garantida por ninguém, na medida em que parte dessa recolha tinha sido feita por um método que permitia que, eventualmente, uma pessoa subscrisse com o nome de outra ou com um nome fictício, o que não foi desmentido pelos promotores dessa recolha de subscrições.

4. O Gabinete de Imprensa do PCP não afirmou que os nomes de Odete Santos, João Saraiva, Eduardo Costa e Carlos Carvalho eram fictícios ou resultavam de qualquer abuso nem fez «torpes insinuações» seja sobre quem for. Apenas se limitou a informar que esses nomes não correspondiam à subscrição do documento por determinados militantes do PCP que identificava, assim contrariando legitimamente confusões e equívocos em curso que os promotores da referida recolha de subscrições, caso quisessem, bem podiam ter evitado com uma melhor identificação dos subscritores.»

Na informação das sanções a Edgar Correia, Carlos Luís Figueira e Carlos Brito, e ao contrário do que estes fizeram com a Direcção, que sempre teve conhecimento das suas comunicações em primeiro lugar pela imprensa, estamos em condições de esclarecer que o Secretariado tomou todas as medidas possíveis para os contactar.

Assim, o Secretariado enviou a cada um, antes de qualquer publicação, um e-mail, uma carta por mão própria, uma carta por express mail e foi feito ainda um telefonema para a casa ou telemóvel dos próprios. Isto é, o Secretariado utilizou quatro vias para contactar os visados.

# Informação aos militantes do PCP

## Comunicado do Secretariado do Comité Central do PCP

1. Na sequência e em conclusão do processo de audição aos membros do Partido em causa para efeitos do art.º 60.º dos Estatutos, o Secretariado do Comité Central do PCP informa que lhes foram hoje comunicadas as suas decisões de aplicar as sanções de expulsão a Edgar Correia e Carlos Luís Figueira e de suspensão por dez meses da actividade partidária a Carlos Brito, previstas respectivamente nas alíneas d) e e) do n.º 2 do art.º 63.º dos Estatutos.

As sanções de expulsão, por haver competência delegada em relação a esta medida, foram ratificadas pela Comissão Central de Controlo. A medida disciplinar referente a Carlos Brito, por não haver competência delegada, será sujeita a ratificação na primeira reunião do Comité Central a convocar.

Estas decisões foram tomadas após a prévia audição daqueles três membros do PCP que, por escolha dos próprios, revestiu a forma de resposta escrita, e após a consideração e ponderação dos argumentos que invocaram.

2. Estas decisões, de que existe recurso para o Comité Central do PCP e em que entraram em linha de conta circunstâncias, factores e graus de responsabilidade diversos, fundamentam-se na **apreciação de que aqueles membros do Partido se tornaram responsáveis por um grave conjunto de atitudes, comportamentos e afirmações públicas que se traduziram, de forma persistente e prolongada ao longo de seis meses, num reiterado desrespeito de regras e princípios estatutários essenciais, de afrontamento sistemático e público de orientações e decisões dos órgãos legítimos de direcção do PCP, de estímulo e envolvimento em actividades de grupo contrárias às regras de funcionamento democrático do Partido**, ofendendo assim elementares deveres de solidariedade e lealdade com os outros membros do Partido e causando assim consideráveis prejuízos à imagem do PCP e à sua luta política e eleitoral.

3. O Secretariado do Comité Central regista que os membros do Partido em causa, numa completa inversão do que foram até há não muito tempo as suas concepções, opiniões e interpretações sobre estas matérias, sustentaram de forma idêntica ou similar nos processos de audição que as suas atitudes, comportamentos e declarações públicas se inseriram meramente no exercício da sua liberdade de expressão e não representaram qualquer violação das regras ou princípios dos Estatutos ou dos seus deveres enquanto militantes do PCP.

4. O Secretariado do Comité Central do PCP **rejeita frontalmente a acusação de que as sanções aplicadas a estes três membros do PCP representem sanções por alegado «delito de opinião»**. E rejeita de igual modo as concepções expostas por estes membros do Partido que invocam a «liberdade de expressão» em termos tão latos e indefinidos que, para além da legitimação de insultos veiculados, conduziram a legitimar e proteger a persistente violação de todas as regras, princípios e deveres consagrados nos Estatutos e em relação aos quais, podendo manter discordâncias, se comprometeram a aceitar e respeitar como todos os outros membros do Partido.

A este respeito, importa **recordar que na preparação e realização final tanto do XVI Congresso como da recente Conferência Nacional do PCP vários militantes do PCP exprimiram e manifestaram opiniões fortemente contrastantes (até com visibilidade pública) com as defendidas pela direcção do PCP e, como é indiscutível, não foi desencadeado nenhum processo de natureza disciplinar a qualquer membro do Partido por essa razão.**

5. O Secretariado do Comité Central recorda o grave significado e consequências do facto de os dois membros do Partido a quem foi aplicada a sanção de expulsão, não apenas se terem recusado a escutar todos os apelos que foram dirigidos para cessarem as suas atitudes e comportamentos de confrontação e se integrarem na vida democrática do Partido, mas também **logo após a realização da Conferência Nacional do PCP, e**

**apesar dos apelos também aí feitos, terem reiterado publicamente o seu propósito de continuar a desenvolver as suas actividades estatutariamente irregulares e manifestamente prejudiciais para o PCP e que por isso provocam uma forte e compreensível indignação na generalidade do colectivo partidário.**

Recorde-se a este propósito que a Conferência Nacional do PCP foi convocada e organizada de modo a permitir uma ampla discussão e debate em todas as organizações do Partido, que nesse debate todos os membros do Partido tiveram inteira liberdade de defender os seus pontos de vista (incluindo na «Tribuna» para o efeito criada no «Avante!»), que não foi formulada qualquer reclamação quanto a qualquer caso de negação da liberdade de voto ou de proposição de candidaturas na eleições de delegados à Conferência e que nesta os delegados se expressaram livremente e decidiram democraticamente sobre as questões em discussão e sobre a Resolução Política proposta.

Nestes termos, torna-se evidente que, ao enunciarem a intenção de prosseguirem com as suas anteriores atitudes e actividades, Edgar Correia e Carlos Luís Figueira **passaram da contestação (não poucas vezes em termos caluniosos e ofensivos) à direcção do PCP para o frontal desrespeito pelas conclusões e decisões de uma importante instância democrática de decisão colectiva como foi a Conferência Nacional do PCP, consagrando assim a sua não aceitação do princípio básico (existente nos Estatutos de todos os partidos) do respeito pelas decisões da maioria.**

6. O Secretariado do Comité Central reafirma a evidência, sempre artificialmente ocultada por alguns membros do Partido, de que a persistência das atitudes e actividades que deram origem às sanções agora aplicadas representaria um considerável factor de desagregação do PCP e por maioria de razão, caso os alegados «direitos» que alguns membros do Partido reclamam para si próprios se estendessem, como seria então curial, a todos os membros do Partido que, com os mais variados sentidos e objectivos, se passassem a agregar por afinidade de opiniões e por espírito de grupo ou tendência, assim liquidando qualquer solidariedade, coesão e acção comum entre os militantes do PCP.

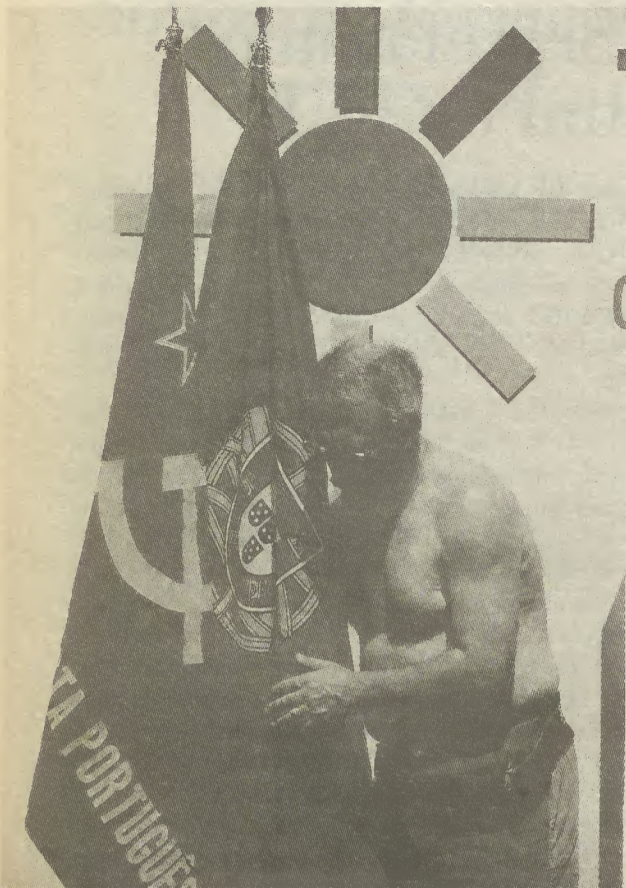
7. O Secretariado do Comité Central lamenta a atitude daqueles que, como Edgar Correia, Carlos Luís Figueira e Carlos Brito, tendo todas as razões e experiência para saberem que as suas atitudes e comportamentos, até pelo seu **carácter sistemático e prolongada duração**, não poderiam ser eternamente tolerados, acusam agora a direcção do PCP de enveredar por questões internas numa conjuntura em que o PCP podia e devia afirmar-se no combate ao Governo da direita.

Com efeito, além de se recordar que não há em Portugal outro partido que, neste momento, combata tão forte e activamente a política do Governo do PSD e do CDS, é preciso recordar que têm sido os que agora formulam esta crítica que **desde há seis meses, quase dia sim dia não, intervêm publicamente não no combate à direita mas na veiculação de ataques e deturpações à orientação e à direcção do PCP**, com os correspondentes prejuízos para as tarefas e intervenção do PCP.

8. Ao anunciar estas decisões, que **desejaria não terem sido necessárias e que poderiam ter sido evitadas não fosse a críspação e a escolha de um caminho de inadmissível confrontação por parte dos visados**, o Secretariado do Comité Central, respeitando apreensões e mesmo discordâncias que são compreensíveis numa matéria tão complexa e dolorosa, **apela a todos os membros do Partido para que, com a sua opinião, convicções, trabalho e esforço, e com o reforço dos laços de solidariedade, respeito mútuo e fraternidade entre os comunistas, contribuam para que o PCP possa desempenhar com honra e eficácia as acrescidas responsabilidades que a actual situação e problemas do País lhe coloca.**



# Informação aos militantes do PCP



## Resolução da Comissão Central de Controlo sobre as sanções disciplinares decididas pelo Secretariado do CC

1. A Comissão Central de Controlo, reunida no dia 19 de Julho de 2002, analisou, no âmbito das suas competências estatutárias estabelecidas no n.º 4, do art.º 34.º e n.º 4, do art.º 63.º, e das competências que lhe foram delegadas pelo Comité Central, por resolução aprovada na sua reunião de 3 e 4 de Fevereiro de 2001, ao abrigo dos art.º 63.º, n.º 3 e 68.º, os fundamentos aduzidos pelo Secretariado do Comité Central para a aplicação da sanção disciplinar de expulsão do Partido a Edgar Maciel Almeida Correia e Carlos Luís Carrapato Figueira.

2. A Comissão Central de Controlo conclui que as sanções se justificam pelas graves e reiteradas violações das normas estatutárias praticadas por Edgar Maciel Almeida Correia e Carlos Luís Carrapato Figueira.

3. A Comissão Central de Controlo delibera ratificar as sanções disciplinares decididas pelo Secretariado do Comité Central a Edgar Maciel Almeida Correia e Carlos Luís Carrapato Figueira.

4. A Comissão Central de Controlo foi informada pelo Secretariado do Comité Central da decisão referente a Carlos Alfredo de Brito.

5. A Comissão Central de Controlo autoriza igualmente a publicitação das referidas sanções decididas pelo Secretariado e por si ratificadas.

6. A Comissão Central de Controlo apela a todos os membros do Partido para que se empenhem na actividade partidária e contribuam para o reforço e o prestígio do Partido, no respeito pelos princípios e normas estatutárias, como prática livremente assumida, rejeitando as tentativas para sobrepor as posições de grupo às posições e acções do colectivo partidário, condição essencial para a coesão do Partido.

19 de Julho de 2002

A Comissão Central de Controlo do Partido Comunista Português

**O** comportamento partidário de Edgar Correia, Carlos Luís Figueira e Carlos Brito, com a promoção e participação em iniciativas políticas públicas à margem e em oposição à estrutura orgânica e aos Estatutos do PCP, e em várias entrevistas e declarações contrários a orientações colectivamente decididas, levou à aplicação de sanções pelos órgãos competentes do Partido.

Na resenha que agora se publica – e que está longe de ser exaustiva – pode acompanhar-se, através das declarações dos próprios, a evolução seguida por Edgar Correia, Carlos Luís Figueira e Carlos Brito. Sem comentários.

## Palavras de ontem...

«É irregular e condenável que quaisquer militantes expressem e procurem difundir ideias fora das organizações a que pertencem. É irregular e condenável que veiculem para órgãos de comunicação social informações que possam alimentar campanhas contra o PCP.»

Edgar Correia - JN, 18/01/88

«Compreendemos que os nossos inimigos digam que o PCP está em declínio, dizem isso porque gostariam que ele enfraquecesse.»

Edgar Correia - JN, 18/01/88

«Não podemos dividir os militantes do PCP em dois sectores, os críticos e os não críticos. Todos os militantes são críticos e até autocríticos quando necessário. (...) Mas importa reconhecer que há militantes que não inserem na forma normal de funcionamento do partido a sua intervenção política. Daí que tenhamos problemas com actividades que classificámos de fraccionárias.»

Edgar Correia - O Liberal, 20/01/90

«O que posso dizer é que Vital Moreira fala de um congresso mas certamente não é um congresso do PCP que quer.»

Edgar Correia - O Liberal, 20/01/90

«(...) Ora, ao vir de novo com propostas de comissões organizadoras, ao vir levantar insinuações quanto à representatividade dos delegados eleitos pelas organizações, Vital Moreira está-se a colocar cada vez mais à margem do funcionamento e da vida do PCP.»

Edgar Correia - O Liberal, 20/01/90

«Os militantes do PCP têm muitos direitos mas também têm deveres, e um deles é respeitar a vontade do colectivo.»

Edgar Correia - O Liberal, 20/01/90

«Antes do mais, importa sublinhar que só é militante do PCP quem o quer ser. Mas se o é e enquanto o é deve respeitar as regras do partido a que pertence.»

Edgar Correia - O Liberal, 20/01/90

«É preciso sublinhar a importância que tem tido para a vida do nosso Partido a teoria em que apoiamos a nossa actividade - o marxismo-leninismo...»

Edgar Correia - O Militante, 03/91

«Como também a vida do PCP não é caracterizada por círculos fechados de discussão resumidos ao seu organismo, em que as pessoas só têm acesso à opinião dos outros no círculo estreito em que funcionam. O que caracteriza a vida do PCP é uma multifacetada forma de discutir, que não se resume à célula, mas que tem a reunião da célula, reuniões gerais de militantes, conferências, debates, uma multiplicidade de formas organizativas que permite a um membro do PCP, independentemente da célula em que participe, formar e contribuir para a formação de uma opinião colectiva, e exprimir a sua opinião diversa e diversificada.»

Carlos Luís Figueira - Avante!, 19/04/90

«E a forma não é necessariamente a de exprimir fora do Partido, a coberto de órgãos de comunicação social que não abrem ao Partido, a expressão da sua própria opinião, opiniões sistematicamente de crítica e de pôr em causa a orientação decidida pelo grande colectivo. Isto é que não é possível. Porque isto não conduz à coesão, nem à unidade interna, nem à uni-

cont. na pág. 11

## ... e de hoje

«Não há qualquer impedimento à expressão de opinião política pública por parte de membros do partido (...). Nunca foi assim.»

Edgar Correia - Público, 12/04/02

«Há comunistas que hoje equacionam o problema [o da refundação do PCP]. É necessário, de facto, uma alteração de fundo. Essa alteração de fundo necessita estar ligada ao percurso próprio do Partido e a um novo paradigma comunista que está em gestação. (...) No fundo, a renúncia ao projecto revolucionário de Outubro e que reconsidere o que deve ser o projecto comunista.»

Edgar Correia - Público, 12/04/02

«Há um grupo na direcção do PCP que está associado a práticas de natureza fraccionária no PCP.»

Edgar Correia - Público, 12/04/02

«O meu juízo é que a actual direcção está esgotada do ponto de vista político e ideológico.»

Edgar Correia - Público, 12/04/02

«Eu acho que o tempo de validade da actual direcção chegou ao fim e que precisamos de um congresso para eleger e para dar uma nova credibilidade e legitimidade à direcção do partido.»

Edgar Correia - Público, 12/04/02

«Os elementos que estiveram na mesa do Hotel Roma foram expulsos por terem promovido uma reunião do PCP e, por isso, infringido os estatutos.

Hoje penso que foi errada a adopção de medidas de natureza disciplinar para tentar enfrentar a manifestação de diferenças de opinião.»

Edgar Correia - Público, 12/04/02

«Penso que tem sido bastante negativo, em relação à necessidade de renovação do PCP, que alguns que no passado defenderam essa renovação depois tivessem manifestado, no seu percurso, que andavam à procura de um outro rumo político. Mas isso não altera o meu juízo de que foi errado recorrer à disciplina partidária (...).»

Edgar Correia - Público, 12/04/02

«O PS não precisará neste momento que mais comunistas passem para as suas fileiras, diluindo-se neste partido. O que o (...) PS necessitará é de ter ao lado um interlocutor válido, com força, abertura e capacidade de negociação política, que é o PCP.»

Carlos Luís Figueira - Barlavento, 24/04/02

«Falta ao PCP, hoje, uma análise aprofundada à sociedade onde vive, e também saber como esta vê os comunistas e o que entende sobre o comportamento, a proposta, a utilidade do partido. (...) Precisamos, não de ter uma visão pouco reflectida ou torcer os problemas com fraseologia de pseudoclassemas, mas de, nós próprios, aprofundarmos muito mais esta realidade para podermos responder.»

Carlos Luís Figueira - Barlavento, 24/04/02

cont. na pág. 11



# Informação aos militantes do PCP

## Palavras de ontem...

dade de acção, nem ainda ao reforço do prestígio e da autoridade que o Partido tem de ter...»

**Carlos Luís Figueira - Avante!**  
19/04/90

«Há no centralismo democrático, um princípio de funcionamento orgânico de um Partido com um conteúdo e uma prática revolucionária de grandes transformações sociais, a necessidade de garantir uma única direcção e uma única orientação para a sua própria actividade. (...) Porque os objectivos que preconiza estão profundamente associados às suas formas de funcionamento. (...) Não seria possível um Partido que se propõe alterar não pequenos aspectos da sociedade (...) se não garantisse esse pressuposto. (...) Não será certamente possível materializar esse objectivo (...) se nos confundirmos nas nossas práticas políticas e no exercício da vida partidária com qualquer dos outros partidos.»

**Carlos Luís Figueira - Avante!**  
19/04/90

«O que se passa neste momento é que a exacerbação do individualismo conduz à necessidade de ele se expressar de forma organizada. E também associada à exacerbação do individualismo, a ideia de que não se pode fundir no colectivo. Tem de ter uma voz própria, uma expressão própria, um rosto próprio. Isto conduz necessariamente à crispação das ideias, à organização de lideranças diversas (...) conduz ao estiolamento e não ao aprofundamento necessário do debate.»

**Carlos Luís Figueira - Avante!**  
19/04/90

«Decide-se num congresso uma determinada orientação no respeito de um amplo debate que o antecedeu (...) Não é legítimo desprezar esse enorme património para dizer eu é que tenho razão, estes milhares de militantes que discutiram não têm razão.»

**Carlos Luís Figueira - Avante!**  
19/04/90

«A falta de escrúpulos e a sofreguidão facciosa de que os governantes do PS estão a dar mostras não ficam nada a dever às que criticaram na governação PSD. (...) Ao "Estado laranja" sucede assim a facciosa fúria cor-de-rosa.»

**Carlos Brito - Avante!**, 03/07/97

«O principal traço caracterizador da acção do PS desde que voltou ao Governo é a sua aliança com os partidos da direita, PSD e PP (...). Não pode é contar que o PCP lhe ampare o jogo quando não tem ou não quer usar as muletas da direita (...)»

**Carlos Brito - Avante!**, 10/07/97

«(A Revolução de Outubro) mantém plena actualidade, pois continua a compreender a questão central do nosso tempo - a indispensabilidade da superação do capitalismo intrinsecamente injusto e a efectiva alternativa que é o socialismo.»

**Carlos Brito - Avante!**, 11/09/97

«(...) À medida que foi cedendo à direita e realizando a sua política, o PS foi-se deixando enovelar em processos que o ataram de pés e mãos e o colocaram na completa dependência da direita.»

**Carlos Brito - Avante!**, 12/03/98

## ... e de hoje

«O problema do PCP não é só de secretário-geral: é um problema de estrutura e composição de direcção. É também um problema de funcionamento e de proposta política.»

**Carlos Luís Figueira - Barlavento**, 24/04/02

«São por isso pertinentes e ajuizadas as vozes dos que reclamam que se abra, sem exclusões, um amplo debate para que através dele se possam, com profundidade, analisar (...) a natureza da política de alianças, o posicionamento do PCP face ao poder, o relacionamento e a proposta para os sectores mais jovens e dinâmicos da sociedade, o Programa e os Estatutos, os métodos de funcionamento, as estruturas de direcção, entre outros aspectos (...)»

**Carlos Luís Figueira - Barlavento**, 28/03/02

«(...) tal debate deveria culminar com a realização de um congresso, único órgão que estatutariamente tem legitimidade para poder alterar o que pode estar em causa.»

**Carlos Luís Figueira - Barlavento**, 28/03/02

«Este jantar é um bom prenúncio de algo imparável que é o movimento de comunistas que querem a reorganização interna do PCP.»

**Carlos Luís Figueira - Público**, 08/04/02

«(...) uma vida inteira de dedicação ao

Partido (...) não pode ser matéria descartável pelas conveniências sectárias do grupo de militantes que num determinado período constitui a direcção.»

**Carlos Brito - DN**, 01/02/02

«A constituição actual do órgão máximo partidário entre congressos (tanto pelo número, como pela composição) está muito longe de reflectir o partido que ainda somos e representa a mais concludente demonstração da necessidade de alterar profundamente o método da sua eleição.»

**Carlos Brito - DN**, 15/06/2002

«[Carlos Brito acusa a direcção comunista] de estreiteza de visão, cega subestimação da direita, tratada de forma escandalosamente benigna, e tendência para o enconchamento soturno de quem anda sempre à coca do inimigo interno.»

**Carlos Brito - DN**, 15/06/2002

«É indispensável que se ponha imediatamente termo às acusações de fraccionismo e restante cassetete que costuma acompanhá-las, bem como de outras expressões insultuosas que da parte da direcção do partido têm sido dirigidas a quem assume publicamente posições discordantes e críticas.»

**Carlos Brito - DN**, 15/06/2002

«Mas o movimento renovador é amplo e tem uma profundidade nunca vista anteriormente.»

**Carlos Brito - Visão**, 04/07/02

## Pontos de vista 1

«Acho que é negativo para a governabilidade de que exista um Partido que tenha um peso eleitoral que nunca contribui para a governabilidade à esquerda e que só contribui, na prática para forçar a governabilidade de direita.»

**António Costa - D.E.**, 15/01/02

«... ao encostar sistematicamente o PS à direita (...) o PCP tornou-se também co-responsável pelo desastre em que se saldou o inglório fim do guterismo.»

**Vital Moreira - Público...**

«Sem que exista uma mudança efectiva no PCP, é difícil governar bem sem maioria absoluta.»

**António Costa - D.E.**, 15/01/02

«Há três princípios de que não prescindirei: ... o princípio da estabilidade e consolidação orçamental (...) o princípio do aprofundamento da construção europeia...»

**Ferro Rodrigues - Visão**, 17/01/02

«A reforma do sistema político tem de desempenhar um papel-chave na renovação da confiança dos portugueses (...) metade dos deputados serão eleitos por círculos uninominais (...) o que poderá ser feito com a redução do número de deputados.»

**Moção Renovar a Maioria - Ferro Rodrigues**

«Qualquer aliança parlamentar ou governamental deve respeitar três princípios básicos muito sólidos... Neste momento o PCP está fora das principais condições.»

**Ferro Rodrigues - El País**, 4/02/02

«A esquerda perdeu a oportunidade de modernizar país e a "culpa é do PCP".»

**Ferro Rodrigues - El País**, 4/02/02

«... (da parte do PCP) continua a não existir qualquer aspiração para influir positivamente num futuro governo.»

**Ferro Rodrigues - El País**, 4/02/02

«... o PCP foi incapaz de abster-se na votação dos orçamentos...»

**Ferro Rodrigues - El País**, 4/02/02

«Não creio que o PCP e o BE estejam dispostos a suicidar-se, a cindir-se ou a votar o Orçamento de Estado a troco de coisa nenhuma.»

**Manuel Alegre - Expresso**, 24/02/01

«... ficareis (a direcção) com a responsabilidade dos previsíveis maus resultados...»

**Carlos Guedes - Público**, 15/01/02

«Outro suicídio colectivo teve lugar na Soeiro Pereira Gomes.»

**José António Saraiva - Expresso**, 26/01/02

«Os partidos políticos não correspondem às exigências da sociedade, têm falta de democraticidade e qualquer reforma do sistema político passa, antes de mais, pela reforma dos partidos.»

**Jorge Miranda - JN**, 29/01/02

«Não deveis enveredar pelo caminho suicida...»

**Carlos Guedes - 15/01/02**

«Nem eu nem o ministro Pina Moura defendemos uma aliança com o PCP tal como está (...) O que é essencial é que à esquerda do PS se manifeste no Parlamento uma força política com posições modernas e europeias que lhe permitam contribuir para a governabilidade, seja ela o PCP ou outra qualquer, existente ou a criar.»

**António Guterres - Visão**, 01/02/01

«À nossa esquerda há 10% de eleitorado cuja representação na AR não tem contribuído para a governabilidade.»

**António Guterres - Visão**, 01/02/01

«... filiado na velha tendência hierárquica piramidal dos aparelhos partidários. É preciso construir a renovação não de cima para baixo, mas de baixo para cima, se é que há "cima" e "baixo" em organizações modernas, plurais e em rede.»

**Helena Roseta - Público**, 27/03/02

## Pontos de vista 2

«O PCP não devia acompanhar a furiosa campanha de "Abaixo o Governo" em que a direita se lançou à meses.»

**Carlos Brito - D.N.**, 18/01/02

«(...) isso implica que o PCP abandone a tese "PS igual a PSD", que com tanto entusiasmo tem defendido ao longo dos últimos dois anos.»

**Carlos Brito - D.N.**, 18/01/02

«(...) a defesa dos direitos dos trabalhadores (...) só se alcança sustentadamente com um programa económico e social, que incorpore as potencialidades e condicionantes do país (incluindo quanto aos défices orçamentais e de dívida pública (...))»

**J. Amaral / E. Correia - Expresso**, 19/01/02

«O PCP não pode continuar a estar sempre contra o patamar seguinte da UE...»

**J. Amaral / E. Correia - Expresso**, 19/01/02

«Uma atitude conservadora e imobilista (a propósito da reforma do sistema político) é insustentável, quando se degrada a qualidade da democracia e a intervenção dos cidadãos se reduz.»

**J. Amaral / E. Correia - Expresso**, 19/01/02

«... a direcção do PCP e a oposição realizada elegeu o PS como inimigo principal.»

**Edgar Correia - El País**, 4/02/02

«... Os que actuam assim preferem a direita no Governo, com a ideia de quanto pior melhor para disputar a influência do PS.»

**Edgar Correia - El País**, 4/02/02

«As consequências para o PCP desta desastrosa decisão terão inequivocamente uma repercussão que extravasa o círculo do Porto com consequências eleitorais que podem ser muito negativas. As quais, a verificarem-se, terão de ser assacadas (...) aos

organismos e executivos que compõem a direcção do PCP.»

**Carlos Luís Figueira - JN**, 31/01/02

«Tendo a demissão de António Guterres e a consequente queda do Governo conduzido à (praticamente decidida) realização antecipada de eleições...»

**Edgar Correia - Público**, 26/12/01

«A qualidade da democracia representativa depende evidentemente da situação existente nos partidos e do seu funcionamento transparente e democrático. Sendo a situação dos partidos no nosso país a que está à vista de todos os portugueses...»

**Edgar Correia - Público**, 05/02/02

«Porque não foi expressa logo a seguir (a disponibilidade de futuras convergências agora manifestada pelo PCP) à demissão do Primeiro-ministro, o que teria aberto a um caminho (...) sem necessidade de realização antecipada de eleições...»

**Edgar Correia - Público**, 5/02/02

«... a desadequação das análises e das propostas política em relação à situação real do país (...) não deixará de produzir adiante novas frustrações e dificuldades. Ao mesmo tempo irá reabrir novas oportunidades (e necessidades) de intervenção política e social...»

**Edgar Correia - Público**, 05/03/02

«Até 17 de Março, não há muitas dúvidas a tirar e muito esclarecimento político ainda a fazer?» Interrogação deixada em final de artigo depois de ter agigantado os perigos da direita.

**Edgar Correia - Público**, 05/03/02

«Quem apadrinhar as sanções, ficará em causa. Portanto, mais dia, menos dia, cairá. Não se participa nisto sem grandes consequências.»

**Carlos Brito - RTP**, 17/07/02 (citado no D.E., 18/07/02)



## PRAIAS DO SADO Contra encerramento de farmácia

O encerramento da Farmácia de Praias do Sado é um acto de deliberado desrespeito pelos interesses e necessidades da população, na maioria gente idosa que não tem meios para se deslocar a outro local, diz, indignada, a Comissão de Freguesia do Sado do PCP, para quem o fecho da Farmácia se inscreve no quadro da política do Governo, que faz «tábua rasa» dos direitos sociais.

Há um ano, a população conseguiu evitar com o seu protesto que a proprietária consumisse o encerramento a Farmácia, acabando o INFARMED por não dar provimento a tal intenção, atitude então saudada pelo Ministério da Saúde. Defendendo, tal como a população, a instalação de uma Farmácia na mesma localidade, o PCP garante que usará todos os meios legais ao seu dispor para exigir a reabertura da Farmácia, «convergindo em todas as circunstâncias» com a luta da população.

## DAMAIA Novo atentado à liberdade

A liberdade volta a ser atacada no concelho da Amadora. Depois de a Câmara Municipal ter mandado retirar propaganda da JCP, foi agora a vez de um grupo de «desconhecidos» retirar, na noite do dia 9, um pano que os moradores haviam colocado na Praceta Irene Lisboa, na Damaia, a denunciar a política de realojamento do presidente da Câmara/PS Joaquim Raposo.

Um acto de «censura política inadmissível», diz a Comissão de Freguesia da Damaia do PCP solidária com os moradores e repudiando a solução «prepotente» - contentores - encontrada por Joaquim Raposo para alojar várias famílias que actualmente vivem na futura «Urbanização do Neudel».

## ALPIARÇA Venda do Avante!

A organização de Alpiarça promoveu, há pouco mais de uma semana, uma acção de rua para a venda do Avante! com a participação de cerca de uma dezena de militantes. Estiveram no Mercado do Carril, junto dos seareiros, na Rua José Relvas, junto dos Águias, nos cafés e no Mercado Municipal, acabando a jornada junto do Ecomarché, tendo vendido praticamente o número de cem jornais que haviam estabelecido como meta. Para além da venda de jornais, esta iniciativa permitiu à organização contactar com a população e recolher assinaturas de repúdio pela atitude intolerante da Câmara.

## PÓVOA DE VARZIM Contra portagens do IC1

As Comissões Concelhias de Póvoa de Varzim e de Vila do Conde do PCP estão contra a cobrança de portagens na IC1, uma vez que não existem alternativas a esta via. Trata-se de uma posição absurda, dizem as concelhias do PCP, já que a Nacional 13 é «uma estrada com uma grande parte do seu percurso dentro de localidades, com cruzamentos, semáforos e uma série de obstáculos que impedem a circulação com a fluidez necessária», o que, aliás, levou a que a população se habituasse a circular pelo IC1.

«Mais surpreendente», porém, é a defesa que o autarca, da Póvoa de Varzim, dr. Macedo Vieira fez das portagens, prosseguem os comunistas, para quem o presidente da Câmara «não está a defender os interesses dos povoíros» mas, sim, a «tentar justificar o injustificável», ou seja, a proposta do Governo.

# Defender a unidade do Partido Prosseguir a luta

**D**esde há largo tempo que o Partido enfrenta uma forte, persistente e diversificada campanha de desvirtuamento daquelas que são as suas orientações, práticas e princípios, visando ferir o seu prestígio, fragmentar a sua unidade e dificultar a sua intervenção política.



Rui Fernandes  
Membro  
do Secretariado

Essa campanha tem assente a sua acção num conjunto de actividades promovidas por alguns membros do Partido em aberto confronto com o colectivo partidário e à margem da estrutura orgânica do Partido.

Sabe quem assim tem agido que divergência de opinião não é condicionante de nada no Partido, até porque, desde logo, não existem no Partido condicionamentos às próprias opiniões.

Sabe quem assim tem agido, bem como o colectivo partidário, dos reiterados apelos feitos à inserção das

Sabe quem assim tem agido, bem como o colectivo partidário, que a história do Partido é também a história da sua renovação, segundo as alterações nas situações concretas em que actua, rejeitando as conselheiras renovações da sua identidade, natureza de classe e ideologia, como ficou mais uma vez concluído no XVI Congresso.

Falamos, portanto, de muitos meses em que todos, mas todos, sabemos o que é aceitável e o que é inaceitável, nalguns, até, chocante. Não há vitimização que apague fac-

tos consubstanciados num vasto conjunto de atitudes e comportamentos que são do domínio público.

Agora, a pretexto das medidas que foram tomadas, no escrupuloso cumprimento dos princípios estatutários, continuarão a chover

sobre o Partido pressões, deturpações e outras falsidades. Hoje como ontem, o colectivo partidário saberá com serenidade, responsabilidade e firmeza travar o combate necessário, desde logo o combate do esclarecimento contra a mentira; o combate que, não confundindo opiniões com comportamentos e atitudes, afirme o Partido, cuide da sua unidade e o lance mais intensamente na resposta necessária à ofensiva da direita.

## “O colectivo partidário saberá travar o combate do esclarecimento contra a mentira”

opiniões no quadro do normal funcionamento partidário. Mas os factos o que foram mostrando foi um crescente conjunto de atitudes de afrontamento, devidamente mediatisados e dramatizados, às orientações e decisões do Partido, nalguns casos até, com recortes ofensivos e caluniosos.

Sabe quem assim tem agido, bem como o colectivo partidário, da legitimidade e democraticidade do XVI Congresso e da Direcção eleita.

## Reflectir sobre o presente

O Partido, este Partido, com os seus 81 anos de história, com o seu património político e ideológico, com o abnegado trabalho militante de muitos milhares de membros do Partido, das mais modestas tarefas às de maior responsabilidade, em estreita ligação com o povo e os trabalhadores, saberá manter-se de pé, firme, convicto e confiante no seu futuro e no papel insubstituível que desempenha na sociedade portuguesa.

A memória e a reflexão sobre a presença e a luta do Partido na sociedade portuguesa assumem um grande valor e importância para o debate político dos nossos dias, para a reflexão sobre o nosso presente, sobre as nossas tarefas, sobre o que somos e o que queremos continuar a ser, sobre as forças, energias e valores com que contamos.

Não se trata evidentemente de evocar glórias de um passado mais ou mais recente ou distante para nos protegermos da dureza e complexidade das questões com que estamos confrontados. Trata-se, antes, de potenciar um património vivo e actuante de forma a não permitir análises ligeiras e sentenças arrogantes.

Ao contrário das inúmeras caricaturas sistematicamente lançadas contra o Partido, não afirmamos a nossa identidade, coerência e firmeza numa atitude autista e muito menos suicida. Ao contrário, afirmamos e profundo desejo de viver e lutar para assegurar um futuro livre, democrático, de bem-estar e progresso ao povo português.

Ao contrário das caricaturas e anátemas que sobre nós lançam, somos e queremos ser um Partido para o nosso tempo. O Partido Comunista Português.





# Nova lei de gestão hospitalar Por um debate transparente

Com a aprovação da nova lei de gestão hospitalar, o Governo pretende avançar com a privatização da saúde em Portugal, denunciou, na semana passada, Bernardino Soares, membro da Comissão Política do PCP.

Em conferência de imprensa, realizada no CT Soeiro Pereira Gomes, o dirigente comunista começou por lembrar as graves condições económicas e financeiras em que diversas unidades privadas se encontram, que «deixa sem sustentação o mito da eficácia da gestão privada».

Quanto às afirmações do primeiro-ministro no sentido da existência de problemas de gestão nas unidades públicas, diz que os há, de facto, mas «nada impede o Governo de tentar resolvê-los». E no que respeita ao facto de as nomeações na gestão pública obedecerem a critérios diver-

sos do da competência, afinal, foi o Governo PSD - com Durão Barroso como ministro - «que instituiu o regime da nomeação governamental para cargos de gestão no Serviço Nacional de Saúde que ainda hoje vigora e que aplicou vezes sem conta».

Mas, para o PCP, também os trabalhadores são alvo desta «operação privatização», já que o sector privado não deixará de exigir a diminuição dos seus direitos, de forma a ver garantida uma maior disponibilidade de profissionais a mais baixo custo e descartáveis e, sobretudo, sem a concorrência de um sector público que os defenda e valorize.

Na verdade, a pretexto de que «primeiro estão os doentes», o Governo tenta criar a ideia de que com a penalização dos trabalhadores resultará num melhor atendimento, quando o que se passa é o contrário: quanto maior a instabilidade e insegurança dos profissionais e menor a resistência a orientações que sacrificam a saúde a critérios economicistas, «pior serão os serviços prestados aos utentes», garantem os comunistas.

## Oito desafios

Entretanto, a aprovação desta lei na generalidade fez-se com «escassíssimo debate» e sem que o Governo, antes da elaboração da proposta, tivesse ouvido os representantes dos trabalhadores e outras entidades representativas do sector. É, pois, necessário que os portugueses saibam o que ela põe em causa, diz o PCP, apresentando oito desafios ao Governo, o primeiro dos quais no sentido de que «aceite discutir regras alternativas dentro do regime público».

O PCP quer, ainda, que o Governo esclareça o significado da criação de um novo tipo de receitas próprias dos hospitais provenientes do «pagamento dos actos e actividades efectivamente realizados, através de uma classificação de actos médicos, técnicas e serviços de saúde, a consagrar numa tabela de preços de referência» e que

## Em defesa do SNS

A Direcção da Organização Regional de Lisboa do PCP promoveu, na quinta-feira passada, com a participação de Bernardino Soares, presidente do Grupo Parlamentar comunista, uma jornada de esclarecimento e mobilização em defesa do Serviço Nacional de Saúde e contra a intenção do Governo de privatizar os hospitais «para satisfazer os interesses e ambições dos grandes grupos económicos».



demonstre a necessidade de uma maior precariedade laboral, designadamente tendo em conta a insuficiente formação de profissionais e o regime de «congelamento» de vagas.

A avaliação fundamentada e discutida com os profissionais e as populações da experiência de gestão privada do Hospital Amadora-Sintra, antes da renovação ou multiplicação deste sistema

noutros hospitais; a divulgação e debate das experiências de outros países, designadamente do Reino Unido, onde o caminho que agora se propõe para Portugal se traduziu pela degradação dos cuidados de saúde e maior desigualdade no acesso a eles; a divulgação das projecções financeiras dos custos totais (até ao final) do anunciado processo de construção/concessão privada para novos hospitais, são outros desafios lançados pelo PCP ao Governo.

Por fim, os comunistas defendem a divulgação pelo Governo dos critérios para a entrega de serviços ou departamentos de hospitais públicos a sectores privados e a explicitação das regras para combater a promiscuidade entre o sector público e o privado.

## Hospital Póvoa do Varzim/ Vila do Conde Racionalizar meios

As Comissões Concelhias do PCP de Póvoa do Varzim e de Vila do Conde estão «indignadas e surpreendidas» com recentes posições públicas do Governo que fazem depender a construção do novo Hospital Póvoa do Varzim/Vila do Conde do aparecimento de privados que o queiram construir e explorar por um período de 30 anos. Mais, é «inadmissível» que o Governo volte atrás e ponha em causa a construção do Hospital, depois de ter iniciado o processo de expropriação e para ela terem sido adjudicadas verbas em sede do PIDDAC.

Para o PCP, o novo hospital seria um «ganho» do ponto de vista da racionalização de meios, uma vez que implicaria o encerramento de dois hospitais, servindo cerca de 150 mil residentes - população que duplica nos meses de Verão - e as populações de Barcelos, Esposende e Vila Nova de Famalicão, cujas necessidades não estão a ser cobertas pelas actuais unidades hospitalares.

A intenção deste Governo é permitir, através da entrega

da gestão aos privados, que estes «ganhem à custa do Orçamento Geral do Estado avultadas quantias de dinheiro que é de todos nós», diz o PCP, referindo o caso do Hospital Amadora-Sintra como exemplo de que a gestão privada pode acarretar avultados prejuízos para o Estado. Aliás, para os comunistas, só o sector público consegue garantir um sistema universal e gratuito para a população, implicando isso que as pessoas nomeadas para a administração dos hospitais o sejam «por concurso e pela sua capacidade e não pela cor partidária».

Entretanto, o deputado comunista Honório Novo apresentou na Assembleia da República um requerimento, solicitando ao Governo informações sobre como e quando pensa construir o Hospital de Póvoa do Varzim/Vila do Conde e, no caso «inverosímil» de ter decidido entregar a sua construção a interesses privados, como pensa «garantir a todas as pessoas necessitadas acesso universal e gratuito aos serviços hospitalares».

## ▼ CAMARADA FALECIDO

### Sebastião Palma Veiga

Faleceu, no dia 13 de Julho, com 85 anos de idade, o camarada Sebastião Palma Veiga, natural de Carnaxide, Oeiras, profissional dos Seguros, aposentado. Membro do Partido desde 1917, depois do 25 de Abril integrou a 1.ª Comissão de Freguesia de São João de Deus. Camarada sempre muito participativo e dedicado, estava actualmente organizado na freguesia de São de Deus, em Lisboa.

Aos familiares e amigos do comunista falecido, o colectivo do *Avante!* manifesta sentidas condolências.

## Os que lutam e são imprescindíveis

Os 78 anos de Óscar Figueiredo foram festejados, no passado dia 9 de Julho, com um jantar realizado num restaurante de Sacavém.

A iniciativa partiu de um grupo de amigos e camaradas, a que se juntou cerca de um centena de pessoas que há muitos anos conhecem Óscar Figueiredo, quer do PCP quer do movimento associativo e das autarquias, por ele sentindo justa admiração.

Na ocasião, a jovem Ana Alves Miguel leu o seguinte texto:

Aos sábados à tarde era certinho. Uma casa imensa de crianças e adolescentes esperavam ansiosos que o Óscar chegasse. E era um corropio de pedidos: oh Óscar, conta lá...

Então as estórias que fazem a história vinham em catadupa.

«Num certo dia do ano de 1941, é pá, fizemos uma grande manifestação por essas terras fora e queiram lá vocês saber o que aquilo foi...»

Nós, habituados que já estávamos às palavras carregadas de imagens víamos povo e mais povo e olivais e bandeiras negras e exigências de trabalho e de pão.

«Temos fome, temos fome...»

E situávamo-nos naqueles tempos, naquele fascismo que teimava em conter o povo numa repressão feroz.

E líamos, ouvíamos e víamos. E tudo era absorvido e fãmos pelas ruas numa imensa alegria e numa vontade incontida para dizermos a quem nos aparecesse pela frente as estórias daquele vizinho que as tinha vivido.

E olhávamos ao redor e lá estavam todos os indícios. Ali estava o sino que tocou a rebate e permitiu juntar o povo, além estava o olival onde se reunia a resistência, ao lado da estrada nacional 10, a fábrica da loiça onde se formou o primeiro núcleo concelhio de antifascistas.

«Quando fazíamos alguma reunião, tínhamos que combinar entre todos a mesma estória, que justificasse o que estávamos ali a fazer, não fosse aparecer alguém...»

E andávamos de bicicleta pelas ruas onde tinha andado outra bicicleta, tão diferente deste nosso pedalar, passando como se fosse uma sombra, carregada de impressos para deixar ao cuidado de outros contactos.

«Fazia um buraco no bolso das calças e conforme andava ia deixando cair os papéis...»

E ríamos, cantávamos «Grândola Vila Morena, Terra da Fraternidade», consagrando a revolução de Abril conseguindo ela mesma com tanta dor e disciplina.

E, às vezes, uma ou outra estória falava de alguém que tinha impulsionado uma luta e já não estava presente fisicamente.

Conhecíamos autores e o Brecht com os seus versos ajudava-nos a perceber o mundo. «Há homens que lutam um dia e são bons. Há os que lutam toda a vida e esses são os imprescindíveis», hoje, olho à minha volta e nestes cem amigos que estão aqui contigo para te cantar os parabéns, reconheço tantos homens e mulheres que tiveram uma vida preenchida, que lutaram de corpo inteiro.

E, sabes que mais, Óscar? As estórias, as tuas/nossas estórias têm um efeito deslumbrante que dura nestes vinte e oito anos. Têm sido de uma notável importância no crescimento de muitos jovens da minha e de outras gerações. São estórias que fazem parte da história dos povos do mundo, apesar de teimarem em que não preencham as folhas dos manuais escolares e dos sites da internet.

São estórias como essas que fazem a história.

Continua a contá-las e nós continuaremos a ouvi-las.

Com toda a admiração.



Criada Comissão de Utilizadores  
da AE da Beira Interior

## Portagens pagas são travão ao desenvolvimento

A anunciada intenção do Governo de introduzir portagens reais na auto-estrada da Beira Interior foi muito mal recebida pelas populações. As reacções de protesto não se fizeram esperar e já nasceu uma Comissão de Utilizadores pela Manutenção da Circulação Sem Custos.

Uma das primeiras diligências por si efectuada foi o envio ao Primeiro-Ministro de uma carta onde recordam que a população do Interior «não mais pode ser sacrificada e não está disposta a testemunhar a favor do Governo com o álibi da crise orçamental».

Com um abaixo-assinado a circular de apoio e adesão à Comissão, a sua criação é justificada pela necessidade de mobilizar as gentes do interior pelo progresso e desenvolvimento das suas terras,

Um objectivo que não se coaduna, alertam em comunicado, com esta medida preconizada pelo Executivo do PSD e o CDS/PP, que, a concretizar-se representaria um claro agravamento das assimetrias económicas, sociais e territoriais.

É que, segundo a Comis-

são, a inexistência de boas e adequadas infra-estruturas de transportes (rodovia e ferrovia) tem sido um dos factores que, com particular incidência, desde há muito vem condicionando o desenvolvimento da região

**A Beira Interior  
carece de boas  
infra-estruturas  
rodo  
e ferroviárias**

Sabem-no, por experiência própria, os que vivem, trabalham e investem nos concelhos do interior e, por isso, sublinham no texto, a concepção e construção da auto-estrada da Beira Interior num regime sem custos para o utilizador não pode deixar de ser vista como um «direito adquirido e indispensável para a região, ciclicamente fustigada pelo encerramento de empresas e perda de postos de trabalho, pela perda da população e desertificação, pelo desaproveitamento das potencialidades».

**Interior  
perde capacidade**

«O Interior não pode conviver com a perda crescente da sua capacidade de atracção do investimento e da competitividade das empresas nem pode continuar a perder população e a desertificar-se», salienta a Comissão de Utilizadores, para quem a «tentativa de transformação da portagem virtual em pagamento efectivo implicaria ainda a reformulação de projectos, instalação de equipamentos de cobrança, entre outros, que atingiriam certamente dezenas de milhões de contos pagos por todos nós».

Para a Comissão não restam dúvidas, pois, de que a região carece de «uma política justa e coerente que aposte nas infra-estruturas de transportes como uma componente determinante e indispensável do desenvolvimento económico e social, harmonioso e integrada», desenvolvendo este que, em sua opinião, só faz sentido «quando está ao serviço da melhoria da qualidade de vida das populações e não se confunde com a preponderância dos indicadores económicos ou financeiros».

## Seis meses de má gestão no Barreiro PS não é alternativa credível

«As promessas eleitorais do PS foram muitas. Porém, está provado que as suas ideias próprias são nulas. O trabalho realizado é muito pouco. A seriedade política do discurso e do comportamento é inexistente», Nestes termos, em síntese, caracteriza a CDU do Barreiro o que tem sido a gestão do PS à frente dos destinos das autarquias do concelho neste mandato.

Num primeiro balanço ao que foram estes primeiros seis meses, a CDU afirma que «o PS não é alternativa credível» para garantir o desenvolvimento equilibrado do Barreiro e melhorar a qualidade de vida dos municípios barreirenses.

Fundamentando a sua afirmação, a CDU recorda, em comunicado, que deixou no final do seu mandato, em Dezembro de 2001, «uma situação financeira equilibrada e os serviços estruturados e organizados», como demonstra o saldo de gerência, indicado no Relatório e Contas, já aprovado este ano, superior a um milhão de contos, que permitiu a cobertura dos encargos assumidos e não pagos que transitaram para 2002, incluindo grandes

obras como o Forum Municipal do Parque da Cidade, o Centro de Dia do Lavradio, o Largo D. Paulo da Gama em Palhais e o mercado de Santo André.

**O PS mente**

Não obstante esta realidade, e de já ter podido inclusivamente contrair um empréstimo de dois milhões de contos, o PS «mente repetidamente sobre a real situação deixada pela gestão CDU», o que, segundo esta, só pode ser encarado como uma tentativa para «disfarçar a incapacidade própria e confundir a população».

A este propósito, lembra ainda que as obras em curso e os grandes projectos provêm todos do mandato anterior e correspondem às prioridades ainda definidas pela CDU, exactamente os mesmos, acusa, «que agora são apregoados pelo PS como sendo “seus”».

**Partidarização**

Estão neste caso a candidatura ao Programa POLIS, a passagem desnivelada da

Recosta ou a ETAR intermunicipal Barreiro e Moita, cita, a título de exemplo, a CDU, que acusa o PS de ter abandonado o plano de recuperação e requalificação de logradouros e espaços públicos e, bem assim, noutro plano, de ter acabado com actividades e eventos de grande relevo para o Barreiro como eram, por exemplo, o projecto «Viagem» (envolvendo parte significativa da comunidade escolar do concelho), a «Escola Incluir» (projecto inovador de integração de jovens em risco), o «Forum Juvenil “El Matador”» (enquanto local de mostra, realização e convívio juvenil) ou ainda a cessação de eventos e espectáculos culturais regulares ao longo de todo o ano na Casa da Cultura.

No comunicado, emitido segunda-feira, a CDU acusa ainda o PS de ter desenvolvido neste meses uma acção com vista à desarticulação e partidarização dos órgãos e serviços autárquicos e de ter igualmente neste período «manifestado um profundo desrespeito pelos estatuto e autonomia das juntas de freguesia».

## Se pudessem exterminá-lo(s)

● Manuel  
Rodrigues

Bertolt Brecht escreveu, um dia, um poema que, pela sua actualidade, é útil relembrar:

*Primeiro levaram os comunistas,  
mas Eu não me importei,  
porque não era nada comigo.*

*Em seguida, levaram alguns operários,  
mas a Mim isso não me afectou,  
porque Eu não sou operário.*

*Depois, prenderam os sindicalistas,  
mas Eu não me incomodei,  
porque nunca fui sindicalista.*

*Logo a seguir, chegou a vez de alguns padres,  
mas como Eu não sou religioso,  
também não liguei.*

*Agora levam-me a Mim  
E quando percebi,  
já era tarde*

A direita, cuja política, por mãos próprias ou alheias, desde há muito nos vem (des)governando, assumiu agora nas suas próprias mãos, numa complexa conjuntura nacional e internacional que lhe é particularmente favorável, uma duríssima investida contra duas traves mestras do regime democrático: o sistema público de segurança social e a legislação laboral que consagra muitas dos direitos laborais conquistados no 25 de Abril, após uma «longa noite» de lutas de sucessivas gerações de trabalhadores. Apesar dos paleativos e mistificações que sempre acompanham a apresentação de tais medidas (a ideia de que as finanças do país não aguentam as políticas sociais, a ideia de que estas medidas se impõem como uma imperativa necessidade para salvar a segurança social de uma iminente falência, a ideia de que a liberalização dos despedimentos irá trazer mais competitividade ao mercado de trabalho, fazendo baixar a taxa de desemprego e subir os salários, a maniqueísta visão de que com este sistema se irá premiar os bons e castigar os maus trabalhadores etc., etc.) o que a direita se propõe conseguir, nesta feroz investida, é uma ainda maior concentração do capital e a absoluta descaracterização do regime democrático. De facto, a privatização da segurança social significa «roubar» aos trabalhadores um sistema (público, universal e solidário) que lhes garante protecção social em situação de desemprego, na aposentação, em situação de deficiência e incapacidade, na doença e em muitas outras situações (abono de família, subsídio de casamento, de funeral, etc.) para lançar no mercado de capitais, ou seja, na «roleta russa» da apropriação pelo grande capital, os milhões de contos pagos pelas contribuições de todos nós. Por outro lado, as já anunciadas

alterações à legislação laboral visam uma maior precarização dos vínculos laborais, a total desregulamentação da legislação laboral e um feroz ataque aos direitos dos trabalhadores. Neste contexto, fica mais claro para a opinião pública (e, em primeiro lugar, para os trabalhadores) o insubstituível papel do Partido Comunista Português nas suas múltiplas formas de intervenção (na Assembleia da República e no Parlamento Europeu,

nas Autarquias, no movimento associativo, na acção sindical, nos movimentos sociais, na denúncia e no combate, na informação e no esclarecimento, na ideologia).

De facto, perante esta perigosa investida da direita, que, a ter êxito, deixaria o regime democrático mais descaracterizado e os trabalhadores privados de direitos fundamentais, o Partido Comunista Português tem tido uma exemplar e insubstituível acção quer ao nível da intervenção política institucional (é de relevar a combativa acção dos deputados do PCP na Assembleia da República, através das múltiplas iniciativas ali tomadas) quer ao nível da intervenção social (nas denúncias públicas e nas lutas sociais, nas 15.000 assinaturas reunidas contra a extinção do crédito bonificado à habitação, etc.).

E é neste quadro que, mais uma vez, se tornam claras duas coisas: que este Partido, que se define como partido da classe operária e de todos os trabalhadores, é um Partido necessário e insubstituível para defender os trabalhadores e as camadas sociais (intelectuais e quadros técnicos, micro, pequenos e médios empresários) hoje cada vez mais esmagados pelo rolo compressor do grande capital; que, para a direita e para o grande capital, todos os métodos são válidos para combater (e, se pudessem, exterminar) este Partido. Não vale a pena tapar o sol com a peneira. Por mais mavisos que sejam os cantos da sereia, o Partido Comunista e os comunistas só incomodam porque são (e enquanto forem) efectivamente comunistas. E porque são comunistas, é que são também imprescindíveis numa sociedade marcada por este agudo antagonismo e luta de classes. Brecht tinha razão. Se conseguissem «levar» os comunistas, mais tarde ou mais cedo, levariam todos os que se opõem ou «estorvam» a «grande farra» do capital explorador.







A 16 de Julho, 225 presidentes de Câmara em 465 municípios e mais de mil vereadores já haviam renunciado aos seus mandatos em 24 Departamentos. O número de renúncia mais elevado registou-se em Departamentos de forte implantação dos guerrilheiros

• Miguel Urbano Rodrigues

## As FARC-EP combatem pela humanidade

Os tambores de uma nova campanha contra as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC - EP), de âmbito mundial, começaram a ressoar.

As Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC - EP) demonstram com o seu combate que em determinadas condições - históricas, sociais e económicas - e

Uribe Velez pediu a Washington mais dinheiro para a guerra

num cenário geográfico adequado, um movimento revolucionário pode resistir pelas armas a todos os esforços realizados para o destruir. A legendária guerrilha nascida em Marquetalia há quase quatro décadas não somente sobreviveu a todas as ofensivas contra ela lançadas por sucessivos governos como se transformou num autêntico exército do povo que hoje actua em mais de 60 frentes, praticamente em todo o país.

A Casa Branca e o Pentágono identificam nessa realidade uma ameaça ao funcionamento da estratégia de dominação universal sobre a Terra que o sistema de poderes EUA vem desenvolvendo. A invencibilidade das FARC-EP afecta a imagem de poder omnipotente do imperialismo como aliado e protector da oligarquia colombiana.

Daf uma campanha de calúnias permanente e de dimensão mundial que visa a desacreditar as FARC. O

bombardeio desinformativo vulgarizou por todo o planeta o rótulo de «guerrilha do narcotráfico» para designá-las - forjado no Pentágono pelo embaixador Louis Stamb -, acusando os companheiros de Manuel Marulanda de criminosos e bandidos ligados ao submundo da droga.

Entretanto, a paz que durante mais de dois anos mudou a vida das populações dos cinco municípios da Zona Desmilitarizada, transformada pelas FARC numa área de tranquilidade social, contribuiu para a desmontagem da calúnia, tirando-lhe credibilidade.

De dezenas de países, afluíram a San Vicente del Caguan escritores, jornalistas, parlamentares, juristas, diplomatas, sacerdotes que tiveram a oportunidade, em Los Pozos e nos acampamentos, de conviver com os combatentes das FARC e os seus dirigentes. Esses visitantes puderam tirar conclusões. Fui um entre muitos.

Enquanto essa precária paz durou numa região maior do que o Estado de Sergipe, representantes das Nações Unidas e de outras organizações internacionais, em con-



O balanço das operações militares iniciadas com a reocupação da Zona Desmilitarizada é muito negativo. O Exército não conseguiu nestes meses obter uma só vitória significativa contra a guerrilha e acumulou desaires

versações mantidas com Manuel Marulanda e membros do Estado Maior Central das FARC - EP, identificaram neles interlocutores merecedores do seu respeito. Documentários que correram pelo mundo mostraram o próprio presidente Andres Pastrana em diálogo cortês com Marulanda, interessado em conhecer a sua opinião sobre os grandes problemas do país.

De repente o quadro mudou

Quando o Governo, que desde o início sabotara o andamento da Agenda Comum por ele aprovada,

invadiu a Zona Desmilitarizada, um novo discurso político foi o complemento das bombas que caíam do céu, no Caquetá e no Meta, matando não guerrilheiros mas velhos, mulheres e crianças.

Agora, Pastrana, em vésperas de passar a presidência a Uribe Velez (7 de Agosto), injuria Marulanda, volta a chamar-lhe traficante e bandoleiro e oferece dois milhões de dólares pela sua cabeça e outro tanto pelas dos demais membros do secretariado das FARC. Washington aprova. E metade dessa quantia é prometida como recompensa a quem matar ou entregar um comandante de Frente ou de

Bloco das FARC. É a moral dessa gente...

Não se trata de um roteiro para fita de Hollywood. O discurso dos governantes colombianos é transmitido para os quatro cantos do mundo, acompanhado dos louvores recebidos de colaboradores íntimos do presidente Bush. No início de Julho, o subsecretário Otto Reich, responsável pelos Assuntos Latino-americanos, visitou países do Hemisfério em defesa do Plano Colômbia, esforçando-se por ressuscitar o projecto norte-americano de uma Força de Intervenção multinacional cuja tarefa seria dar uma ajuda ao Exército colombiano.

Segundo Reich, grande e comovedor seria o serviço prestado à democracia e à liberdade se tropas do Brasil, do Peru, do Equador, da Argentina e de outros países do sul do Continente entrassem em som de guerra na Colômbia para combater as FARC e destruir essa guerrilha demoníaca. Mas para desgosto de Bush, a missão do seu representante morreu no berço. No Brasil, os generais não querem nem ouvir a conversa; no Peru, na Argentina e no Equador, a prioridade dos presidentes, desprestigiada pelas políticas neoliberais impostas por Washington, é a sua própria sobrevivência política.

## Renúncias em massa

A gritaria que a inédita iniciativa das FARC levantou não responde a uma questão essencial. O Governo e as Forças Armadas deixam transparecer um grande embaraço e caem em contradições quando se lhes pede uma explicação para as renúncias em massa das autoridades municipais nas últimas semanas.

Se as FARC se apresentam tão vulneráveis como afirma a propaganda oficial, se o Exército declara controlar a situação em todo país, como explicar o êxito, no plano dos resultados concretos, da exigência formulada pelo movimento guerrilheiro?

No momento em que escrevo, a 16 de Julho, 225 presidentes de Câmara em 465 municípios e mais de mil vereadores haviam já renunciado em 24 Departamentos. Claro que a distribuição é desigual, sendo as renúncias muito mais numerosas em Departamentos de forte implantação das FARC, como Meta, Caquetá, Antioquia, Boyacá, os dois Santander, Huila, Arauco, Putumayo, Chocó.

A oligarquia entrou em pânico. Em dois terços do território nacional está criado a

nível regional um vácuo de poder.

A impotência do Estado colombiano perante uma situação não imaginada torna-se mais transparente porque o balanço das operações militares iniciadas com a reocupação da Zona Desmilitarizada é muito negativo. O Exército não conseguiu nestes meses obter uma só vitória significativa contra a guerrilha e acumulou desaires.

O desespero que alastra entre os sectores mais radicais da oligarquia encontra a sua expressão em apelos cada vez mais frequentes a uma revisão da Constituição de 91. Não falta quem sugira uma emenda que reintroduza

na Lei Magna a velha figura do estado de sítio, que deu cobertura institucional a matanças inescrutáveis.

Essas vozes deixam, afinal, transparecer um grande medo, nascido da certeza de que Uribe Velez, apesar dos milhões do Plano Colômbia, apesar da intervenção indirecta dos EUA no conflito, vai fracassar, como os seus antecessores, na sua luta contra as FARC-EP.

Todas as campanhas caluniosas desencadeadas contra o movimento de libertação liderado por Manuel Marulanda não apagam a realidade.

A Colômbia, no desenvolvimento da história, em consequência de factores e si-

tuações pouco previsíveis há poucos anos, emerge hoje como pólo de lutas que não são somente do seu povo - envolvem o combate mais amplo e decisivo que centenas de milhões de homens e mulheres travam contra a ameaça à civilização e à cultura configurada pela estratégia de dominação imperial dos EUA.

Nas montanhas e nas selvas da Colômbia, a resistência das FARC-EP transcende o quadro nacional e latino-americano. Os companheiros de Manuel Marulanda combatem por toda a humanidade, o que os torna merecedores de uma solidariedade ampliada.



## As FARC dirigem-se ao povo



15 mortos, 154 feridos, 15 dos quais em estado muito grave, é o sangrento balanço do ataque com mísseis, antontem, de Israel a Gaza.

A pretexto de liquidar o chefe do braço armado de Hamas, Salah Chéhadé,

Os norte-americanos são igualmente responsáveis por este crime

um avião de combate F-16 bombardeou, terça-feira, um bairro popular do centro de Gaza, uma cidade cuja densidade populacional é das mais elevadas do mundo. De acordo com as informações disponíveis, o objectivo foi alcançado. O ataque vitimou civis inocentes, incluindo oito crianças, fez mais de centena e meia de feridos - alguns bastante graves, segundo fontes oficiais do Hospital Al-Chifa, em Gaza -, e provocou a destruição de pelos menos cinco prédios de dois e três andares onde habitavam dezenas de famílias.

O ministro da Informação palestino, Yasser Abed Rabbo, classificou o ataque como um «crime de guerra» e acusou os EUA de cumplicidade.

«Trata-se de um crime de guerra que visa sabotar todos os esforços para

devolver a estabilidade à região», declarou Abed Rabbo, em Ramallah, Cisjordânia.

Segundo o dirigente palestino, «os norte-americanos são igualmente responsáveis por este crime na medida em que os israelitas utilizaram um F-16 de fabrico norte-americano para este ataque criminoso».

O Hamas, por seu lado, ameaçou retaliar. «Este massacre não vai ficar impune. Vamos reduzir a nada os corpos dos sionistas em cada restaurante, cada paragem de autocarro, cada autocarro», garante o movimento, o que deixa antever uma espiral da violência.

«Daqui para a frente, não podemos responder apenas com palavras ao ataque perpetrado esta noite por Israel, vamos deixar os actos exprimir-se», declarou ainda o fundador e dirigente espiritual do Hamas, o sheik Ahmed Yassine.

Crimes de guerra

## Israel bombardeia civis

está a utilizar o mais desenvolvido tipo de armamento contra pessoas inocentes», denuncia um comunicado da Autoridade Nacional Palestina.

O documento apela ainda ao «Quarteto de Madrid» (Estados Unidos, União Europeia, Rússia e Nações Unidas) para que detenha os ataques ao povo palestino, sublinhando que «a continuação da escalada de violência do governo de Israel» mostra que Telavive «está sempre a minar todos os esforços internacionais para acabar com a ocupação dos territórios palestinos».

Entretanto, perante a passividade das mais altas instâncias internacionais, Israel propõe-se agora, à boa maneira nazi, não só continuar a desalojar (destruindo-lhes as casas) e a deter para interrogatórios os familiares dos suspeitos de atentados bombistas, mas também deportá-los da Cisjordânia para a Faixa de Gaza e mesmo para os países vizinhos.

Apesar desta prática ser considerada crime pelo direito internacional, Israel não teme retaliações.

Apelos à ONU

A carnificina em Gaza não impressionou Ariel Sharon, que se congratulou pelo ataque. Israel também não revela qualquer preocupação com as reacções internacionais ao sangrento ataque, apesar de um representante de Yasser Arafat, Nabil Abu Rudeina, ter declarado que a Autoridade Palestina ia apelar para o Conselho de Segurança da ONU.

«O ataque aéreo (...) é a continuação da guerra destruidora levada a cabo pelo terrorista exército israelita de ocupação, que

## Bancos americanos sob suspeita

Depois da falência da WorldCom, que lançou no desemprego 17 000 trabalhadores e o caos nos mercados bolsistas de todo o mundo, o presidente norte-americano George W. Bush veio a público fazer uma nova profissão de fé nos sólidos fundamentos da economia dos EUA. «Sou um optimista. Acredito que o nosso futuro será brilhante», disse Bush.

Os investidores não se mostraram sensíveis às palavras de Bush, também ele sob forte suspeita de estar envolvido em

fraudes financeiras de vulto antes de chegar à Casa Branca, e de ter favorecido, depois disso, quem o ajudou a aumentar a sua fortuna.

As atenções estão agora viradas para a Subcomissão Permanente de Investigações do Senado norte-americano, que averigua a possível cumplicidade de importantes bancos nas fraudes financeiras da Enron. Esta empresa de energia eléctrica, cujo desmoronamento deu origem à onda de escândalos económicos que assolam os EUA, recebeu emprés-

timos de grandes bancos norte-americanos, designadamente do JP Morgan Chase e do Citicorp (o maior de todos), o que lhe permitiu manter durante algum tempo a sua posição de fachada.

Segundo a senadora Susan Collins, que faz parte da Subcomissão, «certas instituições financeiras participaram conscientemente, e portanto facilitaram, transações que os executivos da Enron usavam para esconder seus débitos».

Também a edição de domingo do Wall Street

Journal revelava outra informação inquietante, entretanto confirmada: um dos principais analistas do Citigroup, Jack Grubman, está a ser investigado Associação Nacional de Fornecedores de Seguros, por suspeita de colaboração em fraudes.

De acordo com os especialistas, a confirmar-se o envolvimento dos bancos na vaga de ilegalidades empresariais que se registou nos EUA, «tudo o que até agora se viu vai parecer uma brincadeira de crianças».

## Batalha campal nas Filipinas

Cerca de 15 000 filipinos exigiram no início desta semana a demissão da presidente, Glória Arroyo, e a retirada das forças norte-americanas que operam no sul do país.

A manifestação realizou-se em frente ao Congresso, em Manila, e acabou por se transformar numa batalha campal, quando a polícia de choque carregou sobre os

populares que tentavam romper as barreiras metálicas e aproximar-se do parlamento, onde a presidente discursava.

Na sua intervenção, Glória Arroyo comprometeu-se a transformar as Filipinas numa república forte, sem terrorismo, e apelou aos deputados para que endureçam a Constituição adoptando medidas antiterroristas

«A legislação vigente precisa de preencher as lacunas políticas que limitam a luta contra a criminalidade em ascensão», disse a presidente, embora reconhecendo que o país ainda está longe de ganhar «a principal guerra», a da luta contra a pobreza. Cerca de 40 por cento da população vive com apenas 75 centavos de dólar por dia, reconheceu Arroyo.

A presidente manifestou-se ainda favorável à presença das tropas norte-americanas nas ilhas de Basilan, defendendo a iniciativa conjunta lançada contra o movimento separatista islâmico Abu Sayaa. O acordo assinado há seis meses com os EUA termina no próximo dia 31, mas os dois países admitem a sua renovação.



Em apoio ao novo quadro político e às populações carenciadas

## Parlamentares europeus visitam Angola

Uma delegação da Comissão para o Desenvolvimento e a Cooperação do Parlamento Europeu esteve recentemente em Angola. Apoiar o novo quadro político aberto pelo fim da guerra foi um dos objectivos desta deslocação.

Chefiada pelo eurodeputado, do PCP, Joaquim Miranda, de quem partiu a proposta da sua realização, a visita da delegação teve como propósito central dar um sinal de apoio claro à nova e favorável situação política angolana decorrente da celebração do acordo de entendimento entre o governo e a Unita, na sequência da morte de Jonas Savimbi. Apreciação da difícil situação humanitária que se vive no país foi ainda um ponto prioritário da agenda da delegação durante a sua estadia de cinco dias em território angolano em finais de Junho.

Na ocasião, a delegação foi

recebida pelos Presidente da República e pelo Presidente da Assembleia Nacional, tendo igualmente realizado um conjunto significativo de reuniões de trabalho, nomeadamente com diversos membros do governo, com os grupos parlamentares, com a direcção do MPLA, com a Comissão de Gestão da Unita, com membros da troika (embaixadores dos Estados Unidos, Rússia e Portugal) e com a representação das Nações Unidas em Angola. A delegação realizou também encontros com organizações não governamentais e representantes da sociedade civil do país.

**Urge um  
acrescido apoio  
internacional  
a Angola**

No decurso da sua visita, os deputados do Parlamento Europeu deslocaram-se ainda à província de Huambo, onde, designadamente, visitaram o acantonamento de Chiteta (soldados da Unita e seus familiares), no município de Bailundo.

Já na sequência desta missão, o plenário do Parlamento Europeu aprovou uma resolução em que se valoriza o processo de paz em curso e na qual se defende, entre outros aspectos, a necessidade de a comunidade internacional e a União Europeia declararem como prioritária a situação angolana. Nesse sentido, o texto da resolução reclama um acrescido apoio internacional a Angola, de forma a serem dadas respostas eficazes e atempadas às populações mais carenciadas e a não se gorarem as profundas expectativas positivas entretanto criadas pelo fim da guerra.

Cimeira de Joanesburgo

## Por um desenvolvimento sustentável

Pode estar próxima a criação de uma Organização Mundial do Ambiente que assegure o cumprimento de tratados ambientais internacionais. A materialização de um tal projecto poderá ocorrer já na Cimeira Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, a decorrer em Joanesburgo, de 26 de Agosto a 5 de Setembro. Uma proposta nesse sentido – a criação de uma entidade reguladora do ambiente a nível internacional – vai ser apresentada pela União Europeia.

A criação deste organismo pretende ser o passo para uma reforma institucional que coloque o ambiente em pé de igualdade com a economia e os direitos sociais. Entre as suas atribuições estará a de assegurar o cumprimento dos mais de 500 tratados internacionais sobre ambiente.

Outro dos objectivos desta Cimeira de Joanesburgo é, do ponto de vista da União

Europeia (UE), lançar a chamada «ambientalização da economia». Trata-se de fazer reflectir nos preços dos produtos os seus custos ambientais.

Outra das questões que a União Europeia pretende lançar em Joanesburgo é a alteração dos indicadores de desenvolvimento de um país, introduzindo o desempenho ambiental e social nesta medição. Actualmente, o Produto Interno Bruto, apenas associado ao desenvolvimento económico, é o principal critério de aferição do desenvolvimento de um país.

Apesar de a UE e o PE não considerarem sequer o Protocolo de Quioto como matéria de Joanesburgo, vão desenvolver-se esforços na Cimeira para que seja dado início à fase de incremento deste protocolo internacional para reduzir a emissão de gases com efeito de estufa.

Reduzir para metade, até 2015, a população mundial sem água potável e saneamento básico constitui outra das metas que a União Europeia quer definir nesta Cimeira. Recorde-se que, segundo estimativas das Nações Unidas, 1,1 biliões de pessoas não têm acesso a água potável e que 80 por cento das doenças no mundo resultam desta falta. Por isso esta decisão da Comissão Europeia, Parlamento Europeu e Conselho da Europa no sentido de estabelecer uma meta comum e ambiciosa de reduzir em 50 por cento a população sem acesso a água potável.

De acordo com um relatório apresentado em Maio pelas Nações Unidas, mais de 2,5 biliões de pessoas, quase metade da população mundial, enfrentarão a falta de água em 2025 se o consumo médio se mantiver como está actualmente.

## UE divide islandeses

Os islandeses estão divididos quanto a uma eventual entrada do seu país na União Europeia (UE), segundo uma sondagem divulgada na passada semana, que atribui 37 por cento ao «sim» e igual percentagem ao «não». O número de indecisos, na casa dos 26 por cento, é o mais elevado em dois anos.

A última sondagem do género, datada

de Fevereiro, estimava em 52 por cento o número de apoiantes da adesão da Islândia à UE, contra 25 por cento de opositores e 23 por cento de indecisos.

O estudo de opinião foi feito entre 26 de Junho e 11 de Julho junto de 1.200 pessoas confrontadas com a questão: «É a favor ou contra a entrada da Islândia na União Europeia?».

## Conceito Estratégico de Defesa Nacional Pelo primado dos interesses nacionais

O PCP apresentou na passada semana um projecto de Grandes Opções do Conceito Estratégico de Defesa Nacional. Com esta iniciativa legislativa, os comunistas honram não apenas um dos seus compromissos eleitorais como dão o seu contributo para a promoção de um amplo debate nacional em torno de uma questão que reputam da maior relevância.

Considerando-se prontos para este debate, como salientou em conferência de imprensa o deputado comunista António Filipe (e não o deputado Lino de Carvalho, como, por lapso, referimos na última edição, facto pelo qual pedimos desculpas a ambos e aos nossos leitores), o PCP espera agora que o Governo cumpra também os seus compromissos eleitorais e proceda em conformidade materializando uma proposta para que a discussão do tema venha a realizar-se no reinício dos trabalhos parlamentares.

Tanto mais que, conforme foi salientado na conferência de imprensa, em que estiveram igualmente presentes os camaradas Rui Fernandes, do Secretariado, e António Rodrigues, do CC, a realização de um amplo e aprofundado debate que preceda a redefinição das Grandes Opções do Conceito Estratégico de Defesa Nacional tem vindo a ser objecto de sucessivos apelos por parte do Presidente da República.

Pela importância desta matéria, transcrevemos, em seguida, passagens do texto de apresentação lido por António Filipe relativo ao documento entregue pelo Grupo Parlamentar do PCP na Assembleia da República:

### Prioridades invertidas

«No entender do PCP, a política de Defesa Nacional desenvolvida pelos governos do PS e do PSD, com o apoio do PP tem invertido as prioridades das Forças Armadas, envolvendo-as em acções militares no exterior, em articulação com a *Política Europeia Comum de Segurança e Defesa*, instrumento da acelerada militarização da União Europeia, que visa a criação de um exército europeu para, sob orientação da NATO, intervir onde esta considere necessário e violando, nalguns casos, o direito internacional e as normas constitucionais portuguesas.

A política de militarização da União Europeia e o novo Conceito Estratégico da NATO são contrários a uma política de paz e segurança, questionam a independência e soberania nacionais e põem em causa o papel activo que Portugal deverá desempenhar, em todas as

situações, no processo de desarmamento e no reforço dos mecanismos internacionais de segurança colectiva.

Em alguns aspectos centrais, a estratégia aparece cada vez mais espartilhada pelos compromissos externos, nomeadamente, nos casos já citados, do novo Conceito Estratégico da Nato e no processo de constituição da nova *força de intervenção militar europeia*, mas também no que respeita às medidas de carácter político-militar que vem sendo tomadas no âmbito da União Europeia.

### Estratégia global

(...) Ao apresentar este projecto, o PCP pretende suscitar um grande debate nacional sobre as GOCEDN por considerar que o actual Conceito Estratégico de Defesa Nacional (CEDN) não projecta, como deveria, as garantias de uma estratégia assente no primado da defesa dos interesses nacionais, ao mesmo tempo que reafirmamos que, no nosso entendimento, Portugal tem interesses próprios a defender.

As Grandes Opções do Conceito Estratégico de Defesa Nacional, que hoje apresentamos, configuram uma estratégia global do Estado cujos traços essenciais destacamos: uma estratégia de matriz nacional, privilegiando os interesses nacionais e os meios nacionais de os prosseguir; uma estratégia de coesão e solidariedade que privilegie o fortalecimento da vontade popular, por uma maior justiça social e um maior empenhamento cultural; uma estratégia de progresso, afirmando Portugal no Mundo como uma Nação em desenvolvimento económico e com voz própria nos grandes processos estruturais tendentes à criação de uma Nova Ordem Económica Internacional; uma estratégia de amizade, paz e cooperação com todos os povos, privilegiando a solução negociada de conflitos, o diálogo, a acção nas instâncias internacionais, o respeito pelo direito internacional e a dissolução dos blocos militares; uma estratégia, democrática, que empenhe todos os portugueses na defesa de Portugal, da sua soberania e independência perante qualquer ameaça externa.

Do CEDN depende o Conceito Estratégico Militar, a definição da missão genérica e das missões específicas das Forças Armadas, bem como a definição dos *sistemas de forças e dispositivo*.

É também em função destes aspectos que se devem traçar as perspectivas e as prioridades em matéria de reequipamento, através da Lei de Programação Militar.

(...) No momento em que se prepara a revisão desta Lei, entendemos que esta tem de ter em conta a realidade económico-financeira que vivemos, no quadro de uma visão estratégica para Portugal, em que as reais necessidades do País devem ser consideradas como prioritárias, face a quaisquer outros compromissos externos.

### Forças Armadas

E, porque estamos a falar das Forças Armadas é inegável que nos últimos anos temos assistido a uma progressiva situação de mal estar no seu seio, com situações de intensa inquietação, expressa em iniciativas várias promovidas pelos militares, resultante da acumulação de problemas não resolvidos e de aspirações e expectativas não concretizadas.

Cumpramos a este respeito, chamar a atenção para duas questões, tendo em conta a sua actualidade:

A primeira relativa às dificuldades de recrutamento de jovens para as Forças Armadas nomeadamente para o Exército, situação para a qual, os responsáveis militares vem chamando, sucessivamente, a atenção.

(...) Com o fim do SMO a aproximar-se, não há gente suficiente para as necessidades das Forças Armadas e podemos mesmo dizer que nem sequer se vê a tal luzinha ao fundo do túnel...

Reafirmamos por isso, conforme dissemos na campanha eleitoral, a necessidade de um urgente, efectivo e alargado debate nacional sobre o processo de extinção do SMO, que dê resposta imediata aos problemas emergentes e altere prazos, de forma a garantir a concretização de medidas que se revelem atractivas para os jovens relativamente a remunerações e incentivos, capazes de concorrer com mercado de trabalho, e às condições de vida nos quartéis.

A segunda questão respeita às indústrias de defesa, particularmente a situação das OGMA, cuja administração se demitiu, e que suscita uma enorme preocupação.



## Literaturas

• Urbano Tavares Rodrigues

N um certo sentido, este livro de contos, **Manual de Casos de Consciência**, é a coroa de glória (ou o ponto mais alto) da obra literária de Joaquim Lagoeiro. O escritor sempre atento à vida e muito particularmente à existência difícil dos desvalidos da fortuna, que nos deu, em início de carreira, o comovente e cru romance **Viúvas de Vivos**, sobre a emigração económica, faz agora uma prospeção de caracteres e de meios provincianos que ultrapassa o naturalismo verista pelo sabor da narração. Utiliza habil-

### Desconcertos

O autor passeia-nos por praias de pescadores, vilórias ainda meio adormecidas nos costumes (o que sobeja do nosso mundo rural arcaico) e por confessionários, como o do nefasto padre dos olhos verdes.

Nessa parte do livro, intitulada «Deus», há dois contos sem favor inesquecíveis, o da formosa beata que levita em plena nave, após a recepção da sagrada hóstia, e que depois há-de aparecer nua e muito grávida

## Manual de Casos de Consciência de Joaquim Lagoeiro

mente processos semelhantes aos das melhores estórias curtas de Gogol e Tchekov, de Naupassant e Conrad, com penetrante mestria na recriação das personagens e dos locais e com o fulgor, a rapidez da acção que fazem da estória curta um género difícil, bem digno de mais atenção e procura por parte dos editores do que entre nós se verifica.

É certo que a literatura é um incessante caminho de renovação e procura. Mas reverter às técnicas e aos segredos dos supremos contadores de estórias é também um desafio. E Joaquim Lagoeiro consegue com simplicidade essa proeza, obedecendo apenas aos impulsos da sua vocação. Tem, aliás, para isso excelentes instrumentos: uma linguagem viva como água a correr da fonte, cheia de luz e cor, combinando o classicismo do aparelho sintáctico com a graça ou a rudeza e por vezes o gosto salgado da fala popular. Só, nesse seu cultivo do idioma vernáculo, um defeito lhe apontamos: o excesso latinizante das elisões do verbo. Mas isso é bem compensado pelo calor, pela vitalidade oral e pelo nervo da sua prosa.

perto do mar; e a do incesto de Marie Claire com o seu pai, provocado afinal pelas minúcias escabrosas dos interrogatórios a que é sujeita, ainda adolescente, durante a confissão.

Mas não se trata de uma ficção vincadamente anticlerical. O confessionário é apenas um dos vários tipos de mistificação (com os casos de consciência daí decorrentes) que o livro de Joaquim Lagoeiro apresenta aos leitores.

Estamos perante uma obra de inventário e balanço do atraso cultural do nosso país e dos seus efeitos perversos. Um livro moral, sem ser moralizador. Contos que apontam o dedo às feridas e pústulas de uma sociedade hipócrita. Ou melhor, que convidam o leitor a ver, a rir e a chorar, como poderia dizer Camilo Castelo Branco. Mas sem um pingão de especulação demagógica ou lamecha. E é mesmo por isso que o livro nos prende, pela sua lisura, percorrida pelo leve sorriso de alguém que tendo já sido mais cáustico, agora nos mostra os desconcertos da vida com alguma distância.

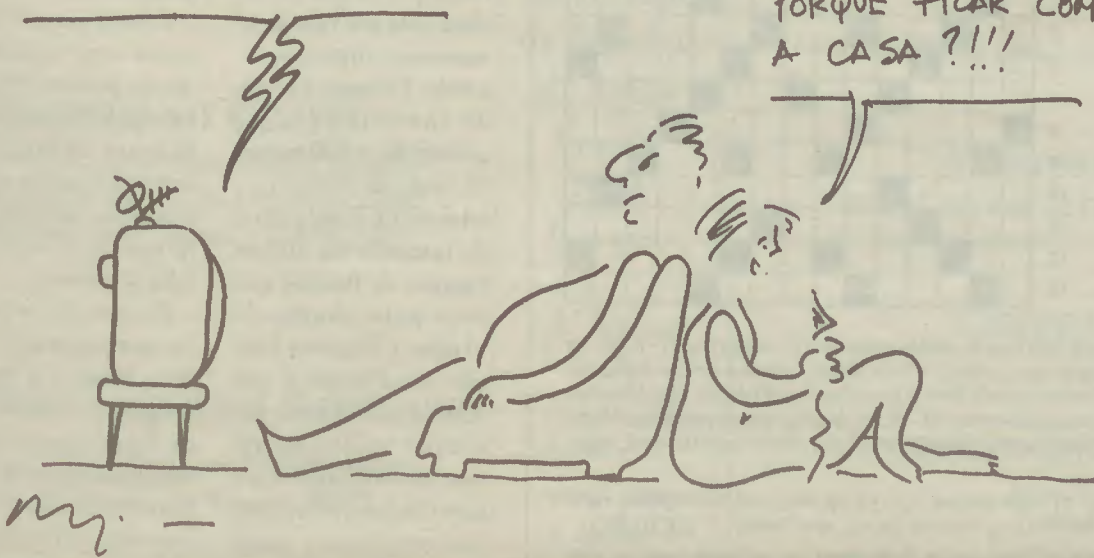


## Cartoon

• Monginho

GOVERNO  
PÕE A VENDA  
PAVILHÃO DE PORTUGAL  
NO PARQUE EXPO...

SE ESTÃO A VENDER  
A "MOBÍLIA"  
PORQUÊ FICAR COM  
A CASA ?!!!



## Pontos Naturais

• Mário Castrim

### Actualidade

Se alguém diz  
que afinal  
está ao serviço do país  
pergunta: Sim, mas qual?



Saudável empresa? Sem favor!  
Mas empresarialmente  
o que se ganha com o trabalhador  
doente?



Se há uma lei laboral  
e uma patronal não há  
e porque o trabalho é que vale  
ou porque será?



Trabalho a prazo. Cego.  
Resultado:  
não se dá emprego  
só emprestado.



Toca a marchar  
tudo certinho  
toca a esfolar  
e caladinho...



Schiu!  
(diz o patrão)  
Piu, piu,  
vem comer à mão...



Libertação?  
Esquece.  
Globalização?  
Oh yes!



Empresa é  
grande carrão  
grande chalé  
grande estádio...



Qual vende-Cristo!  
Qual Salazar!  
Isto, sim, isto  
é que é governar!



Corpo lançado  
para o fosso  
cinto apertado  
no pescoço.



Alto!  
Tudo deitado!  
Isto é um assalto  
legalizado.



Primeiro de Maio.  
Intranquilo.  
Amái-o, amái-o.  
Falta cumpri-lo.



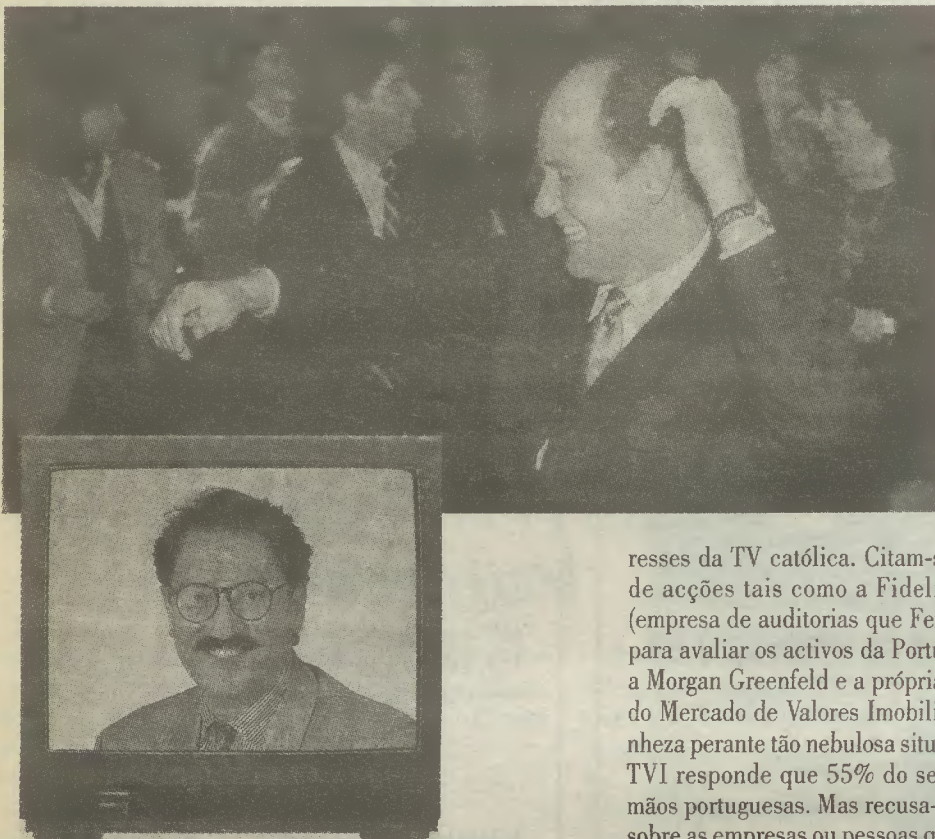
## Religiões

• Jorge Messias

Uma vez atribuídos que foram os dois canais privados da TV, as contradições e a instabilidade interna da TVI não cessaram de se agravar, pelo menos aparentemente. Passou-se deste modo a uma segunda fase do processo da televisão católica, que se desenvolve entre 1992 e 1996. Inicia-se com a atribuição oficial dos dois canais.

Magalhães Crespo (TVI/ Rádio Renascença/ Companhia de Jesus), o principal condutor da luta pelo direito da antena católica, foi substituído na presidência da direcção por Roberto Carneiro (TVI/aparelho do Estado/Opus Dei), um competente perito do grupo em relações financeiras. D. José Policarpo continuou como pre-

## O projecto televisivo da Igreja Católica (V)



sidente da Assembleia Geral da TVI. As mudanças operadas não suscitaram grandes reacções. Roberto Carneiro era tido como o principal intermediário nos contactos que a TVI mantinha com Berlusconi e outros grandes potentados capitalistas interessados no projecto. Seria o homem certo para consolidar a situação financeira da estação.

Vencida a primeira batalha, importava agora aumentar o capital social da TVI. A situação, aliás, começava a esclarecer-se. Segundo foi revelado, a certa altura (*O Independente*, 3.7.92) tanto o BCP como o GES (Espírito Santo) tinham recusado garantir o financiamento da linha de programação da TVI, a qual consideravam não corresponder às exigências do mercado. É então quando Roberto Carneiro junta à sua volta individualidades fortes da igreja, como os padres jesuítas João Caniço e António Vaz

Pinto (recentemente escolhido pelo governo PSD/CDS para o cargo de «Alto Comissário para as Minorias Étnicas e Imigrações»); «repesca» o padre António Rego e atrai homens dinâmicos do mercado do espectáculo como Artur Albarran, Lauro António e António Sala. Congrega apoios dos barões do PSD do Norte, da Lusomundo e da Telecine, etc. Alia-se, logo a seguir a 1992, aos franceses da «IP - Informação e Publicidade» e à espanhola «Antena 3», dominada, como já se disse, por Berlusconi. A partir de então, a situação financeira da TVI transforma-se num indescritível pandemónio.

### Espessa neblina

O capital social da estação passa de 2,5 milhões para 10 milhões de contos. A operação é realizada, não em Portugal, mas na Bolsa de Londres. É aí que um misterioso intermediário

adquire, de uma só penada, 4 milhões de acções da TVI. Em que mãos ficou o controlo dos capitais do Canal 4? Em Londres, afirma-se que a estação passou a ser dirigida pelo Vaticano, pelo Opus Dei e pela cadeia televisiva da CNN. Mas há mais. Sabe-se de fonte segura que o intermediário londrino é o poderoso grupo Schroeders e que a ordem de compra lhe foi dada por cartéis ingleses e norte-americanos de fundos de pensões. Em mãos estrangeiras, contra tudo o que é legalidade, terão sido entregues, pelo menos, 45% dos interesses da TV católica. Citam-se empresas compradoras de acções tais como a Fidelity Investment Advisors (empresa de auditorias que Ferreira do Amaral chamou para avaliar os activos da Portugal Telecom), a Colonial, a Morgan Greenfeld e a própria Schroeders. A Comissão do Mercado de Valores Imobiliários declara a sua estranheza perante tão nebulosa situação. Então, a direcção da TVI responde que 55% do seu capital continuava em mãos portuguesas. Mas recusa-se a fornecer informações sobre as empresas ou pessoas que subscrevem os capitais da estação. Neste meio tempo, a igreja prosseguia e intensificava a sua ofensiva. Em parceria com os franceses da Telecom e com a Rádio Renascença, a TVI tinha constituído uma nova «holding» - a RETI - destinada à exploração comercial de redes de emissoras usadas como redes de telecomunicações. Isto é, a RETI (ou qualquer outra empresa que paralelamente viesse a surgir) poderia funcionar indistintamente quer como emissora de sinais de TV quer como rede de comunicações. Pode ler-se no «Público» de 23.04.94: «A constituição da RETI data de Outubro de 1992. Detém um capital de 1,8 milhão de contos que a TVI partilha com a TDF - Telledifusion de France, associada à France Telecom: 55% pertencem à TVI, 45% ao operador francês. A TDF é um parceiro a ter em conta num próximo aumento de capital.» A partir de então, pouco mais se soube. As especulações da TVI continuam envoltas numa espessa neblina.

Adquire, de uma só penada, 4 milhões de acções da TVI. Em que mãos ficou o controlo dos capitais do Canal 4? Em Londres, afirma-se que a estação passou a ser dirigida pelo Vaticano, pelo Opus Dei e pela cadeia televisiva da CNN. Mas há mais. Sabe-se de fonte segura que o intermediário londrino é o poderoso grupo Schroeders e que a ordem de compra lhe foi dada por cartéis ingleses e norte-americanos de fundos de pensões. Em mãos estrangeiras, contra tudo o que é legalidade, terão sido entregues, pelo menos, 45% dos interesses da TV católica. Citam-se empresas compradoras de acções tais como a Fidelity Investment Advisors (empresa de auditorias que Ferreira do Amaral chamou para avaliar os activos da Portugal Telecom), a Colonial, a Morgan Greenfeld e a própria Schroeders. A Comissão do Mercado de Valores Imobiliários declara a sua estranheza perante tão nebulosa situação. Então, a direcção da TVI responde que 55% do seu capital continuava em mãos portuguesas. Mas recusa-se a fornecer informações sobre as empresas ou pessoas que subscrevem os capitais da estação. Neste meio tempo, a igreja prosseguia e intensificava a sua ofensiva. Em parceria com os franceses da Telecom e com a Rádio Renascença, a TVI tinha constituído uma nova «holding» - a RETI - destinada à exploração comercial de redes de emissoras usadas como redes de telecomunicações. Isto é, a RETI (ou qualquer outra empresa que paralelamente viesse a surgir) poderia funcionar indistintamente quer como emissora de sinais de TV quer como rede de comunicações. Pode ler-se no «Público» de 23.04.94: «A constituição da RETI data de Outubro de 1992. Detém um capital de 1,8 milhão de contos que a TVI partilha com a TDF - Telledifusion de France, associada à France Telecom: 55% pertencem à TVI, 45% ao operador francês. A TDF é um parceiro a ter em conta num próximo aumento de capital.» A partir de então, pouco mais se soube. As especulações da TVI continuam envoltas numa espessa neblina.

## Pontos Cardeais

### Autocarros

Segundo um estudo encomendado pela ANTOP (Associação de Transportadores Rodoviários de Pesados de Passageiros) e pela SAER (Sociedade de Avaliação de Empresas de Risco), um dos grandes problemas que afectam o transporte rodoviário de passageiros é um «parque de viaturas excessivamente envelhecido», onde «o número de veículos com mais de 15 anos de idade corresponde a 47% do total, verificando-se que apenas um quinto dos autocarros que circulam nas estradas portuguesas têm até cinco anos».

E os por nenes deste autêntico estendal de subdesenvolvimento são ainda mais lancinantes. Por exemplo, do conjunto das empresas operadoras, apenas 17,6% dessas empresas dispõem de frotas com veículos entre 10 e 14 anos de idade, enquanto 43,2% dessas empresas (quase metade!) apresentam veículos entre 15 e 19 anos e 33,6% (um terço do total!) com frotas apresentando veículos com idades superiores a 20 anos. É obra! E da velha, muito velha...

Todas estas coisas vêm noticiadas no Diário de Notícias que, entretanto, também dá nota das «reivindicações» dos operadores - os tais que ficaram com o prático monopólio do transportes rodoviário de passageiros. Já adivinham quais são, né verdade? Claro... Querem subsídios do Estado para adquirirem viaturas novas para um negócio de que têm exclusivo uso e abuso...

operação de muito maior envergadura (em termos proporcionais, é claro), acabando também por retirar, ficando agora o penedo como sempre esteve: completamente deserto e sem qualquer utilidade ou actividade humana.

É claro que este episódio absurdo apenas se compreende não por causa do pobre calhau Leila/Perejil - que não interessa realmente a ninguém - mas, evidentemente, por causa das cidades marroquinas de Ceuta e Mellilla que a Espanha ocupa. E bem pode a Espanha clamar que estas duas cidades estão na sua posse desde o século XVI (dadas, aliás, à coroa espanhola pela coroa portuguesa, que primeiro as conquistou), que não muda a questão central: as duas cidades eram, sempre foram e continuam a ser marroquinas, apesar de colonizadas pela Espanha há já mais de 400 anos. E essa é que é essa...

### Requisições

Cerca de 2000 professores requisitados para trabalhar em estruturas do Ministério da Educação (ME) vão regressar às escolas de origem a partir de 1 de Setembro próximo. O ME justifica o término da requisição com o fim do cumprimento do serviço para cuja função haviam sido designados e a medida está a provocar polémica: no Norte do País há quem diga que o momento está a ser aproveitado para uma «caça às bruxas», por estarem a ser dispensados técnicos indispensáveis em projectos educativos. Para já, na Póvoa de Varzim parece certo que crianças de zonas rurais muito carenciadas vão perder a possibilidade de beneficiar de um projecto de integração social.

É outra coisa é igualmente certa: acumulam-se os professores nas escolas (já na ordem das dezenas de milhares) com os chamados «horários zero», ou seja, sem turmas distribuídas por falta de alunos...

Por isso não se percebe esta sanha do Ministério em retirar professores requisitados para os fazer regressar às escolas de origem onde, manifestamente, não têm alunos à espera...

### Acordo

Parece que o diferendo entre Espanha e Marrocos por causa de um ilhéu está em vias de se solucionar diplomaticamente. Falamos, é claro, do insólito caso do pedregulho a 200 metros da costa de Marrocos - totalmente escalvado e do tamanho de alguns campos de futebol que este país chama de «Leila» e Espanha baptizou de «Perejil» -, que Marrocos começou por ocupar militarmente com seis-soldados-seis e uma bandeira e Espanha «reconquistou» numa

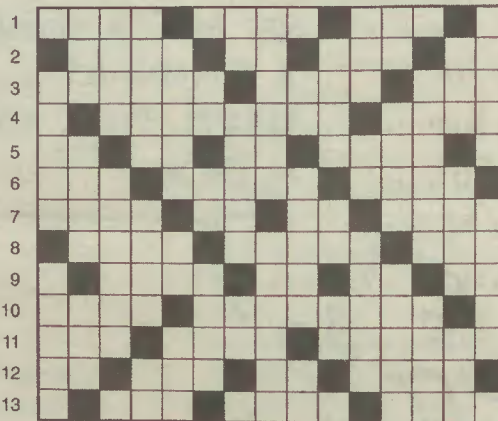
## Palavras Cruzadas

**HORIZONTAIS:** 1 - Pai (infant.); sectário do babilismo; escudeiro. 2 - Cão pequeno de pelo comprido e lustroso, procedente da Pomerânia; designa alternativa; além disso; medida itinerária chinesa. 3 - Tóxico vegetal com que os índios envenenam as flechas; escassa; semelhante. 4 - Prendera com amarra; cantiga. 5 - Deus egípcio; partícula afirmativa do dialecto provençal; antes de Cristo (abrev.); ramagem. 6 - Fileira; parte do corpo humano onde o membro inferior se liga ao tronco (pl.); criança recém-nascida ou de poucos meses. 7 - Espécie de rã que vive sobre as árvores, arbustos, etc.; interj. que exprime admiração, alegria, etc.; americão (s.q.); coisa nenhuma. 8 - Parente por afinidade; um e outro; interpretar por meio de leitura. 9 - Qualquer instrumento de ataque ou defesa; palavra havaiana que designa lavas ásperas e escoriáceas; aprovado (abrev.); laçada. 10 - Fronteira; cada um dos ossos que constituem a espinha dorsal do homem e dos outros animais vertebrados. 11 - Época; plano; barra de madeira ou de ferro que, colocada transversalmente, serve para segurar as portas do lado inferior. 12 - Comiseração; relação; a ti; seguimento de coisas. 13 - Chegar; fruto da romãzeira; suspirar.

**VERTICAIS:** 1 - Dar urros; ardor. 2 - Acolá; renque de árvores; argola. 3 - Sem impurezas; qualquer utensílio adequado a uma arte ou ofício. 4 - Espécie de olmo ou choupo da família das salicáceas; detesta; sorri. 5 - Vinho obtido pela destilação dos cachos de palmeira; milímetro (abrev.); grande quantidade. 6 - Caminhar; sódio (s.q.); caução ou garantia de pagamento de uma letra de câmbio consignada na mesma letra. 7 - Contr. da prep. a com o art. def. o; greta; existe. 8 - Caverna; malicioso. 9 - O espaço aéreo; descanso religioso que, conforme a lei de Moisés, os Judeus deviam observar no sétimo dia da semana; prep. que indica lugar, tempo, modo, causa, fim e outras relações. 10 - Declamar; molibdénio (s.q.); extraterrestre (abrev.). 11 - Altar cristão; abade (abrev.); espada curta de um só fio. 12 - Dirija-se; termo hebraico, que significa assim seja; beira-mar. 13 - Diz-se do prego próprio para pregar traves; elemento de formação de palavras que exprime a ideia de hostilidade, oposição. 14 - Pequeno poema medieval narrativo ou lírico; paraíso terreal no qual, segundo o Génesis, viveram Adão e Eva; filtra. 15 - Pequena aldeia; perfume.

**HORIZONTAIS:** 1 - Papá; babá; aio. 2 - Lutuj; ou; oraj; h. 3 - Uirari; rari; lai. 4 - Amarrar; arja. 5 - Rá; oc; AC; rama. 6 - Ala; ancas; bebe. 7 - Relaj; ab; Am; nada. 8 - Afim; ambos; ler. 9 - Arma; aa; api; no. 10 - Rara; vétebra. 11 - Era; raso; tranca. 12 - Dó; ro; te; etio. 13 - Vir; romá; ar. 14 - Ar; sabat; em. 15 - Ar; sabat; em. 10 - Orar; Mo; ET. 11 - Ar; ab; sabre. 12 - Ia; amem; praia. 13 - Tradá; antl. 14 - Lai; edem; ca. 15 - Vilaj; roma.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15





## Reuniões e Plenários

### Águeda

Plenário de militantes da organização concelhia sobre a situação política e social e as orientações e tarefas decorrentes da Conferência Nacional e Festa do *Avante!*: sexta-feira às 21h30, com a participação do camarada **Armindo Miranda**.

### Alcácer do Sal

Plenários de militantes das organizações de **Rio de Moinhos** (sexta-feira, 26, às 20h30) e de **Casebres** (sexta-feira, 26, às 21h).

### Almada

Plenário de militantes da célula do **Arsenal do Alfeite**: hoje, dia 25, às 17h30, no CT Concelhio de Pombal.

### Lisboa

Plenário de militantes da **Zona Ocidental de Lisboa**: terça-feira, dia 30, às 21h30, no Centro de Trabalho de Alcântara, com a participação do camarada **Bernardino Soares**.

### Moita

Plenário de militantes da freguesia de **Sarilhos Pequenos** sobre as conclusões da Conferência Nacional: sexta-feira, 26, às 21h30, no Centro de Trabalho local, com a participação do camarada **Valdemar Santos**.

### Vialonga

Plenário de militantes da freguesia sobre o *Avante!*: sexta-feira, 26, às 15h30, no CT de Vialonga, com a participação do camarada **Jaime Félix**.

### Sintra

Reunião da Comissão Concelhia para discussão da situação política e social, trabalho do Partido junto dos trabalhadores e Festa do *Avante!*: dia 26, às 21h30, no CT do Cacém.

**Queluz - Debate sobre Segurança Social** - Em defesa do sistema público de segurança Social: sexta-feira, 26, 21h30, no CT de Queluz, com a participação do camarada **Anselmo Dias**.

## Visita o Pavilhão do PCP

nas Festas Populares de Alhos Vedros!

De 26 a 31 de Julho

## Feira da Ladra

no Parque Urbano de Montemor-o-Novo

Dia 27 a partir das 20h

## Viagem ao Brasil

promovida pela Com. Concelhia de Almada  
Data prevista: 4 a 12 de Outubro 2002  
(Informações: cam. Cabrita - 212752777)

## Viagem às Capitais Nórdicas

Oslo - Copenhaga - Estocolmo  
28 de Julho a 5 de Agosto 2002

promovida pela DORS  
(informações: cam. Adelaide - 265521180)



## Concurso de Bandas

«Avante Minho 2002»

Dia 27 na Pç. da República em Braga

para apuramento da banda minhota que actuará no Palco «Novos Valores» da Festa do *Avante!*

## Santa Iria de Azóia

Domingo, 28, na Escola n.º 4

Final do Torneio de Futebol de Salão Avante 2002

Jogo para os 3.º e 4.º lugares às 9h

Final às 10h

Almoço-convívio a partir das 13h

## Jornadas de trabalho

do Sector de Empresas da Cidade de Lisboa

Dias 27 de Julho - 3 de Agosto - 24 de Agosto

da célula do BCP

Dia 27 (com encontro no Bar de Apoio às 9h)

Vamos continuar a Festa!  
Participa!



## Acampamento Regional de Santarém

Dias 26, 27 e 28 em Olhos de Água / Alcanena  
Projeção de filmes • Debates • Música ao vivo • Torneios de futebol • Teatro

## Acampamento Distrital de Aveiro

Dias 26, 27 e 28 na Praia do Furadouro  
Sexta-feira - Final distrital do 5.º concurso de bandas «Audácia de Conquistar» e apuramento da que actuará na Festa do *Avante!* - na Av. Central do Furadouro  
Sábado - Debate no Parque de Campismo do Furadouro, às 15h: «Necessidade e intervenção da JCP na sociedade portuguesa»  
Domingo - Debate às 15h no Parque de Campismo: «Racismo e Xenofobia»

## Acampamento Regional de Castelo Branco

Dias 26, 27 e 28 em Valhelhas  
Debate sobre «A globalização imperialista» sexta à noite  
Concertos - «Futebolada» - Poesia - Convívio

## Acampamento Regional de Leiria

Dias 26, 27 e 28 em Pedrógão  
Torneio de futebol - Convívio  
Debate (sábado à noite) sobre «O papel transformador da Juventude» com Paulo Marques

## Acampamento Regional do Algarve

Dias 26, 27 e 28 no Clube de Campismo de Lisboa, Parque de Ferragudo  
Animação musical • Debate: «Transformar é Possível / 7.º Congresso da JCP»

## Acampamento Regional de Lisboa

Dias 26, 27 e 28 em Avis

## Acampamento Regional do Litoral Alentejano

Dias 26, 27 e 28 em Vila Nova de Milfontes  
no Parque de Campismo Campiférias  
Debate (sábado à noite) sobre a situação internacional



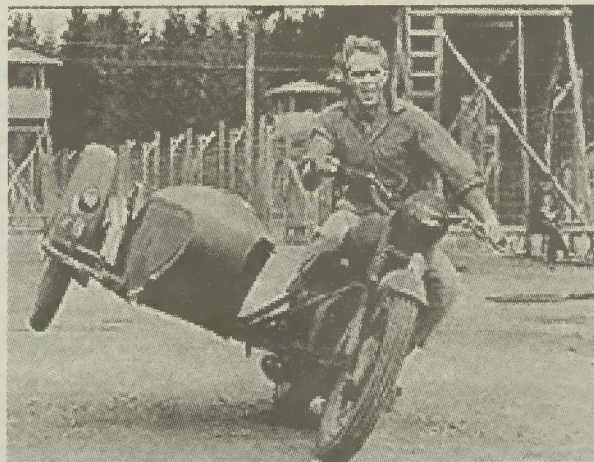
# ATVer

*A Grande Evasão foi, no início dos anos 60, um dos maiores êxitos do cinema de guerra realizado pelo veterano John Sturges*

## A Grande Evasão

(Quinta-feira, 25.07.02, RTP-2)

A Grande Evasão foi, no início dos anos 60, um dos maiores êxitos do cinema de guerra realizado pelo veterano John Sturges, especialista em filmes de ação, com destaque para os westerns (onde é autor de vários clássicos). Trata-se de uma hábil combinação do drama de guerra com o filme de aventuras, que Sturges realiza com a sua tradicional e espetacular eficácia, partindo da adaptação de um romance de Paul Brickhill. Em tom quase documental, Sturges recria a atmosfera de um campo de concentração alemão durante a II Guerra Mundial, bem como a minuciosa e disciplinada preparação e execução de um plano de fuga, prestando assim tributo ao espírito, à coragem e ao engenho humano num filme de grandes emoções e envolvente suspense. Uma grande produção, de então para cá inúmeras vezes citada ou mesmo imitada, integrando um elenco onde despontaram ou se confirmaram algumas estrelas, nomeadamente



produtor e principal intérprete, El Mariachi, inteiramente falado em espanhol, é uma espécie de western de série B em atmosfera de thriller violento, servindo-se dos lugares comuns de dois ou três géneros cinematográficos para criar um filme inteligente. É um bom divertimento.

## Stargate

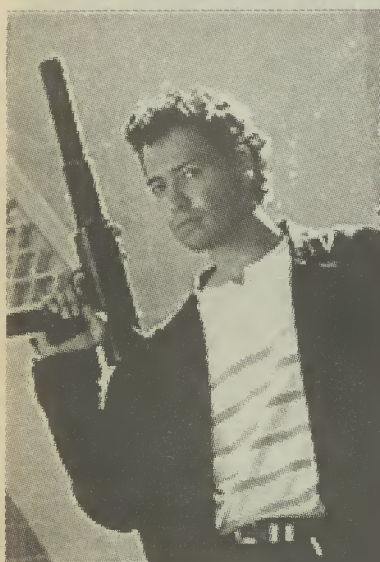
(Domingo, 28.07.02, TVI)

Um «portal espacial» encontrado no Egito nos anos 40 está à espera que um génio descubra como utilizá-lo. É claro que esse génio aparece e não apenas atravessa o portal como o faz na companhia de uma expedição militar, encontrando «do outro lado» uma outra civilização, uma espécie de mundo paralelo de onde vai ser difícil regressar e onde ocorrem, entretanto, grandes lutas pelo poder e fantásticas aventuras. Um bom exemplar de ficção científica que, não tendo investimento ao nível da «Guerra das Estrelas», não deixa de ser uma obra que dispôs de meios e cuidados, tendo Kurt Russel e James Spader como cabeças de cartaz.

## Sobreviver a Picasso

(Segunda-feira, 29.07.02, RTP-1)

James Ivory, que se tornou famoso pelas suas evocações victorianas, recriou em Sobreviver a Picasso 10 anos de vida do celeberrimo pintor, exactamente os que este viveu com Françoise Gilot. Baseando-se num argumento adaptado de um livro de Ariana Stassinopoulos, trata-se de uma sinuosa evocação biográfica que se detém sobre as complexidades de relacionamento com um homem caprichoso, dominador e extraordinariamente enérgico, depois dos 60 anos, que continuava a manter uma tumultuosa vida amorosa. Uma visão



El Mariachi é uma espécie de western de série B em atmosfera de thriller violento



Sobreviver a Picasso, a evocação romanceada de 10 anos de vida de Pablo Picasso

Steve McQueen, James Garner, Charles Bronson ou Richard Attenborough.

## Adepto Fanático

(Sexta-feira, 26.07.02, RTP-1)

Tony Scott é um conhecido estilista da imagem e muitos dos planos de Adepto Fanático são um bom exemplo do seu sofisticado gosto cinematográfico. Trata-se de um thriller psicológico sobre as criminosas e demenciais iniciativas de um adepto fanático de baseball, de uma equipa e do seu jogador-vedeta, adepto esse que não se detém perante nada (chantagem, rapto e até homicídio) para ver a sua equipa e os seus heróis ganharem. No caso, o desporto serve de pano de fundo a esta história do culto psicótico de uma celebridade, que nos EUA pode atingir níveis perfeitamente desconcertantes e perversos. Aliás, o argumento reflecte inúmeras situações reais que Scott explora com habilidade para criar um filme de grande suspense e emoção, com Robert De Niro e Wesley Snipes nos principais papéis.

## El Mariachi

(Sábado, 27.07.02, RTP-1)

El Mariachi foi um inesperado êxito nos EUA e na Europa, revelando um jovem cineasta de 24 anos, Robert Rodriguez, numa primeira obra surpreendente. Pequena produção rodada com um orçamento ridículo, onde Rodriguez assina a produção, a montagem, a fotografia, a realização e o argumento de parceria com Carlos Gallardo, igualmente co-



Adepto Fanático é um thriller psicológico sobre as criminosas e demenciais iniciativas de um adepto fanático de baseball

muito pessoal de Picasso (cujos herdeiros proibiram a utilização de qualquer das suas obras no filme), onde se destaca a subtilidade dos diálogos e a recriação de Picasso por Anthony Hopkins.

## Jerry Maguire

(Terça-feira, 30.07.02, RTP-1)

Na segunda metade dos anos 90 surgiu esta bem intencionada sátira ao mundo mercantilista e amoral dos «yuppies» dos anos 90, contando a história de um agente desportivo que, acometido por um acesso de boa consciência, critica os aspectos mercantilistas e exploradores da sua profissão, sendo por isso despedido. Mais tarde, demonstra que também é possível trabalhar neste ramo com sucesso e de forma honesta. Com Tom Cruise e Cuba Gooding Jr.

## Bashu, o Pequeno Estrangeiro

(Quarta-feira, 31.07.02, RTP-2)

Bashu, o Pequeno Estrangeiro é uma sensível crónica sobre a amarga trajectória de um pequeno órfão de guerra iraniano que deixa a sua aldeia devastada no Sul do país e se refugia nas florestas do Norte, onde acaba por ser adoptado por uma família de camponeses. Um filme de grande beleza formal, explorando magnificamente as paisagens naturais para reflectir sobre a devastação física e moral da guerra, ao mesmo tempo que passa uma forte mensagem de tolerância e humanismo. Do iraniano Bahram Beyzaie.

## Quinta, 25

### ▼RTP 1

07.00 Bom Dia Portugal  
10.00 Praça da Alegria  
13.00 Jornal da Tarde  
14.00 Regiões - Local  
14.30 Via Aberta  
16.30 Amor e Ódio  
17.30 O Elo Mais Fraco  
18.30 Quebra-cabeças  
19.20 O Preço Certo em Euros  
20.00 Telejornal  
21.30 Gregos e Troianos  
00.30 Os Sopranos  
01.30 24 Horas  
01.45 «As Asas da Fama» (Filme)

### ▼RTP 2

07.00 Espaço Infantil  
11.00 Euronews  
13.00 Matas, Bosques e Brenhas  
13.30 Sinais do Tempo  
14.30 Euronews  
15.00 Volta a França em Bicicleta  
17.30 Informação Gestual  
18.30 Informação Religiosa  
19.00 Mitos Eternos  
19.30 Clube da Europa

## Sexta, 26

### ▼RTP 1

07.00 Bom Dia Portugal  
10.00 Praça da Alegria  
13.00 Jornal da Tarde  
14.00 Regiões - Local  
14.30 Via Aberta  
16.30 Amor e Ódio  
17.15 O Elo Mais Fraco  
18.15 Quebra-cabeças  
19.15 O Preço Certo em Euros  
20.00 Telejornal  
21.30 O Elo Mais Fraco  
22.30 «Adepto Fanático» (Filme)  
00.30 Os Sopranos  
01.30 24 Horas  
01.45 «Cromwell» (Filme)

### ▼RTP 2

07.00 Espaço Infantil  
11.00 Euronews  
13.00 Matas, Bosques e Brenhas  
13.30 Retratos  
14.30 Euronews  
15.00 Volta a França em Bicicleta  
17.30 Informação Gestual  
18.30 Informação Religiosa  
19.00 2010

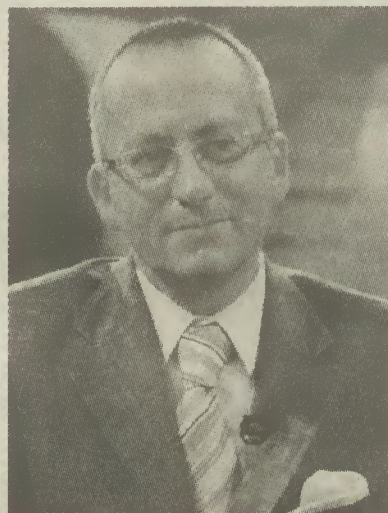
## Sábado, 27

### ▼RTP 1

07.00 Infantil/Juvenil  
10.45 «Curto Circuito 2» (Filme)  
11.55 Fórmula 1 - GP da Alemanha (Treinos)  
13.00 Jornal da Tarde  
14.00 Top +  
15.00 O Passeio dos Alegres  
20.00 Telejornal  
21.30 Camilo, o Pendura  
22.00 «El Mariachi» (Filme de Barry Levinson, EUA/1998, com Dustin Hoffman, Sharon Stone, Samuel L. Jackson, Peter Coyote. (Ver destaque)  
00.15 «Lola» (Filme)  
01.45 24 Horas  
02.00 «O Expresso Avalanche» (Filme)

### ▼RTP 2

07.00 Euronews  
09.00 Universidade Aberta  
12.00 Iniciativa  
14.00 Tigre, O Senhor da Selva  
15.00 Desporto 2  
19.30 Mitos Eternos  
20.00 Missão Natureza  
20.30 Bombordo



As «Manhãs» da RTP...



...e da SIC

20.00 Viver no Campo  
20.30 Nikki  
21.00 Sim, Amor  
21.30 Viva o Improviso  
22.00 Jornal 2  
23.00 Roswell

24.00 «A Grande Evasão» (Filme)  
01.50 Portugalmente

### ▼SIC

07.00 Infantil/Juvenil  
11.00 SIC 10 Horas  
13.00 Primeiro Jornal  
14.00 As Duas por Três  
15.00 Walker, o Ranger do Texas  
16.00 Malhação  
17.30 Desejos de Mulher  
18.30 New Wave  
19.00 Coração de Estudante  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 Malucos do Riso  
21.30 O Grande Mestre  
22.00 Fúria de Viver  
23.00 O Clone  
23.00 Animais de Vídeo  
01.00 «Wildier - Mulher e Polícia» (Filme)  
01.30 Cinema do Irão

### ▼TVI

07.30 Sempre a Abrir  
11.00 As Manhãs da TVI  
13.00 TVI Jornal  
14.00 Jardins Proibidos  
15.00 Bora Lá Marina  
16.00 As Pupilas do Sr. Doutor  
16.30 Olhó Video  
17.15 Marés Vivas  
18.00 Anjo Selvagem  
19.00 Tudo por Amor  
20.00 Jornal Nacional  
21.15 Sonhos Traídos  
22.00 Anjo Selvagem  
23.15 «Erro de Julgamento» (Filme)  
01.15 «Os Navegadores» (Filme)

20.00 Viver no Campo  
20.30 Nikki  
21.00 Sim, Amor  
21.30 Viva o Improviso  
22.00 Jornal 2  
23.00 A Rainha e o País (4)  
24.00 «Estrada Perdida» (Filme)  
02.15 Portugalmente

### ▼SIC

11.00 SIC 10 Horas  
13.00 Primeiro Jornal  
14.00 As Duas por Três  
15.00 Walker, o Ranger do Texas  
16.00 Malhação  
17.30 Desejos de Mulher  
18.30 New Wave  
19.00 Coração de Estudante  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 Malucos do Riso  
21.30 O Grande Mestre  
22.20 O Clone  
23.00 O Grande Mestre  
00.30 Sexappeal  
01.30 «Casamento na Polónia» (Filme)  
03.30 Espaço Cinema

### ▼TVI

07.30 Sempre a Abrir  
11.00 As Manhãs da TVI  
13.00 TVI Jornal  
14.00 Jardins Proibidos  
15.00 Bora Lá Marina  
16.00 As Pupilas do Sr. Doutor  
16.30 Olhó Video  
17.15 Marés Vivas  
18.00 Anjo Selvagem  
19.00 Tudo por Amor  
20.00 Jornal Nacional  
21.15 Sonhos Traídos  
22.00 Anjo Selvagem  
23.00 «Os Desejos da Inocência» (Filme)  
01.15 «O Medo» (Filme)

21.00 Por Outro Lado  
22.00 Jornal 2  
22.50 O Lugar da História - «Mistérios da Esfinge»  
00.00 Britcom  
01.00 Saxazul (Gravações do Festival de Cascais)  
02.00 Noites Curtas do Onda Curta (Curtas-metragens)

### ▼SIC

08.00 Sic a Abrir  
12.00 O Nosso Mundo  
13.00 Primeiro Jornal  
13.45 Catarina.com  
14.30 O Camião  
15.45 A Vingadora  
16.45 Air America  
17.45 «Mar de Chamas» (Filme)  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 Malucos do Riso  
21.30 Linha da Sorte  
22.30 Fúria de Viver  
23.30 «Estamos Vivos» (Filme)  
01.30 Residencial Tejo  
02.30 A Rainha de Espadas

### ▼TVI

07.30 Batatoon  
09.30 Sempre a Abrir  
11.15 Sonhos Traídos  
12.00 Lux  
13.00 TVI Jornal  
14.00 «Três Ninjas Vingadores» (Filme)  
16.00 «Na Casota do Cão» (Filme)  
18.30 Bons Vizinhos  
20.00 Jornal Nacional  
21.00 Super Pai  
22.00 O Último Beijo  
00.15 «O Jogo da Sedução» (Filme)  
02.15 «Assassino nas Trevas» (Filme)  
03.30 Os Médicos



## Domingo, 28

## ▼ RTP 1

07.00 Infantil/Juvenil  
11.15 Planeta Azul  
11.45 «Astérix Conquista a América» (Filme)  
12.50 Fórmula 1 - GP da Alemanha  
15.00 João Baiano  
19.00 Melhor É Impossível  
20.00 Telejornal  
21.30 O Elo Mais Fraco  
22.30 «O Pequeno Stuart» (Filme)  
00.15 24 Horas  
00.30 Fórmula 1 - GP da Alemanha (Resumo)  
00.45 «Os Heróis não Choram» (Filme)

## ▼ RTP 2

07.00 Euronews  
09.00 Programa Religioso  
11.30 Horizontes da Memória  
12.00 Turma das Ciências  
13.00 Uma Gota para a Vida  
14.00 Desporto 2  
18.30 Primatas Como Nós (Últ. Ep.)  
19.30 Onda Curta  
20.00 La Femme Nikita  
21.00 Artes e Letras - «The Moving World of George Riekey»  
22.00 Jornal 2  
23.00 «Ao Sul» (Filme)  
00.45 Sinais do Tempo  
01.45 2010 (Rep.)

## ▼ SIC

07.00 SIC a Abrir  
12.00 BBC - Vida Selvagem  
13.00 Primeiro Jornal  
14.00 «Rex, o Cão-Bebé» (Filme)  
16.00 «Toca a Marchar» (Filme)  
18.00 «Casper» (Filme)  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 Malucos do Riso  
22.00 Pearl Harbour  
01.00 «Showgirls» (Filme)  
03.00 A Rainha de Espadas

## ▼ TVI

07.00 Super Batatoon  
11.00 Cerimónias Religiosas  
13.00 TVI Jornal  
14.00 «Stargate» (Filme)  
16.45 «O Homem que Sabia de Menos» (Filme)  
18.45 Bons Vizinhos  
20.00 Jornal Nacional  
21.15 Apanhados da Bola  
22.45 O Último Beijo  
23.45 «Triângulo do Amor» (Filme)  
01.45 «Grito de revolta»

## Segunda, 29

## ▼ RTP 1

07.00 Bom Dia Portugal  
10.00 Praça da Alegria  
13.00 Jornal da Tarde  
14.00 Regiões - Local  
14.30 Vencedores  
16.30 Amor e Ódio  
17.15 O Elo Mais Fraco  
18.30 Quebra-cabeças  
19.00 O Preço Certo em Euros  
20.00 Telejornal  
21.30 Sorte Grande  
21.45 O Elo Mais Fraco  
22.45 «Pensamentos Mortais» (Filme)  
00.30 Os Sopranos  
01.45 24 Horas  
02.00 «Sobreviver a Picasso» (Filme)

## ▼ RTP 2

07.00 Espaço Infantil  
11.00 Euronews  
13.00 Matas, Bosques e Brenhas  
13.30 Felicity  
14.30 Informação Gestual  
15.30 Euronews  
16.00 O Lugar da História  
17.00 Espaço Infantil  
18.30 Informação Religiosa  
19.00 Planeta Azul  
19.30 As Novas Reservas Naturais  
20.00 Viver no Campo  
20.30 Nikki  
21.00 Sim, Amor  
21.30 Viagem Pela Natureza  
22.00 Jornal 2  
23.00 Sete Palmas de Terra  
00.00 «Djomeh» (Filme)  
01.50 Departamento de Homicídios

## ▼ SIC

07.00 Infantil/Juvenil  
11.00 SIC 10 Horas  
13.00 Primeiro Jornal  
14.00 Walker, o Ranger do Texas  
15.00 As Duas por Três  
16.00 Malhação  
17.30 Desejos de Mulher  
18.30 New Wave  
19.00 Coração de Estudante  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 Malucos do Riso  
21.30 O Grande Mestre  
22.00 Fúria de Viver  
23.00 O Clone  
24.00 Pânico no Emprego  
01.30 «Critos Mortais» (Filme)  
03.00 Musical - «Arias com Spaghetti»

## ▼ TVI

07.30 Sempre a Abrir  
11.15 Impacto TV  
12.00 Jardins Proibidos  
13.00 TVI Jornal  
14.00 Jardins Proibidos  
15.00 Bora Lá Marina  
16.00 As Pupilas do Sr. Doutor  
16.30 Olho Vídeo  
17.15 Marés Vivas  
18.00 Anjo Selvagem  
19.00 Tudo por Amor  
20.00 Jornal Nacional  
21.15 Sonhos Traídos  
22.15 Anjo Selvagem  
23.00 «Sem Nada a Temer» (Filme)  
01.15 «O Dentista» (Filme)

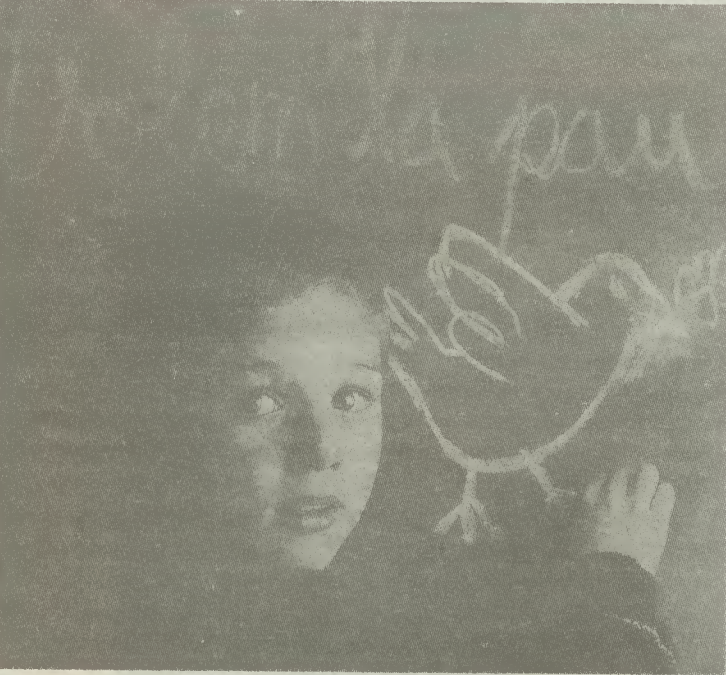
## Terça, 30

## ▼ RTP 1

07.00 Bom Dia Portugal  
10.00 Praça da Alegria  
13.00 Jornal da Tarde  
14.00 Regiões - Local  
14.30 Vencedores  
16.30 Amor e Ódio  
17.30 O Elo Mais Fraco  
18.30 Quebra-cabeças  
19.15 O Preço Certo em Euros  
20.00 Telejornal  
21.30 O Elo Mais Fraco  
22.30 «Jerry Maguire» (Filme de Jonathan Demme, EUA/1993, com Tom Hanks, Denzel Washington, Mary Steenburgen. (Ver destaque)  
01.00 Os Sopranos  
02.00 24 Horas  
02.15 «O Macaco de Ferro» (Filme)

## ▼ RTP 2

07.00 Espaço Infantil  
11.00 Euronews  
13.00 Matas, Bosques e Brenhas  
13.30 Felicity  
14.30 Informação Gestual  
15.30 Euronews  
16.00 O Lugar da História  
17.00 Espaço Infantil  
18.30 Informação Religiosa  
19.00 Planeta Azul  
19.30 As Novas Reservas Naturais  
20.00 Viver no Campo  
20.30 Nikki



21.00 Sim, Amor  
21.30 Viagem pela Natureza  
22.00 Jornal 2  
23.00 Os Limites do Terror  
00.00 «O Balão Branco» (Filme)  
01.30 Departamento de Homicídios

## ▼ SIC

07.00 Infantil/Juvenil  
11.00 SIC 10 Horas  
13.00 Primeiro Jornal  
14.00 Walker, o Ranger do Texas  
15.00 As Duas por Três  
16.00 Malhação  
17.30 Desejos de Mulher  
18.30 New Wave  
19.00 Coração de Estudante  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 Malucos do Riso  
21.30 O Grande Mestre  
22.00 Fúria de Viver  
23.00 O Clone  
24.00 Loucas Perseguições  
01.30 «Trio Fatal» (Filme)  
03.00 Musical - «Arias com Spaghetti»

## ▼ TVI

07.30 Sempre a Abrir  
11.15 Impacto TV  
12.00 Jardins Proibidos  
13.00 TVI Jornal  
14.00 Jardins Proibidos  
15.00 Bora Lá Marina  
16.00 As Pupilas do Sr. Doutor  
16.30 Olho Vídeo  
17.15 Marés Vivas  
18.00 Anjo Selvagem  
19.00 Tudo por Amor  
20.00 Jornal Nacional  
21.15 Sonhos Traídos  
22.15 Anjo Selvagem  
22.45 João Braga entre as Mulheres  
01.00 «Os Predadores» (Filme)  
03.00 Os Homens do Presidente

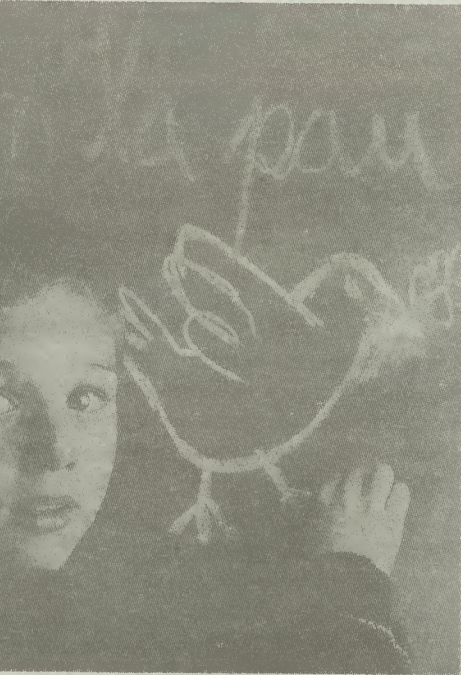
## Quarta, 31

## ▼ RTP 1

07.00 Bom Dia Portugal  
10.00 Praça da Alegria  
13.00 Jornal da Tarde  
14.00 Regiões - Local  
14.30 Vencedores  
16.30 Amor e Ódio  
17.30 O Elo Mais Fraco  
18.30 Quebra-cabeças  
19.15 O Preço Certo em Euros  
20.00 Telejornal  
21.30 O Elo Mais Fraco  
22.30 «Cães Adormecidos» (Filme)  
00.15 Os Sopranos  
01.15 24 Horas  
01.30 «A Mansão da Loucura» (Filme)

## ▼ RTP 2

07.00 Espaço Infantil  
11.00 Euronews  
13.00 Matas, Bosques e Brenhas  
13.30 Felicity  
14.30 Informação Gestual  
15.30 Euronews  
16.00 Por Outro Lado  
17.00 Espaço Infantil  
18.00 Informação Religiosa  
19.30 Bombordo  
19.00 As Novas Reservas Naturais  
20.00 Viver no Campo  
20.30 Nikki  
21.00 Sim, Amor  
21.30 Viagem pela Natureza



22.00 Jornal 2  
23.00 Crónica do Século - «As Guerras da República» (Parte I)  
00.00 «Bashu, o Pequeno Estrangeiro» (Filme)  
01.45 Departamento de Homicídios

## ▼ SIC

07.00 Infantil/Juvenil  
11.00 SIC 10 Horas  
13.00 Primeiro Jornal  
14.00 Walker, o Ranger do Texas  
15.00 As Duas por Três  
16.00 Malhação  
17.30 Desejos de Mulher  
18.30 New Wave  
19.00 Coração de Estudante  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 Malucos do Riso  
21.30 O Grande Mestre  
22.00 Fúria de Viver  
23.00 O Clone  
24.00 Hora Extra  
01.30 «Entrevista com o Vampiro» (Filme)  
03.00 Musical - «Arias com Spaghetti»

## ▼ TVI

07.30 Sempre a Abrir  
11.15 Impacto TV  
12.00 Jardins Proibidos  
13.00 TVI Jornal  
14.00 Jardins Proibidos  
15.00 Bora Lá Marina  
16.00 As Pupilas do Sr. Doutor  
16.30 Olho Vídeo  
17.15 Marés Vivas  
18.00 Anjo Selvagem  
19.00 Tudo por Amor  
20.00 Jornal Nacional  
21.15 Sonhos Traídos  
22.15 Anjo Selvagem  
23.15 «One Hot Summer Night» (Filme)  
01.30 «Tempo de Crime» (Filme)

Nota:  
A Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

TVisto

Correia da Fonseca

## Catalunha e outras «guerras»

As guerras induzidas

Tornou-se recorrente citar Pessoa quando escreveu que a sua Pátria era a língua portuguesa (e, de passagem, diga-se que pelo modo como as TVs tratam a língua portuguesa logo se vê que os eventuais cuidados com ela não trazem audiências). Porém, parece claro que a íntima relação entre língua e identidade nacional é sentida mesmo pelos povos que não leram Pessoa e que, já se vê, são a maioria. Será decerto o caso do povo da Catalunha. Foi no

SIC-Notícias que vi uma reportagem acerca da luta dos catalães pela defesa da sua língua como realidade viva e, nessa condição, garantia da preservação de um sentimento nacional autónomo mesmo se integrado numa realidade política mais global. E, confesso, ignorava de todo que o combate em defesa da língua catalã tivesse tido fases não só tão dramáticas como tão recentemente recentes que se

alongaram mesmo pelos anos do pós-franquismo. Apesar do tom discreto do trabalho jornalístico, perpassava ali um sopro épico de resistência a que inevitavelmente é sensível quem melhor ou pior se solidarizou com outras resistências.

Convirá dizer o que já não é novidade para ninguém: que o SIC-Notícias, canal distribuído por cabo, parece servir ao conjunto SIC para compensar os telespectadores da por vezes consternante penúria de qualidade a que a SIC é «obrigada» no canal mais comum, aquele a que todos têm acesso sem recurso ao cabo, devido à interminável e extenuante caça às audiências. No SIC-Notícias não é difícil encontrar momentos de interesse e qualidade, o que de modo nenhum significa que lhe possamos confiar acriticamente o nosso tempo, sem vermos com cuidado onde estamos a pôr olhos e ouvidos: bem pelo contrário, também aquele terreno pode estar armadilhado. Não me parece que tenha sido o caso da reportagem sobre os catalães e a defesa da sua língua, e por isso a segui quase totalmente rendido. Este «quase» apesar de tudo restritivo corresponde ao princípio que manda nunca abandonar inteiramente uma reserva de vigilância quando atravessamos territórios infestados por más surpresas e também por feias cousas que nem surpresas são.

Na reportagem de que falo, transmitida no âmbito da rúbrica «Aldeia Global», uma informação quase de pormenor despertou especialmente a minha atenção. Sabe-se que nunca os governos de Madrid suportaram alegremente a sobrevivência da língua catalã e que não foram poucas as vezes que a violência extrema foi usada para tentar erradicar um factor que ameaçava a integração política da Catalunha numa totalidade espanhola. Sabe-se menos, porém, que em data não muito distante explodiu um surto de viva rejeição do catalão na região de Valência, onde o chamado valenciano é de facto uma versão local da língua da Catalunha. Nessa altura ocorreram aí expressões de grande violência que incluíram ataques à bomba a livrarias e atentados contra a vida de intelectuais valencianos. Ora, segundo foi dito na reportagem, tudo era telecomandado pelos defensores do radical centralismo político instalado na capital. Cito: «... os piores elementos da direita de Madrid estavam por detrás do movimento anticatalão (...)». Isto é: ao contrário do que se aparentava, o objectivo não era uma alegada defesa de qualquer especificidade valenciana, mas sim os interesses de uma forma de opressão linguística accionada por uma defesa extrema e extremista da unidade de Espanha, receosa perante as dinâmicas autonómicas. Ora, perante este caso concreto de aparente defesa de identidade diferenciada que, na verdade, era induzida e mesmo telecomandada pelo interesse de terceiros, deu-me para reflexões que invocavam outros casos. Deu-me para enumerar mentalmente situações em que estratégias inconfessadas e solidamente infames se mascararam de generosas simpatias com causas alheias a fim de conseguirem preciosos dividendos longamente cobichados. Lembrei-me até de um exemplo em que uma «guerra» em favor de terceiros ocultos foi feita com recurso a gentes de boa-fé, de uma outra em que houve utilização de agentes infiltrados (como se diria em linguagem policíesca, suponho), de um outro caso ainda mais penoso e lastimável. Foi, enfim, o desfiar de um pequenino rosário de lembranças amargas e não excessivamente bem-cheirosas. Refugiei-me então na qualidade da reportagem, na certeza de que ao menos por enquanto ainda é possível encontrar momentos assim nos nossos televisores (sobretudo se se tiver acesso ao cabo, é certo), e acabei por espantar os azedumes que tentavam assaltar-me.



«Sonhos Traídos»



A Volta a França termina no domingo



## A talhe de foice

• Henrique Custódio

# Massacre

Com toda a naturalidade, o Governo israelita mandou uma noite destas bombardear três edifícios com cinco apartamentos na Faixa de Gaza, matou pelo menos 15 pessoas e feriu mais de 100, sendo 15 delas com gravidade. Mais de metade das vítimas mortais eram crianças, uma delas com apenas alguns meses de idade.

Com igual naturalidade, o primeiro-ministro israelita Ariel Sharon veio à televisão dizer que, embora «lamentando» a morte de civis (e as vítimas foram todas civis), considerava aquela «acção» do F-16 a disparar mísseis contra edifícios como «um sucesso», dado que teria abatido, no meio dos escombros, um líder do Hamas que as autoridades israelitas responsabilizam por diversos atentados bombistas. Um porta-voz do executivo israelita veio mesmo a público dizer que o tal líder «já devia estar morto» e fazia parte de uma lista de alvos a abater, porque era há muito procurado como responsável por vários atentados em Israel.

Dá este ataque de um avião de guerra, na calada da noite, contra edifícios civis completamente indefesos: o objectivo era apanhar eventualmente alguém que «já devia estar morto» e se estaria escondendo por ali...

Portanto, agora Israel já bombardeia edifícios civis, cheios de gente desarmada e absolutamente inocente, só para fazer tiro ao alvo e, na eventualidade, assassinar alguém que, segundo Israel, «já devia estar morto», pois faz parte de uma lista israelita de gente a abater.

A isto chama Ariel Sharon «combater o terrorismo».

«Isto» é um país - Israel - a promover assassínios à lista elaborada com vítimas escolhidas pelos serviços secretos.

«Isto» é um país - Israel - a assassinar pessoas num quadro de política oficial, cometendo os crimes não apenas com os meios mas também com o aval do próprio Estado.

«Isto» é um país - Israel - já a bombardear deliberada e assumidamente edifícios e populações civis desarmados, indefesos e inocentes só porque «suspeita» que, entre os civis inocentes, pode estar alguém procurado pelos serviços secretos para ser abatido.

Isto é, obviamente, um chocante terrorismo de Estado exercido por Israel à luz do dia, com absoluta arrogância e total desprezo, quer pelas vítimas - os palestinianos - quer pelas normas internacionais que regem as relações dos Estados e a própria civilização humana.

Isto - há que lembrá-lo - era o que faziam os nazis. Nomeadamente contra o povo judeu.

Curiosamente - ou talvez não - este inqualificável massacre ordenado pessoalmente por Ariel Sharon ocorreu quando as diversas facções palestinianas que têm protagonizado as explosões bombistas em Israel se afirmaram dispostas a uma trégua, caso Israel se dispusesse a retirar dos territórios palestinianos que mantêm sob ocupação militar. A resposta a mais esta disponibilidade palestiniana para se encontrar uma solução pacífica para o conflito foi este massacre.

Para Ariel Sharon e os sionistas que dominam actualmente o poder em Israel já não basta o cortejo infundável de humilhações e sofrimento que a ocupação israelita está a infligir ao povo palestiniano, sufocando para além de todos os limites toleráveis o dia-a-dia e a mais elementar sobrevivência de um povo inteiro, que sempre ali habitou e que nunca de ali saiu.

Dá ideia que Sharon, agora que se sente devidamente apoiado pela administração norte-americana de George W. Bush, se encaminha para uma situação extrema.

De violência em violência, de excesso em excesso, de massacre em massacre, crime a crime, Ariel Sharon parece que se encaminha na procura de uma nova «solução final».

Onde, obviamente, sonhará «erradicar» de uma vez por todas o próprio povo palestiniano... da Palestina.

PCP alerta para os perigos da aprovação da proposta apresentada pela Comissão Europeia

# Nova reforma da PAC ameaça agricultores

O PCP denuncia as consequências da reforma da Política Agrícola Comum (PAC), proposta pela Comissão Europeia, considerando que, a ser aprovada, seria «um novo e fundo golpe na já débil agricultura portuguesa».

«Os propagandeados objectivos de uma maior integração dos problemas ambientais e do desenvolvimento dos espaços rurais que a reforma da PAC procuraria é apenas fogo de vista», afirmou, em conferência de imprensa, Agostinho Lopes, membro da Comissão Política.

Para o PCP, esses objectivos serão inteiramente submergidos pelo objectivo central de uma agricultura competitiva, no quadro da concorrência desenfreada no mercado mundial. «Acentuar-se-ão as lógicas produtivistas, no contexto da defesa das agriculturas mais desenvolvidas e das grandes explorações agrícolas capitalistas mais eficientes e impondo a redução dos espaços agrícolas nos países e regiões com piores condições produtivas ou de mercados (como Portugal) e a expulsão da agricultura familiar para o papel de peça de museus vivos nos espaços turísticos europeus», explicitou Agostinho Lopes.

## Ruptura

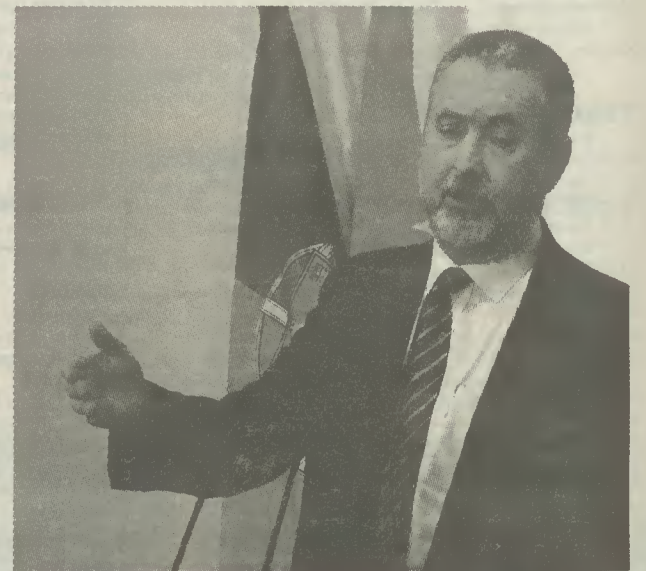
O PCP sublinha que a nova reforma da PAC trará uma

ruptura total com os princípios fundadores da velha PAC: a preferência comunitária, a solidariedade financeira e a unicidade dos mercados com preços garantidos e intervenções regularizadoras. Agostinho Lopes defende que a Comissão Europeia pretende, por um lado, fazer o alargamento da UE e encaixar as agriculturas dos países candidatos sem

gastar dinheiro e, por outro, dar um impulso à liberalização total do comércio agrícola no âmbito da Organização Mundial do Comércio, «para maior glória dos lucros das transnacionais da agroalimentar, da agroquímica e da grande distribuição».

Os eixos centrais da proposta da Comissão Europeia são a desvinculação total das ajudas directas ao rendimento da produção, o desmantelamento progressivo do pilar dos mercados e a introdução do co-financiamento no apoio aos mercados, de uma forma directa ou de uma forma velada.

Com a desvinculação das ajudas da produção e com o estabelecimento de uma ajuda única ao rendimento por exploração a ser determinada na base de um referen-



O Governo não está preocupado com as culturas mediterrânicas, que representam 70 por cento do produto vegetal nacional, acusou Agostinho Lopes

cial histórico, será criada uma ajuda para quem tem a propriedade da terra, eliminando o papel de orientação produtiva e facilitando a quebra de produção e o abandono da actividade agrícola. Ou seja, para receber a ajuda não será necessário produzir, mas apenas manter a terra em boas condições para a prática agrícola!

«Tal princípio manterá a desigualdade na distribuição das ajudas ao rendimento, pois continuarão a ser fixadas na base das produções dominantes no Norte da Europa (cereais, carne, leite), a não abranger as OCM das culturas mediterrânicas (hortícolas, frutas, vinho, azeite) e amarradas ao nível histórico de desenvolvimento e produtividade agrícola de cada

País», sustentou Agostinho Lopes.

## A resposta do Governo

Em resposta à reacção do Governo sobre esta reforma, o dirigente comunista considera que o ministro da Agricultura confirmou a justeza das posições defendidas pelo PCP para esta área, nomeadamente a salvaguarda da especificidade da agricultura portuguesa, a correcção das desigualdades na distribuição dos dinheiros da PAC com claro prejuízo para os agricultores e a agricultura nacional, a necessidade de libertar o País dos constrangimentos de quotas de produção inaceitáveis.

Contudo, Sevinate Pinto manifesta pouca preocupação com as culturas mediterrânicas, que representam 70 por cento do produto vegetal nacional, mostrando maiores receios em relação aos cereais, que constituem apenas dez por cento do produto agrícola vegetal.

## As consequências para Portugal

Se a reforma da PAC fosse aprovada agravar-se-iam as dificuldades em assegurar a produção agropecuária sustentada. Esta sustentabilidade é possível com as actuais condições agrológicas e edafoclimáticas, mantendo-se o desenvolvimento das produções em que somos deficitários ou temos potencialidades de competitividade.

Por outro lado, manter-se-iam os desequilíbrios na distribuição dos dinheiros da PAC, continuando a agricultura portuguesa, e em

particular as culturas mediterrânicas e os pequenos e médios agricultores, como os menos apoiados da União Europeia.

Outra consequência seria o aumento dos problemas na recepção pelos agricultores portugueses das ajudas comunitárias, face ao crescer do co-financiamento e às tentativas de renacionalização da PAC no quadro das limitações do Orçamento de Estado Português pelo Pacto de Estabilidade e pelas políticas de restrições orçamentais.

## Greve no sector da limpeza

Os trabalhadores das empresas de limpeza Iberlim e Limpoclean iniciaram ontem uma greve de 48 horas no Hospital do Barreiro, nas estações e comboios da CP e nos Serviços de Transportes Colectivos do Porto (STCP).

De acordo com o Sindicato dos Trabalhadores de Serviços de Portaria, Vigilância, Limpeza e Actividades Diversas (STAD), a adesão a nível nacional é de 85 por cento, envolvendo cerca de 500 trabalhadores, na maioria mulheres.

Em declarações à Lusa,

Carlos Trindade do STAD afirmou que os locais de trabalho mais afectados pela greve são as estações de comboio da CP da Figueira da Foz, onde a adesão atinge os cem por cento, e o STCP, com 95 por cento. Na zona de Lisboa, a adesão é de 90 por cento no hospital e na estação do Barreiro, 80 por cento na estação e nos comboios de Santa Apolónia e de 50 por cento na estação de Mem Martins.

Segundo o sindicalista, a greve deve-se à não aplicação dos acordos pelo grupo Triva-

lor (proprietário das duas empresas de limpeza) relativos ao aumento dos subsídios de risco, alimentação e transportes.

«Desde Janeiro que as empresas não aplicam a legislação laboral actualmente em vigor, mesmo em relação às novas admissões», afirmou Carlos Trindade, acrescentando que, se não for encontrada uma solução, em Agosto será convocada outra greve.

Os trabalhadores destas duas empresas de limpeza já tinham realizado duas greves em Maio e Junho.

## Suplemento da Festa

Rectificação

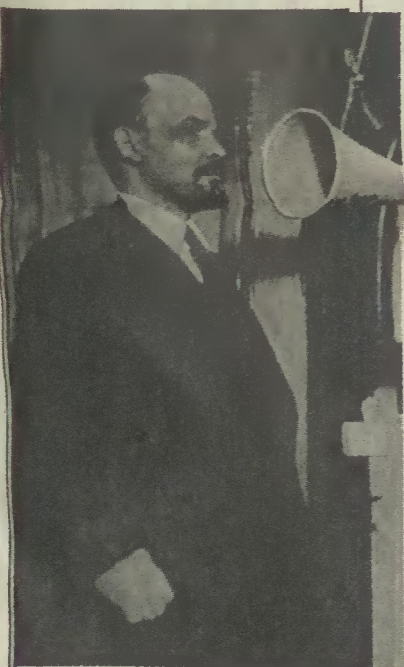
O suplemento da Festa, hoje divulgado, contém lamentavelmente algumas «gralhas» que não foi possível rectificar atempadamente, dada a sua edição ter sido feita em separado. Estão neste caso o nome de alguns artistas, designadamente do pianista Artur Pizarro e também do grupo Ferro Gaita. Pelo engano, pedimos desculpa aos próprios e aos leitores.







Adquire a EP  
Entrada Permanente  
19,00 €  
em 6, 7 e 8 de Setembro  
14,00 €  
até dia 5 de Setembro



**CD**

Comemorativo do 85.º aniversário da Revolução de Outubro

Gravações originais de Vladimir Lênine, canções russas, documentos sonoros, etc.

Edição do Sector Intelectual de Lisboa / «Caderno Vermelho»



# ORQUESTRA Metropolitana de Lisboa

Sobe a direcção do Maestro Miguel Graça Moura

## Aaron Copland

1900-1990  
Fanfara para o Homem Comum



## Benjamin Briten

1913-1976  
Guia da Orquestra para jovens  
Narrador: Sérgio Godinho

## Sergei Rachmaninoff

Concerto n.º 2 para Piano e Orquestra  
Solista: Artur Pizadro



## Maurice Ravel

1875-1937  
Bolero



Sexta-feira  
5 de Setembro  
20h00  
Palco  
"25 de Abril"

# Os artistas da Festa!

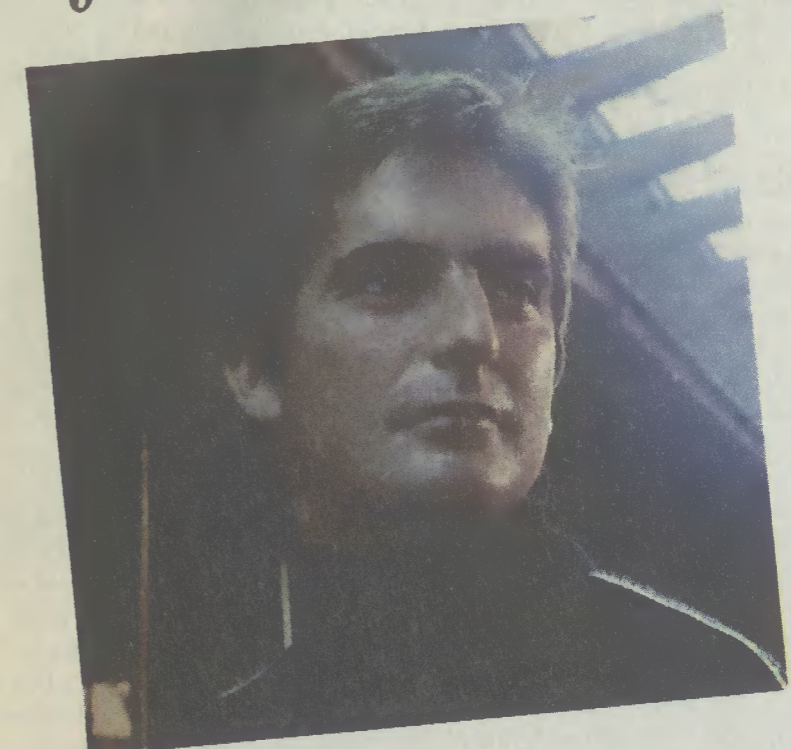


Gabriel, O Pensador



João Afonso

Paulo de Carvalho



Camané





# ORQUESTRA Metropolitana de Lisboa

Sobe a direcção do Maestro Miguel Graça Moura

## CONCERTO

### PROGRAMA

#### 1. Fanfara para o Homem Comum de Aaron Copland



Nascido em Brooklyn em 1900 e falecido em 1990, é talvez o um dos mais importantes compositores norte-americanos determinante em vários aspectos: na construção de uma obra musical fortemente influenciada por sonoridades norte-americanas (nomeadamente o jazz e o bluegrass), pelo seu papel dinamizador de concertos e de estruturas de divulgação e pela sua acção de carácter profundamente progressista na defesa dos músicos e da cultura.

A pedido da Orquestra Sinfónica de Cincinnati, compôs em 1942-43 uma pequena peça a que chamou significativamente (os Estados Unidos atravessavam a era rooseveltiana e o empenho na luta antinazi da II Guerra) *Fanfara para o Homem Comum*. O objectivo era essencialmente (e bastante influenciado pela música de cinema), criar um tema que servisse de abertura de cortina nos concertos, mas a *Fanfara* transformou-se num enorme êxito até aos dias de hoje, incluída em repertórios tão diversos como o de orquestras sinfónicas, a formação de jazz de Woody Herman ou o grupo rock Emerson, Lake & Palmer

#### 2. Guia da Orquestra para Jovens de Benjamin Britten



Nascido em 1913 e desaparecido em 1976, Britten confirmou-se como um dos mais relevantes compositores britânicos do século com a sua participação no Festival de Salzburgo de 1937 e especialmente com a apresentação, em 1945, da ópera *Peter Grimes*. Difícil de classificar nas escolas musicais contemporâneas, a sua música reflecte uma grande independência, mas simultaneamente um carácter claramente britânico, até pelo interesse constante pela música popular e tradicional. O seu *War Requiem* constitui um dos mais lancinantes testemunhos sobre a II Guerra.

Em 1946, baseando-se num tema do compositor britânico seiscentista Henry Purcell, compôs uma brilhante variação e fuga destinada a explicar a estrutura da orquestra, dos seus naipes instrumentais e suas combinações. A sua riqueza musical permite a interpretação simples, mas a versão integral compreende uma narrativa explicativa, ao longo dos anos executada por nomes tão prestigiados do teatro e música como Lawrence Olivier, Mário Viegas ou a actriz e cantora norte-americana Cher. A versão apresentada na Festa inclui a narração, entregue à experiência teatral e musical de Sérgio Godinho

#### 3. Concerto para piano e orquestra nº 2 em Dó menor, Opus 18

de Serguei Rachmaninov

*Moderato; adagio sostenuto; allegro scherzando* - Solista: Artur Pizarro



Foi em 1901, com 27 anos, que o pianista e compositor russo compôs o seu concerto nº 2, decisivo na sua carreira por diversos aspectos. Por um lado, define o essencial do que seria a ligação com o piano enquanto compositor e executante; em segundo lugar, assinala o fim da profunda depressão em que o lançou o fraco acolhimento que em 1897 tivera a estreia da sua 1ª Sinfonia; finalmente, seria o início do seu reconhecimento internacional que se traduziria mais tarde na saída da sua Rússia natal em 1918 e à fixação, onde viria a morrer, na Califórnia, em 1953.

Brilhante e sentimental, facultando ao solista vastas possibilidades de virtuosismo e interpretação pessoal, o «rach 2», como é popularmente conhecido, transformou-se numa das peças mais populares e estimadas do repertório das grandes orquestras e foi interpretado pelos melhores pianistas do século passado.

#### 4. Bolero, de Maurice Ravel



Maurice Ravel (1875-1937) é um dos nomes fulcrais da música europeia do século XX e um dos determinantes expoentes da escola que se convencionou chamar *expressionismo musical*. Nascido nos Pirineus, Ravel foi um aluno prodígio de piano, revelando-se como um concertista de excepção, mas o seu talento revelar-se-ia igualmente como compositor e orquestrador, criando paletas de uma sonoridade inteiramente inovadora. Personalidade peculiar (viveu sempre sózinho, mas constituiu o centro de uma activa cultura teatral parisiense, homem de esquerda - amigo muito próximo do socialista Leon Blum - mas de um nacionalismo que o levou a ser voluntário na I Guerra), Ravel afirmava-se sobretudo como um metódico trabalhador, enfeitando os conceitos românticos de genialidade e talento.

O *Bolero* é talvez a sua obra mais conhecida e polémica, situação de certa forma justificada pela sua tão genial como aparente simplicidade. Encomendada em 1928 pela dançarina Ida Rubinstein, o *Bolero* repete simplesmente 17 vezes um tema de 14 compassos, apenas modificando em cada repetição a arquitectura instrumental, num esmagador exercício de maestria tão sedutor quanto o encantatório papel da repetitividade rítmica.

Actualmente com formação sinfónica, a Orquestra Académica Metropolitana (OAM) estreou-se em 1993 na sequência da criação da Academia Nacional Superior de Orquestra, a única instituição portuguesa destinada a formar músicos profissionais nas áreas de instrumento e direcção de orquestra. A OAM constitui o eixo central da formação dos jovens músicos, completada com uma vasta componente teórica e a interpretação de música de câmara.

Actualmente a Orquestra Académica Metropolitana é composta por cerca de cem músicos e mantém uma actividade regular de ensaios e concertos ao longo de todo o ano lectivo. Desde a sua formação, a orquestra deu mais de 150 espectáculos, apresentando um repertório muito diversificado, desde composições barrocas à música do século XX. As obras de compositores como Bach, Haydn, Mozart, Beethoven, Brahms, Schubert, Mendelssohn, Mahler, Ravel, Debussy, Milhaud, Bartok, Hindemith, Stranvinsky e Varère são regularmente interpretadas pelos jovens músicos.

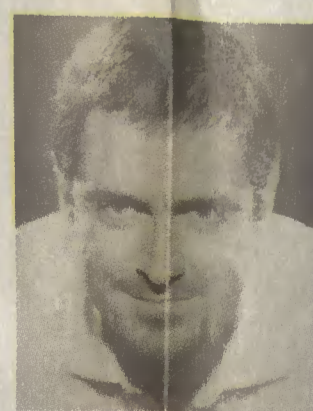


### Miguel Graça Moura

Miguel Graça Moura iniciou a sua carreira como maestro em França, como director musical da Orquestra Universitária de Estrasburgo e, mais tarde, da Orquestra Sinfónica Universitária de Grenoble. De regresso a Portugal, fundou e dirigiu a Orquestra Portuguesa da Juventude (1986) e a Orquestra de Câmara *La Folia* (1987). Em 1992 inicia um projecto que engloba a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Academia Nacional Superior de Orquestra, o Conservatório

Metropolitano de Música de Lisboa e a Escola Metropolitana de Música de Lisboa e a Academia Metropolitana de Amadores de Música. Entretanto, Miguel Graça Moura dirigiu quase todas as orquestras portuguesas e outras formações em mais de 20 países de todo o mundo. Dirigiu ainda solistas como Maria João Pires, Augustin Dumay, Tatiana Nikolayeva, Liliana Bizineche, Pedro Burmester, Gerardo Ribeiro, Jorga Moyano, Ana Belo Chaves, Adilia Alieva e Lee-Chin Siow.

### Artur Pizarro



Desde que venceu o Concurso Internacional de Piano de Leeds em 1990, a carreira internacional de Artur Pizarro floresceu; o seu virtuosismo e a sua altamente sensível e inteligente qualidade musical são respeitados por colegas, críticos e audiências. As suas brilhantes execuções continuam a verter uma luz nova sobre o repertório padrão, ao mesmo tempo que recebe a aprovação da crítica pela sua interpretação de obras menos conhecidas do

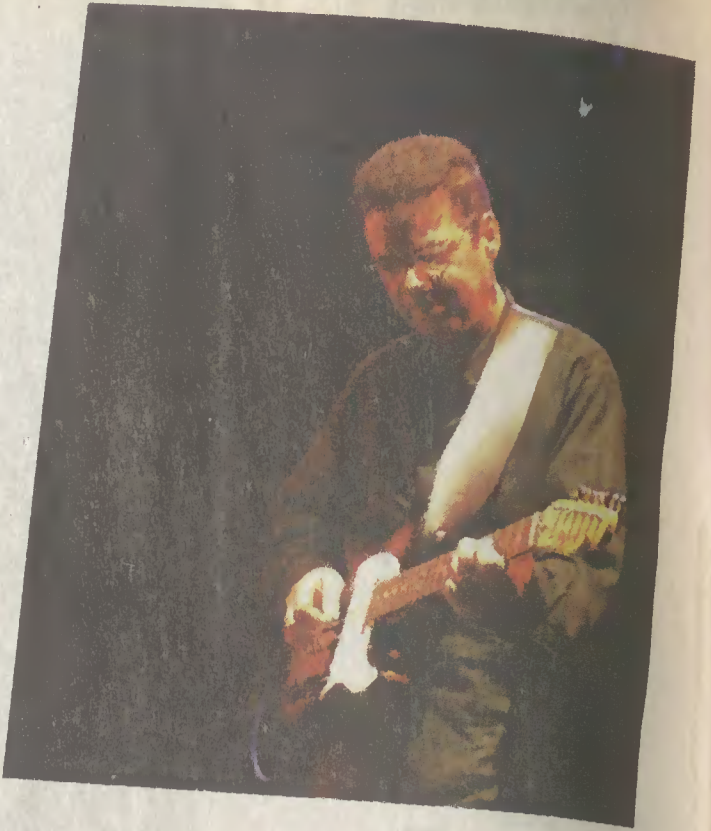
grande público. Começando a sua carreira profissional aos treze anos, Artur Pizarro divide o seu tempo entre exhibições como concertista, presenças a solo em recitais e participações em eventos de música de câmara. Frequentemente lecciona em "masterclasses" e serve de júri nos principais concursos pianísticos. Foi recentemente apontado como professor na "Guildhall School of Music and Drama" de Londres. Durante a última década, apresentou-se como concertista pelo mundo fora actuando ao lado das orquestras mais importantes do nosso tempo e a solo deu recitais nas mais importantes salas de concerto do mundo inteiro. Artur Pizarro gravou nove discos a solo. A sua gravação dos concertos de Rachmaninov e Scriabin foi editada há poucos dias.

# Jazz

## Mário Delgado e «Filactera»

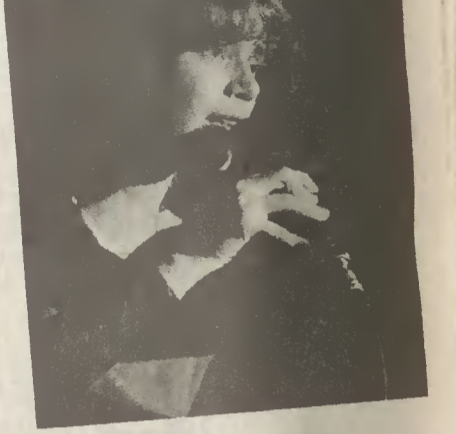
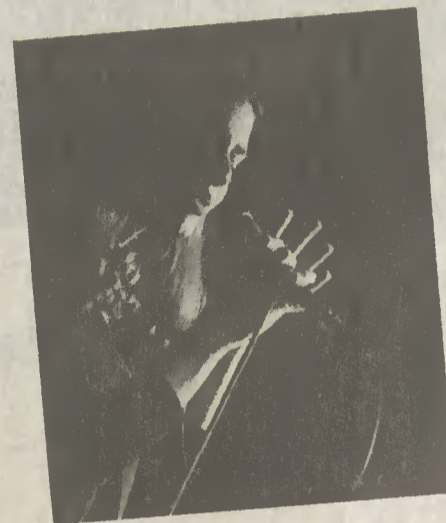
Mário Delgado apresenta na Festa o projecto «Filactera», conjunto de músicas inspiradas nos livros de banda desenhada que acompanharam o artista ao longo da vida. «O universo da banda desenhada e autores como Edgar Pierre Jacobs (*Blake e Mortimer*), Morris e Goscinny (*Lucky Luke*), Uderzo e Goscinny (*Astérix*), Hergé (*Tintin*), Godard (*Martin Milan*), Robert Crumb (*Fritz, the Cat*), Will Eisner (*Spirit*), Gilbert Shelton (*Freak Brothers*),

Hugo Pratt (*Corto Maltese*), Jacques Tardi, Milo Manara e Bilal, entre muitos outros, povoaram sempre o meu imaginário», diz o guitarrista. «Esta é a tentativa de fazer música com as emoções que eles me ofereceram, como se esta estivesse escondida no espaço mágico que separa uma quadrícula da seguinte, por vezes como se tratasse de uma banda sonora por outras, como o retrato das emoções emblemáticas do autor, da sua



personagem, história ou imagem». Mário Delgado é acompanhado por Andrzej Olejnikzak

(saxofone), Claus Nymark (trombone), Carlos Barreto (contrabaixo) e Alexandre Frazão (bateria).



## Trupe Vocal

O repertório dos «Trupe Vocal» é constituído essencialmente por standards do jazz, acompanhado por uma secção rítmica. «We'll Remember You», lançado em 2001, é o álbum de

estrela da banda, composta pelas vozes de Fátima Serro, Susana Baldaque e Kiko e pelos músicos Paulo Gomes (piano), Zé Lima (contrabaixo) e Mário Teixeira (bateria). Este disco representa

simultaneamente a afirmação, o resumo e a consolidação dos primeiros anos de vida do grupo. A banda remonta a 1995, data em que os músicos decidiram dar continuidade a um projecto que no ano

anterior viu a luz do palco apenas por uma noite, com uma sala completamente esgotada no Festival de Jazz de Guimarães: três vozes e secção rítmica para arranjos originais de temas intemporais de jazz.

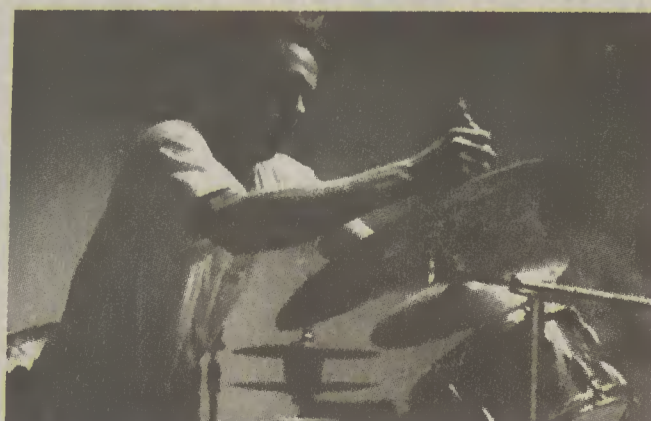
## Telectu com Gerry Hemingway e Herb Robertson

Os «Telectu» são um duo de improvisação, formado por Jorge Lima Barreto e Vitor Rua. Desde 1982, a banda é responsável pela introdução em Portugal de géneros como o *art rock*, o minimalismo e a música electrónica, associando as suas actuações com performances, vídeos

e instalações. Ao longo da sua carreira, os «Telectu» tocaram e gravaram com vários importantes músicos da improvisação, como Elliott Sharp, Chris Cutler, Jac Berrocal, Louis Sclavis, Jean Sarbib, Paul Lytton, Evan Parker, Carlos Zingaro, Tim Hodgkinson,

Eddie Prevost e Sunny Murray. Este ano, apresentam-se na Festa com dois convidados norte-americanos: Gerry Hemingway e Herb Robertson. O baterista Gerry Hemingway compõe e toca a solo desde 1974. Nos últimos 20 anos tem tocado em toda a Europa com nomes de renome mundial na cena do jazz contemporâneo e da música de improvisação. Em 2000, recebeu o Prémio Guggenheim pela composição de uma obra para orquestra intitulada «Sideband». Tem nove álbuns gravados. O trompetista Herb Robertson é um inovador instrumentista, compositor e arranjador de jazz tradicional e avant garde. Em 1981, tornou-se um dos membros do «Tim Berne's

Ensemble» e algum tempo depois juntou-se à banda de Mark Helia. Em 1986, após o seu primeiro álbum, «Transperency», formou o seu próprio quinteto e abriu nesse ano o Festival de Jazz de Greenwich Village, tendo sido muito aclamado pela crítica. Esteve em tournée por toda a Europa com a «Charlie Haden Liberation Orchestra», participando em festivais de jazz em Itália, Inglaterra, Escócia, Suíça e Áustria. Gravou discos com alguns dos principais representantes da nova cena musical, tais como Bill Brizell, Wayne Horvitz, John Zorn e Bobby Previte, e tocou com Cecil Taylor, Anthony Braxton, Gerry Hemingway, Steve Lacy, Paul Bley, Horace Tapscott, Anthony Davis, Bobby Previte e Elliot Sharpe.



Gerry Hemingway

Herb Robertson

## Nuno Ferreira Quinteto



Este novo projecto do guitarrista e compositor Nuno Ferreira assume-se com um espaço aberto à convivência de diferentes estilos musicais, tendo como fio condutor a linguagem do jazz. O repertório do grupo é constituído por composições originais que se inspiram na música das

mais variadas origens (como o fado, o flamenco, a música brasileira e a música indiana), tendo também uma forte componente de improvisação e integrando elementos das mais recentes tendências hip hop, jungle, e drum'bass. Os músicos que integram este projecto apresentam

percursos musicais muito eléctricos, tendo tocado com alguns dos mais importantes grupos e intérpretes portugueses nas mais diversas áreas. Estas experiências trazem ao grupo uma riqueza e diversidade musical que muito contribui para a sonoridade original que o marca.



Em palco A «Oyster Band» é verdadeiramente explosiva. Com uma carreira que fala por si, iniciada nos anos 80 e em ascensão nos anos 90, são influenciados pela música tradicional britânica. Não se reclamam de qualquer tipo de rótulo. No seu repertório há rock, folk e sobretudo muito boa música. Com uma discografia invejável e uma carteira de espetáculos não menos cheia, os «Oyster Band» vão relembrar-nos sucessos antigos da Festa.



## Oyster Band

## Jussara Silveira

A brasileira Jussara Silveira é a mais universal das novas artistas brasileiras. A sua forma de cantar é constantemente associada às das grandes intérpretes que o Brasil já produziu. Jussara é baiana e tem pautado a sua carreira pelo extremo cuidado com arranjos e músicos, na busca do sentimento e afinação exactos para cada canção. Os críticos dos principais jornais brasileiros elogiam-na frequentemente. Em 1997, Jussara lançou o seu primeiro disco a solo. Anteriormente, tinha

participado em várias colectâneas, como «Elas Cantam Caetano», «Todo Azul do Mar», «Tributo à Batatinha» e «Cole Porter e George Gershwin: Canções Versões de Carlos Rennó». Em 1998, Jussara lança o seu segundo disco cantando exclusivamente canções do baiano Dorival Caymmi. Dois meses depois, o cd foi eleito um dos melhores do ano pelos críticos do jornal *O Globo*.

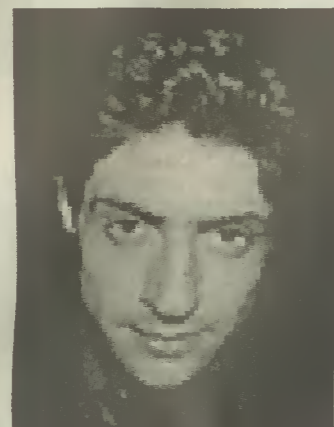
A cantora participou ainda em trabalhos de outros artistas, como o clássico «Outras Palavras» de Caetano Veloso, e espetáculos com Elba Ramalho, Nana Caymmi, Maria Bethania e Alcione.



## Francisco Villa

Representante da chamada nova trova chilena, Francisco Villa afirma não ter medo do mercado deste tipo de canção, dominado por gigantes como Silvio Rodríguez, Pablo Milanez ou Juan Manuel Serrat, porque os reconhece como mestres e segue o seu legado, acrescentando um toque pessoal. Francisco Villa inspira-se em Violeta Parra e define-se como um trovador do nosso tempo, encarnando o que de mais essencial despertou com a música dos anos sessenta. A Rádio Nacional do Chile definiu-o como um poeta e um cantor que encanta com poesia doce e bela, mas igualmente agressiva, combativa e rebelde. No seu disco «Penumbra» fala dos chilenos que trabalham na dura realidade que enfrenta hoje o Chile, em composições cuidadas e tecidas com elos de urbanidade, com um forte sabor da trova latino-americana.

## Giovanni Mirabassi



O pianista italiano Giovanni Mirabassi propõe a reinterpretação de canções revolucionárias, um património histórico originalmente pensado para ser cantado por muitas vozes mas que será por ele apenas tocado ao piano. O resultado é uma música carregada de emoção, que fascina pelo imaginário colectivo a que apela.

Giovanni Mirabassi colaborou com Chet Baker, Olivier Ker Ourio, Flavio Bolto, Steffano di Battista, François Laudet e Ricardo Del Fra. O encontro com Aldo Ciccolini foi determinante na sua carreira: «Foi ele que me abriu os olhos para a música», afirma o artista. Os seus pares não lhe poupam elogios, seja Kenny Barron, Enrico

Pieranunzi, Ahmad Jamal, ou Keith Jarrett. Embora afirme admirar Bill Evans ou Art Tatum, as influências clássicas encontram-se presentes no seu trabalho. Giovanni Mirabassi foi premiado com o «Djang de Ouro», como o novo talento de Jazz 2002.



## Gabriel, o Pensador

Gabriel, o Pensador pensa. E pensa positivo. O quinto cd do rapper brasileiro, «Seja Você Mesmo (Mas Não Seja Sempre o Mesmo)», pode ser encarado como um tratado politizado sobre o exercício benéfico da cidadania.

O Pensador faz a radiografia no seu discurso das fracturas expostas de uma sociedade injusta. E fá-lo do ponto de vista do injustiçado, do assalariado que tem que conviver com a «sujeira» de quem governa e faz as leis e com

todos os desagradáveis cheiros da desigualdade. Gabriel não nasceu na periferia, mas tem consciência social – requisito quase inerente a um rapper – e fez deste disco o seu trabalho mais politizado. Gabriel sempre

fez política, mas nunca amarró o seu discurso de forma tão coesa como em «Seja Você Mesmo...». Trata-se de um álbum quase conceptual. E, se o discurso está amarrado, o som evidencia mudanças salutares.

## Luar na Lubre

Os «Luar na Lubre» são um grupo chave da música galega actual, sendo considerados como uma das formações mais importantes de folk galego. A sua sonoridade atravessou fronteiras e actualmente são solicitados por músicos de prestígio como Mike Oldfield. Desde os seus primeiros trabalhos ganharam inúmeros prémios, foram objecto de excelentes críticas, actuaram nos mais representativos festivais de

folk e world music. Com raízes galegas e intercélicas, o grupo tem sete cds gravados: «O Son do Ar», «Beira Atlântica», «Ara Solis», «Plenilunio», «Cabo do Mundo», «XV Anos de Luar na Lubre» e o mais recente «Espiral».

Sobre os «Luar na Lubre», escreveu o crítico musical Fernando Magalhães: «Os Luar na Lubre vão pelo caminho que poderia ser hoje os Milladoiro, se estes não tivessem a determinada altura enveredado pela via do

classicismo. Domínio perfeito da linguagem, traduzindo um bom gosto inextinguível nos arranjos, plenos de energia e subtilidades escondidas, conferem à música do grupo uma qualidade... Um clássico.»



EL PUEBLO UNIDO JAMAS SERA VENCIDO  
LE CHANT DES PARTISANS  
AH! ÇA IRA  
LE TEMPS DES CERISES  
HASTA SIEMPRE  
JE CHANTE POUR PASSER LE TEMPS  
SCIUR PADRUN  
EL PASO DEL EBRO  
A SI M'BONANGA  
LA BUTTE ROUGE  
ADDIO LUGANO BELLA  
JOHNNY I HARDLY KNEW YE  
BELLA CIAO  
IMAGINE  
MY REVOLUTION  
PLAINE, OH MA PLAINE

**AVANTI!**  
**GIOVANNI MIRABASSI**  
**PIANO SOLO**

GIOVANNI MIRABASSI AVANTI! SKETCH



# Os artistas da Festa



## Quinta do Bill

Em dez anos de carreira, os «Quinta do Bill» lançaram cinco álbuns (entre eles dois discos de ouro e dois discos de prata) e fizeram mais de 350 espectáculos. Hoje continuam com plena motivação, uma crença inquebrável e um espírito

aberto que não os afastam de preconceitos na arte de tudo experimentar. Isso é evidente no último trabalho da banda, «Nómadas». A enorme paixão do grupo pela música étnica fê-lo cruzar novas fronteiras, bebendo

nas culturas indiana e muçulmana, ritmo, sensualidade e espiritualidade, na companhia de contribuições notáveis como as da marroquina Amina Alaoui e do iraniano Bijane Chemirani.

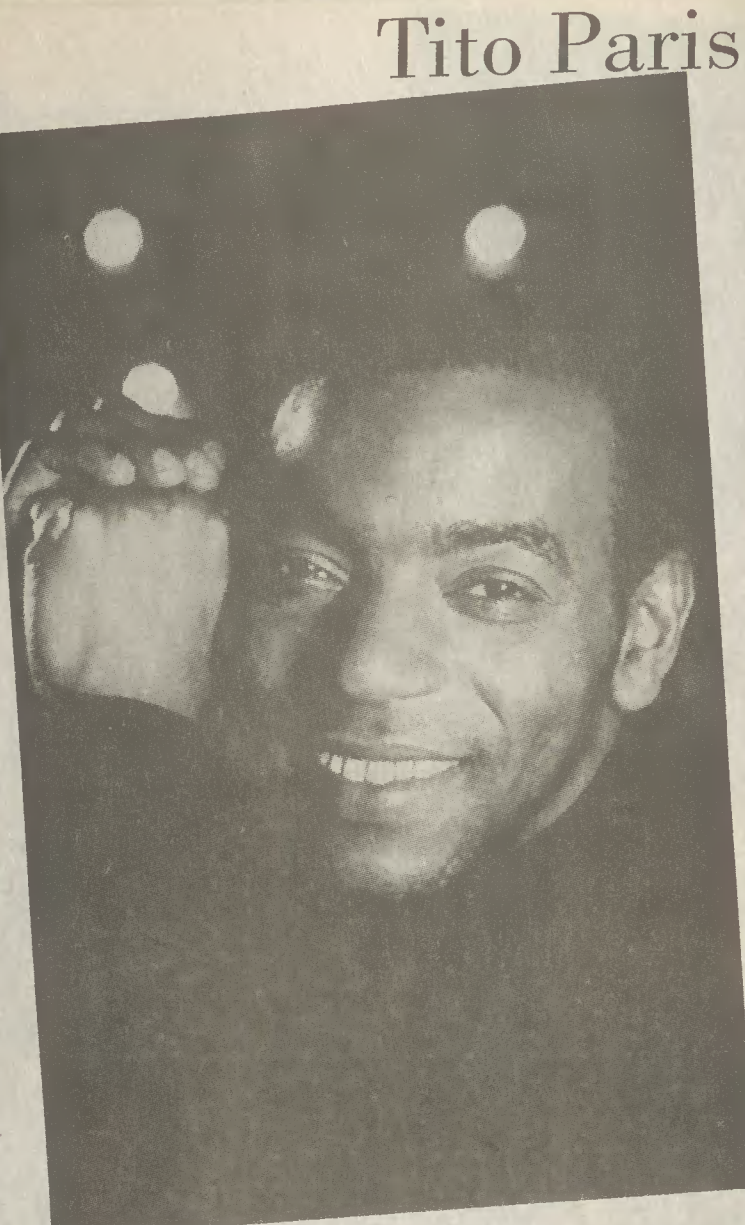


## Da Weasel

A doninha vai aterrar na Festa do *Avante!*. Com um espectáculo baseado no seu último trabalho, os «Da Weasel» apresentarão canções como «Tás na Boa» – o primeiro single de «Podes fugir mas não te podes esconder», cujo vídeo é a maior produção de sempre realizada por uma banda portuguesa – e «Sigue, Sigue!», tema que contou com a participação

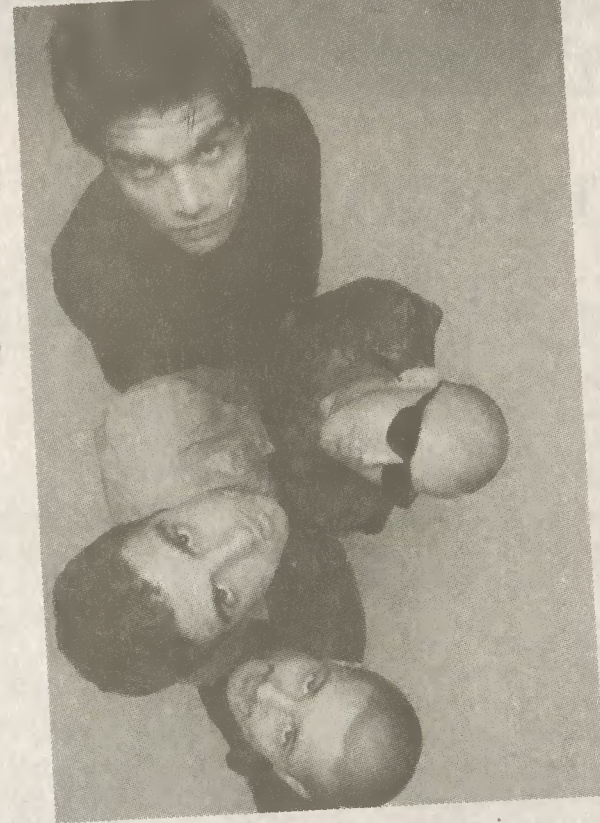
dos cubanos «Orishas». Os «Da Weasel» nasceram em 1993, como um projecto cem por cento em inglês e numa onda experimentalista. O primeiro álbum, «Dou-lhe com a Alma», assinala a transição para o português como língua dominante. O ano de 1997 traz o «3.º Capítulo», um disco de discurso duro e onde Pac se afirma como um dos

mais engenhosos letristas do panorama musical português. Em 1999 regressam com «Iniciação a uma vida banal: o Manual», um disco que recebeu a aclamação da crítica. A banda participou ainda nos projectos «Tejo Beat», «XX Anos, XX Bandas» (disco de tributo aos Xutos & Pontapés) e «20 anos depois: Ar de rock» (homenagem a Rui Veloso).



## Tito Paris

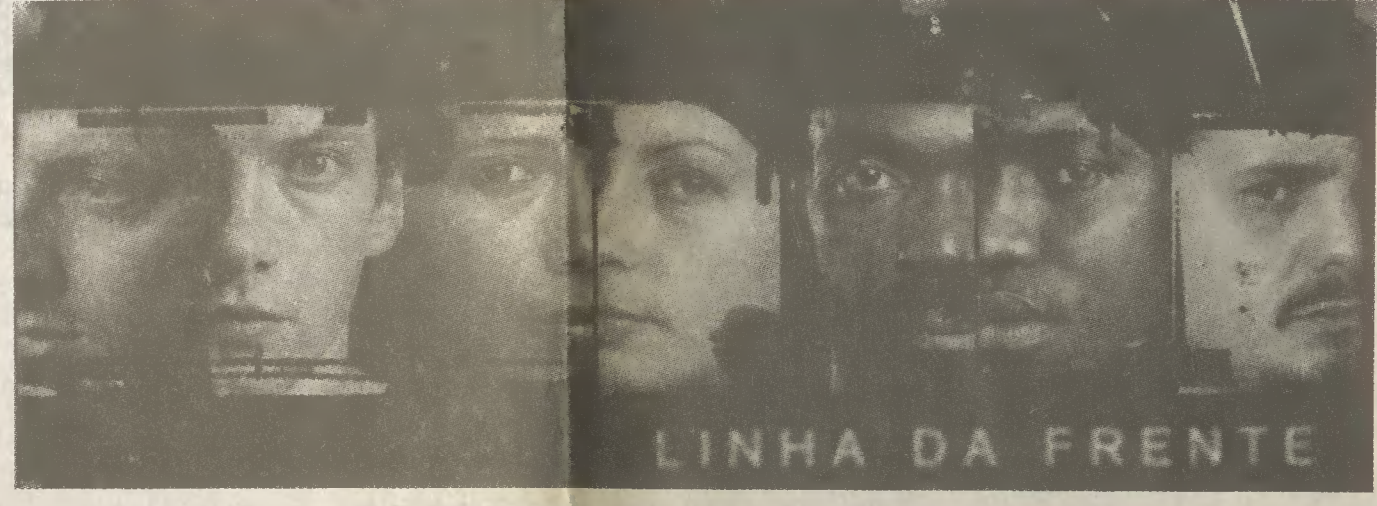
Tito Paris decidiu comemorar os seus 20 anos de carreira e o seu novo álbum com um conjunto de espectáculos, onde a Festa está integrada. A sua música está impregnada da cultura de Cabo Verde, terra de mornas, coladeiras e funanás. Pela música, Cabo Verde e os cabo-verdianos fundaram uma identidade própria, a alma de uma nação crioula rompendo barreiras, fronteiras e obstáculos. Tito Paris é certamente, um dos melhores exemplos dessa universalidade, levando a sua terra e a sua língua aos quatro cantos do globo, promovendo e divulgando de forma exemplar as suas ilhas. Na Festa, Tito Paris será acompanhado por 12 músicos cabo-verdianos e portugueses, entre eles um quarteto de cordas dirigido por Tomás Pimentel.



## Zen

Os «Zen» regressam mais fortes do que nunca, partindo da mesma sonoridade enérgica e explorando novos caminhos.

Formados no Porto em 1996, esta banda tocou no 4.º Festival de Paredes de Coura com apenas 14 dias de existência. Depois de uma série de concertos um pouco por todo o País, grava o EP «Zen» em 1997 que serviria como um cartão de apresentação para o público e para a rádio. Os «Zen» participam em vários festivais, ao lado de bandas como os «Rage Against the Machine», «L7», «311» e «Rollins Band». Em 1998, gravam o seu primeiro álbum, «The privilege of Making the Wrong Choice», bem recebido pelo público e pela imprensa em geral, afirmando os «Zen» como uma banda de culto, com uma considerável legião de fãs. Conhecidos pelas suas intensas actuações ao vivo, participaram na compilação «Tejo Beat», que reúne bandas como «Ornatos Violeta», «Blasted Mechanism», «Da Weasel», «Blind Zero» e «Ithaka». Em 1998 recebem os prémios «Sociedade Alternativa» para melhor capa de álbum, melhor baixista e melhor baterista.



## Linha da Frente

No ano em que a Festa resolve dar um lugar de destaque aos poetas e à poesia portuguesa, faz todo o sentido que os «Linha da Frente» integrem o programa, uma vez que se trata de um projecto invulgar e vanguardista que visa reinterpretar alguns dos melhores poetas portugueses do século XX à luz de uma estética musical contemporânea, herdeira das melhores tradições da música popular urbana, mas também do experimentalismo do meio electrónico e da música concreta. «Linha da Frente» procura integrar uma linguagem que reitera a sua expressividade e o pendor argumentativo,

através da fixação na palavra escrita num «corpus» de linguagens que lhe são naturalmente alheias, mas que estendem e ampliam a eficácia da primeira num discurso essencialmente planetário e universalista. Este projecto deriva de princípios inequívocos, os de que a música e a poesia partilham várias características: a modulação do tom, o sentido do ritmo e a divisão do tempo. «Linha da Frente» visa contribuir para a difusão do som da oralidade da língua portuguesa. É essencialmente um projecto de lusofonia, ainda que eventualmente heterodoxo.



## Ferro Gaita

1996 foi o ano da formação do grupo «Ferro Gaita», composto por três jovens músicos que descobriram na gaita, no ferro e na viola baixo novos caminhos para o funaná. «Fundu Baxu», o seu primeiro trabalho, foi o disco mais vendido em Cabo Verde em 1997. No seu segundo álbum, «Rei di Tabanka», usam instrumentos típicos da

ilha, entre os quais um búzio com mais de cem anos. No disco participa uma lenda viva da música cabo-verdiana, Náci Gomes, com 75 anos de idade. Fãs de Djassy e Marley, os «Ferro Gaita» participaram em inúmeros festivais em Portugal, Cuba, França, Holanda, Mauritânia, Senegal, EUA, Gambia, Mali e Guiné-Bissau.

O funaná é originário da ilha de Santiago, tendo surgido no início do século XX com a chegada do acordeão a Cabo Verde. Os camponeses do interior adoptaram o instrumento e com ele começaram a cantar o seu dia-a-dia, às suas carências e as suas lutas. Resultado: durante a época colonial foram proibidos de tocar o funaná em locais públicos.



## Yellow W Van

Influenciados pelo funk e o hip hop, os «Yellow W Van» procuram transmitir mensagens positivas nas suas letras (em português), apelando à intervenção de todos na busca por um mundo melhor. Vários membros da banda elegem como ídolos pessoas como Che Guevara e Martin Luther King. De regresso à Festa (depois de terem passado pelo Palco Novos Valores, organizado pela JCP, em 2001), os «Yellow W Van» pretendem deixar uma mensagem em todos os que os ouvem, mas também divertir. A carrinha amarela está quase a chegar...

## Outras iniciativas...

Para além dos dois palcos principais, o 25 de Abril e o 1.º de Maio, existem vários espaços espalhados pela Festa que permitem ao visitante o acesso a diversos géneros de musicais, interpretados por artistas «desconhecidos» do público e que têm na Atalaia a hipótese de mostrar o seu valor.

**Palco Arraial**  
A música popular portuguesa continua a ter um espaço privilegiado na Festa do *Avante!*. Para que não se percam as raízes culturais portuguesas, no Palco Arraial actuarão grupos populares e etnográficos de várias regiões do País. Pelo Palco Arraial irão passar os: Camponeses de Riachos (Torres Novas);

Coral Polifónico de Fernão Ferro (Seixal); Rancho Folclórico do Tramagal (Abrantes); Rancho Infantil da Ponte do Areal (Lousã); Danças Regionais de Chaves (Bragança); Rancho Folclórico da Casa do Povo de Fatela; Danças e Cantares de Vila Maior (S. Pedro do Sul); Grupo de Danças e Cantares Tradicionais de Rio Meão (Santa Maria da Feira); Rancho Folclórico

**Palco de Setúbal**  
No espaço da DORS funciona o já emblemático Palco de Setúbal. Aqui o visitante vai poder desfrutar de uma grande variedade de grupos musicais, peças de teatro e debates. Este ano poderão ser escutados os seguintes grupos e artistas: Grupo de Bombos; Música africana; Gigantones e Artes Circen-

**Alegria na Festa**  
Para além destes palcos, um pouco por todo o recinto da Festa é possível usufruir de momentos musicais de rara beleza, desde o Espaço Internacional até ao Café-concerto de Lisboa, passando pelos espaços das organizações regionais do Partido. No Café concerto será feita uma tripla evocação a Ary dos Santos, António Aleixo e a Adriano Correia de Oliveira. Será ainda

comemorada a Revolução de Outubro pelos seus 85 anos. No que diz respeito à programação cultural o visitante poderá ouvir a voz brasileira de Letícia Vasconcelos, música tradicional portuguesa e momentos de Jazz. A animação de rua estará também presente, garantindo um constante contacto com a cultura, a alegria e a intervenção. Escola de artes circense de Vila Nova de Gaia, Bombos de Anha, Gaiteiros de Bragança, Filarmónica de Constância, Caretos de Podense, Toc'á Rufar e os alemães Schalmienkapelle que irão animar durante os três dias o recinto da Festa.



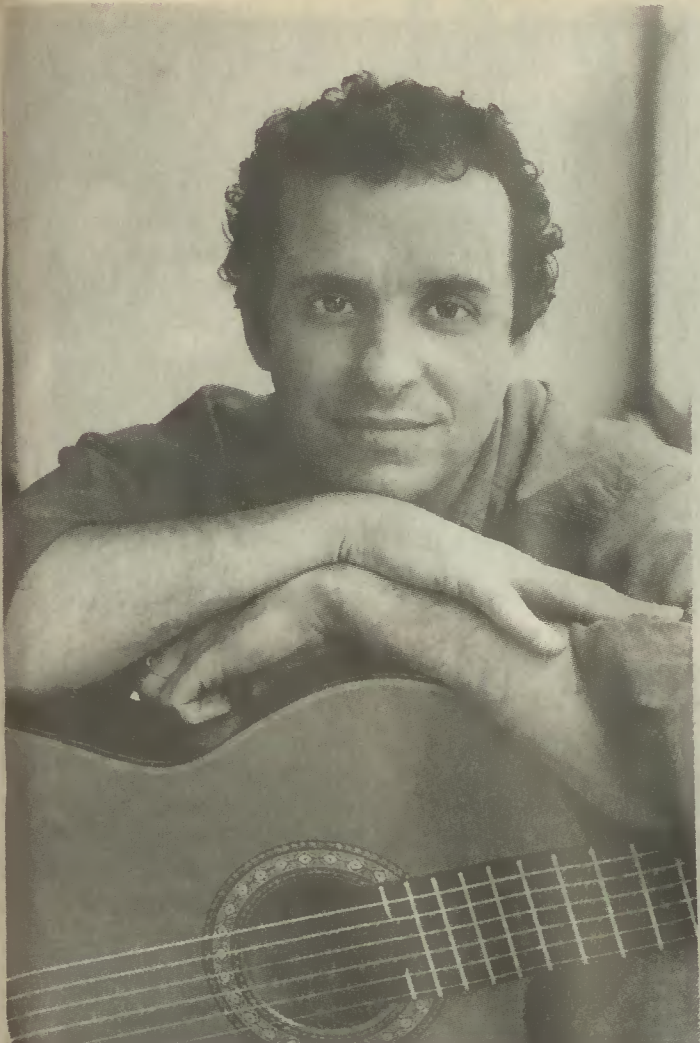
## Charles Marcellesi

A música de Charles Marcellesi é resultado de um percurso de vida único: filho de corsos, nasceu na Tunísia e, por condicionantes profissionais do pai, viveu em França e em Marrocos antes de se fixar na Córsega. Há quase cinco anos deixou a ilha mediterrânica para assentar

arraias em Cabo Verde. No seu disco a solo «Corsicoverde» faz a fusão entre a música da Córsega e a de Cabo Verde, uma união viabilizada pelo encontro com o cantor Mário Lúcio Sousa, quando o seu grupo «Simentera» deu um espectáculo no hotel Morabeza, propriedade de

Marcellesi. O disco fala das gentes de Cabo Verde, dos problemas do povo, do mar e da saudade, numa voz com um timbre inesquecível. O músico francês já participou em duetos com Cesária Évora, Tito Paris e Ildo Lobo, entre outros. E, como gosta de recordar, já cantou para Xanana Gusmão.

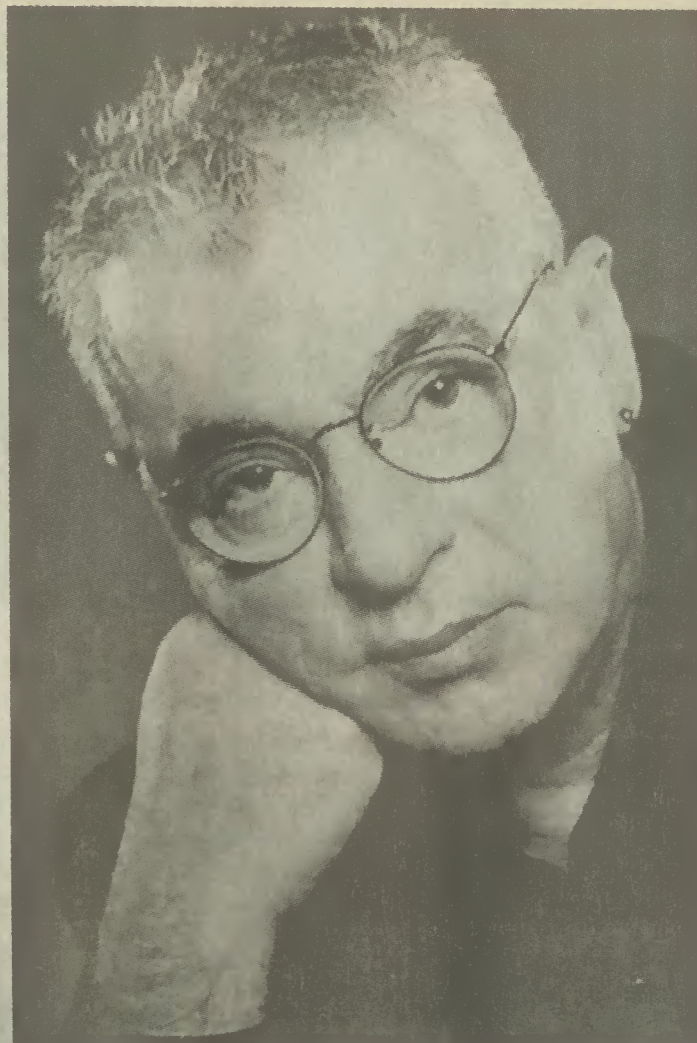




## João Afonso

O espectáculo de João Afonso na Festa do *Avante!* de 2002 baseia-se no conceito do novo cd «Zanzibar», que parte de três ideias principais: o espírito de aventura, as dificuldades da vida dos emigrantes e a importância da preservação da liberdade individual. É uma espécie de elogio a quem tem a coragem de

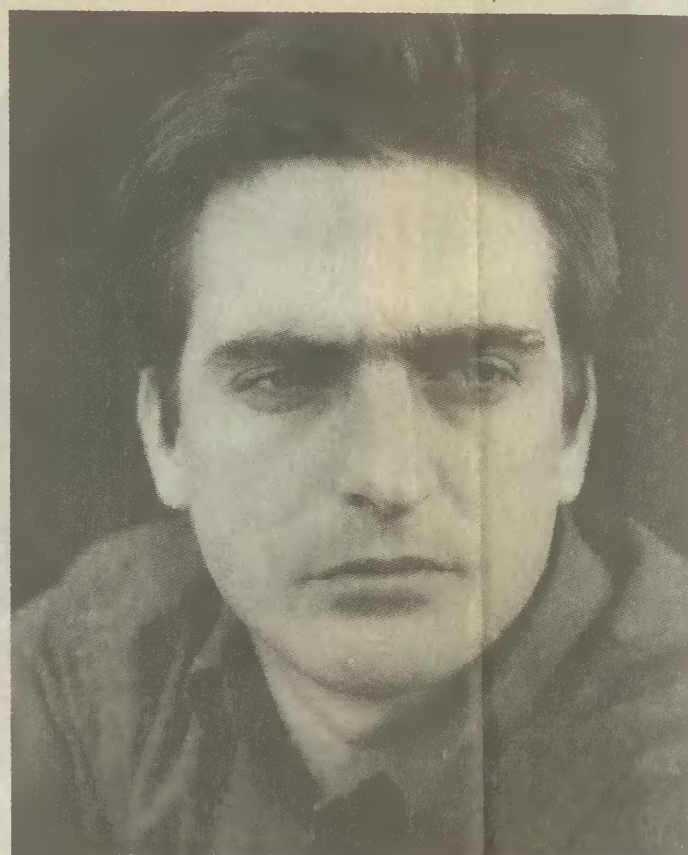
seguir caminhos próprios. A nível musical, João Afonso assume-se cada vez mais como cantor e autor, destacando-se no seu trabalho a diversidade instrumental e de intérpretes e o entrecruzar de diversas culturas. Outra característica é o estímulo criativo resultante de jogos musicais que enriquecem os temas.



## Paulo de Carvalho

Paulo de Carvalho comemora este ano 40 anos de carreira. No seu regresso à Festa, apresenta-se com uma orquestra de músicos reconhecidos, que inclui um quarteto de cordas e um quinteto de metais. O espectáculo conta com a produção musical e direcção de Armindo Neves.

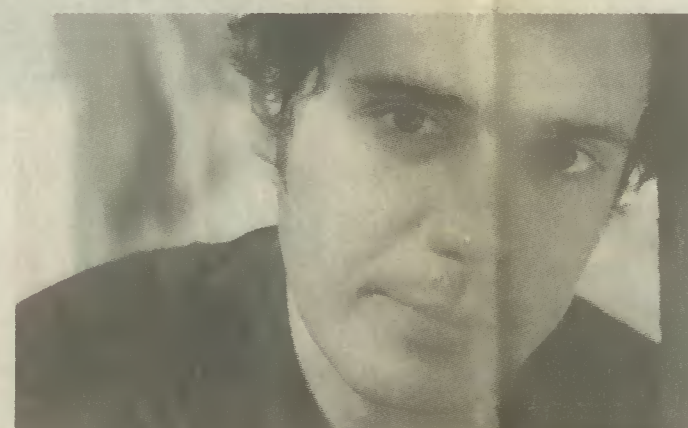
O seu percurso começa em 1965, data em que funda os *Sheiks*, o mais popular grupo de rock dos anos 60 em Portugal. Como intérprete já percorreu muitos caminhos e várias experiências, desde a música ligeira ao fado. Ao longo da sua carreira colaborou com poetas e músicos como Ary dos Santos e Ivan Lins.



## Camané

Criatividade, musicabilidade, originalidade e maturidade são marcas do fadista Camané, que advinham a universalidade dos grandes intérpretes. Este amadurecimento em termos interpretativos traduz-se nos constantes desafios técnicos que vai conquistando, com o rigor e a seriedade que já o caracterizam e que se refletem na forma como transmite cada palavra que pronuncia.

Camané insiste na divulgação do repertório musical do chamado fado tradicional, arriscando um confronto de linguagens, aparentemente distintas, mas profundamente similares no seu último projecto discográfico, «Pelo Dia Dentro». Este trabalho será, aliás, a base do concerto do fadista na Festa do *Avante!*, acompanhado por José Manuel Neto na guitarra portuguesa, Carlos Manuel Proença na viola e Paulo Paz no contrabaixo.



## Mariza

Mariza contactou com o fado directamente onde nasceu, no bairro da Mouraria, em Lisboa. Aos cinco anos já participava em sessões de fado e na adolescência cantou jazz, gospel e soul. O grande público descobriu-a em 1999, data da sua participação nas

homenagens a Amália nos Coliseus de Lisboa e Porto. A partir daí realizou espectáculos em Portugal e no estrangeiro. O seu primeiro trabalho, «Fado em Mim», alcançou o disco de prata na terceira semana de venda e neste momento é disco de ouro.

Na Holanda entrou directamente para o top e está nomeado para o prémio do galardão atribuído aos melhores trabalhos. Mariza recebeu recentemente no Quebeque o *Primier Award* do Festival d'Été, perante uma assistência de 17 mil pessoas.

## Quinteto Amália

O «Quinteto Amália» é um projecto que combina diferentes estilos num novo conceito musical. Um tradicional quarteto de cordas e uma voz são os cinco instrumentos que interpretam um repertório baseado em fados clássicos e melodiosas canções, numa sonoridade clássica para uma forma tão popular como o fado. A formação é constituída apenas por mulheres.



## Navegante com Rui Júnior, Waiss...

«Navegante» é um grupo bem conhecido pelo público da Festa do *Avante!*, pela sua música popular portuguesa criando ou recriando temas tradicionais, respeitando as raízes de um passado recente, mas não esquecendo o presente. O espectáculo que traz à Atalaia — especialmente preparado para a ocasião — contará com a presença de Rui Júnior nas percussões, do guitarrista cabo-verdiano Waiss ed a cantora galega Uxia, para além dos oito músicos que habitualmente compõem a banda. Apesar dos elementos do grupo «Navegante» viverem na cidade com tudo o que os rodeia de modernidade e urbanidade, a procura da alma da música é uma busca que não acaba nunca. Daí o seu interesse fascínio. Os instrumentos tradicionais são uma prioridade no trabalho da banda. As composições e os arranjos são pensados para a sonoridade e potencialidade de cada um deles.



...e Uxia



## Ronda dos Quatro Caminhos

A «Ronda dos Quatro Caminhos» é um exemplo de persistência e talento

na área da música tradicional e popular portuguesa. São quinze

anos a defender com êxito a música portuguesa em todo o mundo.



Shalmeienkapelle

## Paulo Ribeiro

Paulo Ribeiro inicia agora a sua carreira a solo, não escondendo a origem e as influências de cultura alentejana. Fundador do grupo «Anonimato», Paulo Ribeiro conjuga as raízes populares com os desígnios da música pop. Para além da experiência adquirida nos concertos realizados com os «Anonimato», Paulo Ribeiro participou no espectáculo de fado e flamenco «De sol e Lua», ao lado de Camané e Ana Sofia Varela, e actuou como convidado da «Ala dos Namorados» no concerto que este grupo realizou no Grande Auditório do CCB, integrado no 1.º Festival da Música e dos Portos. Mais recentemente, Paulo Ribeiro recebeu o prémio «Jovens Autores» da Sociedade Portuguesa de Autores, com a canção «Aqui tão Perto do Sol».

O seu novo disco conta com a participação de Zé Nabo, Alexandre Frazão, «Vozes da Rádio» e os «Camponeses de Pias».



## Ceia dos Monges

Com uma formação de sete elementos, a «Ceia dos Monges» parte de uma associação entre várias influências musicais. O fado, a canção popular e a música celta são assimiladas e transformadas, originando temas originais que se inserem numa linha de fusão pós-fado, fazendo novas experiências e abrindo novos caminhos na música portuguesa. Este grupo tem realizado vários concertos por todo o País. A crítica é unânime no reconhecimento da competência dos músicos, na maturidade do projecto e na perspectiva da «Ceia dos Monges» se tornar a próxima revelação da música portuguesa. Diana Basto dá voz ao projecto. Depois de convidada por Pedro Abrunhosa para colaborar na gravação do disco «Tempo» e de ter feito com este músico uma digressão mundial, Diana viu reconhecido o seu talento e potencial com a gravação

de um disco a solo. Em 1998, ganhou o prémio de Melhor Estreia do Ano (promovido pela Rádio Nova Era), e em 1999 é galardoada com o prémio de Melhor Voz do Ano pelo Rádio Clube de Leiria.

Criado em 1989, o Quinteto Académico de Coimbra teve por influência, na sua formação e aprendizagem, três dos maiores vultos da guitarra de Coimbra: António Portugal, António Brojo e Jorge Gomes. O grupo é constituído por António Ataíde e Patrick Mendes (voz), Ricardo Dias (guitarra portuguesa) e Pedro Lopes e Nuno Botelho (guitarra clássica). O repertório do grupo é baseado em temas tradicionais e modernos da canção coimbrã: o fado clássico, a balada, as trovas e as guitarras, verdadeiro *ex libris* de uma cultura estudantil perpetuada por nomes como Jorge Menano, Edmundo Bettencourt, Luís Góis e Zeca Afonso.

Das suas muitas actuações, destaca-se a participação nos espectáculos de homenagem a Amália Rodrigues, a António Portugal e a Carlos Paredes. O «Quinteto de Coimbra» participou também em espectáculos em Espanha, França, Alemanha, Holanda, Brasil, Peru e Japão.





# Chegar e ficar na Festa

Chegar à Festa do **Avante!** é fácil. Se vier de automóvel do Sul ou do nó do Fogueteiro, deixe o carro no parque «Maria Pires» a seguir à escola Paulo da Gama, após a Ponte da Fraternidade, que fica a 300 metros da Festa. Se vem do Norte tem duas alternativas. Pode vir pela Ponte Vasco da Gama, acompanhando a auto-estrada para Almada, com saída no nó do Fogueteiro (estacionamento no «Maria

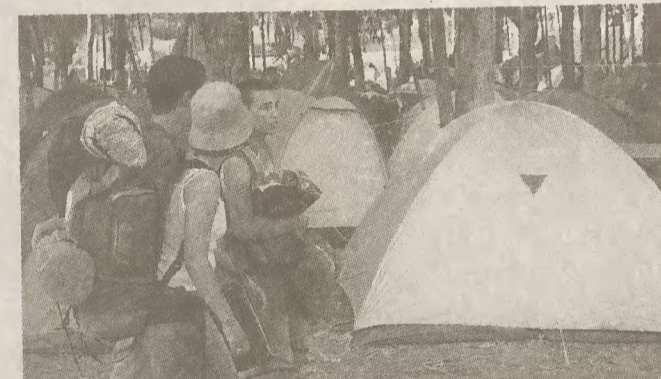


Pires»). A ponte 25 de Abril é outra hipótese, com a AE/Sul (com saída no nó do Fogueteiro) ou a estrada nacional 10. Saindo em Frente ao Pão de Açúcar de Almada e indo até Corroios, pode estacionar gratuitamente no parque da Fertagus da Cruz de Pau e viajar (grátis) no vaivém da Sulfertagus. Há ainda transportes rodoviários que ligam a Festa a Cacilhas e à Baixa da Banheira; transportes fluviais entre o Cais do Sodré e Cacilhas (em

articulação com o transporte rodoviário) e Seixal e Lisboa (com ligação rodoviária entre Entrecampos-Lisboa e Foros da Amora).

Aos visitantes que utilizem o comboio, serão assegurados bilhetes de autocarro gratuitos entre a Estação dos Foros da Amora

e a Quinta da Atalaia. Os bilhetes servem nos dois sentidos durante os três dias da Festa. Na Estação haverá um posto de informação onde serão distribuídos esses bilhetes. Os autocarros asseguram a ligação até ao último comboio (sexta-feira e sábado às 3 horas e domingo às 0.35h). Para quem quiser ficar os três dias na Festa existe ainda um parque de campismo exterior que fica junto à entrada da Medideira.



## Numa cidade, todo um País

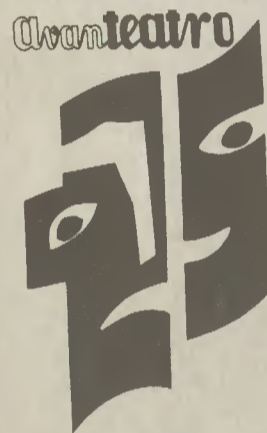
Cultura, música, gastronomia, artesanato. Todo o País converge na Quinta da Atalaia durante os três dias da Festa do **Avante!**. Três dias em que é

possível conhecer a realidade do País em que vivemos e que urge transformar: um País a vários ritmos, cores e sabores. Um País que quer ser melhor,

fustigado que está por gritantes desigualdades e injustiças. Um País que é construído pelo esforço de milhões de trabalhadores que o querem mais justo,

mais democrático, mais feliz. E que por isso lutam, de Norte a Sul, no continente e nas ilhas. Uma viagem ao Portugal trabalhador, conhecendo os problemas de

cada região, as lutas travadas – e ao mesmo tempo todas as suas ímpares particularidades regionais – é o que mais uma vez se propõe ao visitante da Festa.



## Teatro para todos os gostos

Se a Festa do **Avante!** é uma cidade, tem que ter um teatro. E tem! Como é habitual, há espectáculos para todos os gostos e idades, peças recentes com valor social, apresentadas por companhias de teatro de todo o País.

Está já confirmado «Romagem de Agravados», de Gil Vicente, pelo grupo de teatro «Criadores de Imagem»; «Alma Grande», de Miguel Torga, representado pelo «O Bando»; e um espectáculo, de poesia e imagem, evocativo

a Ary dos Santos, interpretado por Yolanda Alves. Haverá ainda uma demonstração de dança apresentada por João Fiadeiro.

Os mais novos têm também espectáculos dedicados só a si. O grupo «Tarumba» irá realizar várias peças de teatro e ateliers para as crianças. Para além da representação e da dança realizar-se-á um debate sob o tema «O movimento da nova dança portuguesa».

## Espaço Central Prosseguir no presente as conquistas do passado



Denunciar a política de direita, contrária aos interesses e aspirações dos trabalhadores e do povo, e afirmar a alternativa que o projecto do PCP constitui é um dos grandes temas do Espaço Central na 26.ª edição da Festa do **Avante!**. Este será o tema da

exposição política que, através do texto, da fotografia e do vídeo, se dão também a conhecer as lutas de resistência contra essa política, bem como a acção e as propostas do PCP. A evocação do centenário do nascimento de Bento Gonçalves, secretário-geral do PCP assassinado no campo de concentração do Tarrafal, em 1942, será feita em diversas iniciativas, das quais se destaca a colocação de um painel de oito metros no interior do pavilhão.

Os 40 anos passados sobre a crise académica de 1962 serão também recordados, através de uma exposição que terá como suportes fotografias, materiais do movimento estudantil e do PCP – força determinante nessa importante luta contra o fascismo.

A conquista da jornada de oito horas de trabalho para

os trabalhadores agrícolas dos campos do Sul – vitória histórica que importa projectar num tempo em que os trabalhadores portugueses sofrem inúmeros e gravíssimos ataques – será igualmente lembrada, através de uma exposição, de um filme de vídeo, com depoimentos de alguns dos principais intervenientes nessa luta, bem como através de materiais do Partido, como comunicados e *Avantes!*.

O espaço da ciência, dedicado especialmente à água, e das artes (este ano a expressão artística escolhida foi a fotografia) terão também lugar no Espaço Central. A projecção de filmes vídeo voltará a ter um pequeno

espaço onde, entre outros, serão exibidos trabalhos sobre as 25 edições da Festa, a Festa de 2001, o PCP, o 25 de Abril, e a conquista das oito horas de trabalho pelos trabalhadores agrícolas do sul.

### Informar e debater

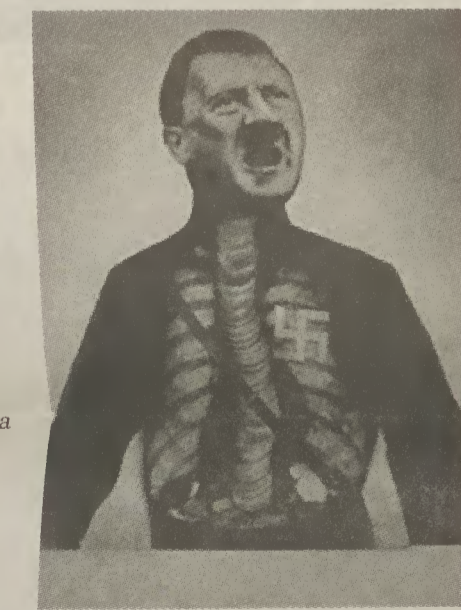
No Espaço Central, marca presença forte a imprensa do Partido, com espaços para a promoção do **Avante!** e de *O Militante*, através de uma pequena exposição onde se dá a conhecer o papel insubstituível que esta desempenha para os comunistas e para os trabalhadores em geral. Tal como em anos anteriores,

este é o local apropriado para o visitante se esclarecer sobre o PCP, podendo mesmo tomar-se militante, comprar e assinar as duas publicações. O prelo clandestino voltará a estar presente neste espaço. Na banca, estarão à disposição de todos uma série de materiais do Partido, como sejam emblemas e pins, as *t-shirts*, as canetas e as pastas. Estarão igualmente à venda CD's com a «Carvalhesa», o «Avante, camarada» e «A Internacional». Aqueles que no ano anterior não adquiriram a cassette de vídeo sobre as 25 edições da festa, podem fazê-lo agora. A caixa de música com a Internacional, que esgotou no ano anterior, vai estar de novo à venda. Quanto a novidades, este ano serão postas à venda, em edição limitada, uma *t-shirt* de promoção do **Avante!** e várias com desenhos de crianças sobre a festa, em formatos para os mais pequenos. No fórum, espaço privilegiado de debate das grandes questões do nosso tempo, estarão em discussão temas como o ataque às leis

laborais e à Segurança Social; a Globalização e a América Latina; a situação e evolução da economia portuguesa; a dinamização da organização do Partido e a aplicação das conclusões da conferência e os problemas da Educação e da Ciência. Haverá também um momento especial de lançamento da campanha de divulgação do **Avante!**, com o objectivo aumentar a venda em 2000 exemplares por semana. No espaço «A conversa com...», temas como a conquista da jornada de 8 horas nos campos do sul; o Partido e a juventude; *O Militante* na luta das ideias; o **Avante!** e a outra comunicação social e a evolução da imprensa, do prelo à internet, serão abordados, num espaço privilegiado para a troca de ideias e experiências. Quem quiser passar um momento agradável de convívio, encontra no Café da Amizade o espaço indicado.

Para a edição de 2002, a organização da Festa do **Avante!** programou uma série de iniciativas destinadas a pôr em destaque a fotografia, como meio técnico de expressão e documentação, visuais e artísticas, hoje em dia determinante para a nossa memória histórica e pessoal, bem como instrumento de acção e transformação das realidades política, cultural e artística.

O Pavilhão Central da Festa irá proporcionar ao visitante uma exposição de grande formato de exemplos comentados e de utilizações diversificadas que os artistas deram à fotografia, enquanto disciplina artística autónoma, ao longo da sua história de mais de um século e meio. O papel da mulher na fotografia também irá ser focado neste espaço. A democratização da fotografia permitiu que a mulher tivesse um papel que nunca antes tinha tido. Pela primeira vez, e graças à fotografia, a mulher passa a ter não só uma participação quantitativa como também qualitativa na história das artes plásticas. Organizada por Eduardo Gajeiro, a Festa do **Avante!** apresentará ainda uma exposição de novos, mas já estabelecidos valores do fotojornalismo português. Não sendo na sua «razão de ser» uma disciplina artística, o fotojornalismo tem uma dimensão estética e ética indiscutível e indissociável e produziu imagens que são já hoje património da história da arte.



### Fotógrafos de todas as matizes: participai!

Fotógrafos amadores e profissionais, fotógrafos de fim-de-semana e de trazer por casa, maus, bons e assim-assim, acolheram, e continuam a acolher, o convite da Festa para contribuir para um gigantesco «álbum de família» daqueles que ao longo de 25 anos visitaram a Festa do **Avante!**.

Um painel com cerca de mil fotografias exporá as memórias mais queridas das Festas já realizadas. «O que nós queremos mostrar com a Fotofesta é que a fotografia permitiu ao longo dos tempos uma apropriação da criação artística pelas massas como nunca tinha acontecido», disse Pedro Penilo, responsável pela exposição de fotografia da Festa do **Avante!** de 2002, acrescentando que «aquilo que marca a Festa do **Avante!** em relação às outras iniciativas culturais ou políticas é o seu conteúdo político e a componente de convívio e camaradagem».

«Esta iniciativa pretende ser uma demonstração disso mesmo através da fotografia. A fotografia possibilita a criação de laços e memórias e nós vamos associar estas duas vertentes num grande painel.» «Pedimos a todas as pessoas que participaram nas 25 edições das Festas que enviem as suas fotografias mais queridas para montar este painel, tipo de álbum gigante de fotografia, que será uma grande homenagem ao espírito da Festa», afirma.

### Exposição de Ciência e Tecnologia

## Água: recurso vital e finito!

Em 2002, a Festa do **Avante!** considera importante apresentar no espaço dedicado à Ciência e Tecnologia, o tema «Água».

Este espaço tem como objectivo informar e consciencializar os visitantes para a importância de preservar e poupar a água – recurso natural finito e essencial à vida.

Num mundo cada vez mais necessitado deste líquido precioso, as reservas de água adquirem um valor estratégico incalculável – por exemplo, cerca

de 40 por cento da população mundial vive em bacias fluviais partilhadas por dois ou mais países – na Península Ibérica, disputa-se o Tejo, o Douro e o Guadiana.

Nos países mais desenvolvidos o consumo de água tem vindo a aumentar drasticamente. Nos países em via de desenvolvimento, mais de 80 por cento das doenças são devidas a água contami-

nada. A qualidade da água é alterada pelas mais diversas formas de poluição.

É fundamental que, numa sociedade essencialmente tecnológica, geradora do progresso e bem-estar, se tome consciência do outro lado deste progresso: gastos excessivos de energia e produção de um volume preocupante de resíduos poluentes. Indissociável das políti-



cas territorial e ambiental, a política da água como recurso estratégico, constitui, no entender do PCP, muito mais que uma política sectorial, uma componente estruturante do desenvolvimento integra-

do humano, de equilíbrio com o espaço envolvente e de autonomia e da sustentabilidade.

Este ano o espaço da ciência e tecnologia vai igualmente tratar a astronomia, numa colaboração com o Museu da Ciência e a Associação Aquila. Serão apresentadas experiências interactivas e haverá observações do céu diurnas e nocturnas com telescópios.

## Com quem mais sofre as injustiças

Na Festa do **Avante!** não podiam deixar de estar presentes espaços contendo as problemáticas específicas daqueles que, por diversas razões, sofrem de forma mais intensa as arbitrariedades, injustiças e violências deste sistema.

No pavilhão da Mulher, para além dos já célebres Boutique d'Ocasão e bar da igualdade, um espaço reservado aos livros referentes à problemática feminina – com destaque para a recente edição, pelas Edições **Avante!**, do livro, da

responsabilidade da Organização das Mulheres Comunistas, «A violência conjugal na Madeira». No espaço da emigração, local privilegiado de encontro de muitos dos que tiveram de procurar uma vida melhor noutros países, destaque para a intervenção dos comunistas nas comunidades portuguesas em defesa dos seus interesses e nas instituições, nomeadamente no Parlamento Europeu. As crianças, os imigrantes e os deficientes terão, igualmente, os seus espaços.





# Desporto na Festa

O PCP é o único partido em Portugal que organiza eventos desportivos, contrariando a lógica mercantilista que mina e domina tais actividades. Durante todo o ano, a promoção da Festa é feita por todo o País também em iniciativas desportivas, como torneios de futebol de salão e de petanca. Nos dias da Festa estará presente o futebol de salão, o andebol, o basquetebol, as lutas amadoras, a ginástica e dança, jogos tradicionais infantis, o xadrez, as damas, o mah-jong, a malha, e a já referida petanca e os desportos radicais como o pára-quedaismo, o slide e a escalada.



Misturando atletas federados e pequenos clubes e abrindo espaços para a participação de visitantes da Festa, o desporto tem sido uma festa ao longo dos últimos 25 anos, nesta magnífica realização dos comunistas portugueses. Para além da prática desportiva, realizar-se-á uma exposição e um debate sobre o tema «Desporto para todos».

## Atletismo na Atalaia

A corrida da Festa reúne anualmente mais de um milhar de participantes. Atletas federados ou não, de ambos os sexos e de várias idades. Entretanto, no domingo da Festa, para todos os que não podem ou não conseguem realizar toda a corrida, a Festa preparou a «corridinha» comemorativa das 26 edições da Festa do

*Avante!*, com um percurso de pouco mais de três quilómetros. A corrida não imprime um espírito de competição. Não existem prémios monetários. Fora do período da Festa, realizam-se muitas outras modalidades. O concurso de pesca desportiva é um deles, e realiza-se a 28 de Julho, na zona ribeirinha dos Cais do Sodré, em Lisboa.

A concentração é às 13 horas, no Departamento da Câmara Municipal de Lisboa, junto ao Clube Naval. Para os interessados as inscrições devem ser feitas até hoje para os faxes 21 330 70 00 (CT Vitória) e 21 227 25 16 (Atalaia), ou pelos telef. 91 749 50 06 ou 96 287 19 89. O preço da inscrição é de 2,5 euros.



## Espaço Internacional

### Proletários de todos os países, uni-vos!

O Espaço Internacional é um local privilegiado de encontro e solidariedade entre os visitantes da Festa e as forças políticas representadas. Nos diferentes pavilhões, além da informação política e do convívio, é possível adquirir lembranças e artesanato típico, bem como saborear pratos tradicionais nos restaurantes de Cabo Verde, Cuba, China,

Espanha e Timor Leste. E, claro, provar a caipirinha no bar do PT do Brasil. A guerra, o militarismo, as medidas repressivas pós 11 de Setembro, o papel da guerra na brutal ofensiva imperialista e a geração de luta pela paz em Portugal serão os temas centrais, e em debate, no Espaço Internacional. Durante a exposição os

visitantes poderão acompanhar através de painéis e de um vídeo a história da guerra como instrumento da dominação capitalista, os actuais conflitos e os verdadeiros objectivos que determinam os processos da luta popular pela paz que, um pouco por todo o mundo, estão em curso. A solidariedade do PCP com a Palestina será

também um elemento incontornável na Festa do *Avante!*. Um monumento situado na entrada do Espaço Internacional, concebido pelo escultor Rogério Ribeiro, será dedicado à luta do heróico povo palestino. Realizar-se-á também uma campanha de recolha de fundos que possibilitará aos visitantes da Festa a materialização do seu

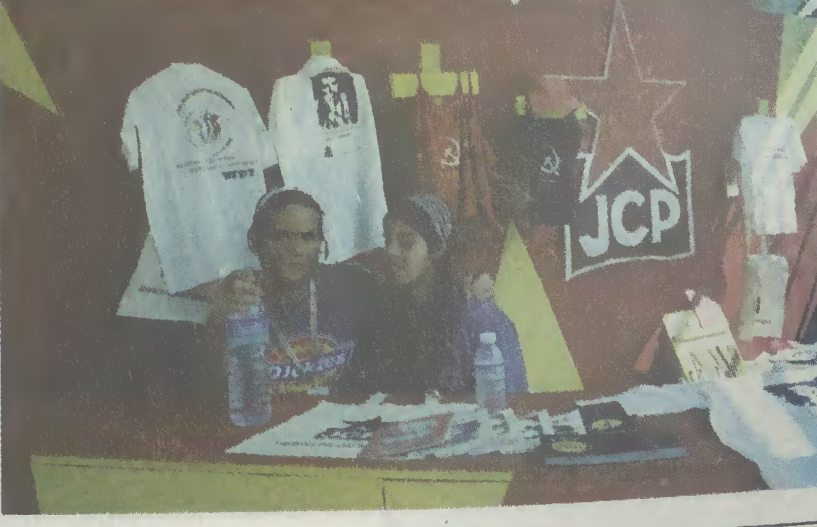
apoio, através de aquisição de um lenço palestino em miniatura. No palco internacional, a música de várias origens marcará presença, associando-se à já habitual música portuguesa e outras formas de expressão artística. Para os visitantes do Espaço Internacional haverá ainda algumas surpresas.



## Festas com livros

A Festa do Livro assume-se como uma das maiores livrarias do País. Para além da sempre agradável possibilidade de contacto com os seus escritores preferidos, o visitante da Festa encontra nos móbiles preços um outro factor de interesse: livros desde 2 euros, com descontos que, em alguns casos, podem atingir os 70 por cento. A tradução de «O Rei Lear», de William Shakespeare, realizada por Álvaro Cunhal e publicada, durante a ditadura, sob pseudónimo; o lançamento de «José Afonso —

um olhar fraterno», escrito por João Afonso, irmão do cantor, e de «Um rio sem tempo uma casa sem terra», do moçambicano Mia Couto, bem como a estreia literária de José Casanova, com o seu livro «O caminho das aves», serão certamente motivos de interesse. De destacar ainda a comemoração dos vinte anos de «Uma Aventura», de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, que já vendeu mais de 6 milhões de livros e que constitui um dos mais importantes factores do fomento da leitura entre os mais jovens.



## Abertura e comício

Momento alto de intercâmbio de culturas, experiências, amizade e fraternidade, a Festa dos comunistas é, ao mesmo tempo, um espaço de luta e de proposta. Construída pelo trabalho voluntário de milhares e milhares de militantes — operários e intelectuais, trabalhadores e doutores, jovens e velhos —, a Festa do *Avante!* representa a força realizadora de um ideal de transformação da sociedade e do Partido que lhe dá corpo: uma festa dos comunistas portugueses aberta a todos os que, com eles, queiram partilhar três dias de intervenção, solidariedade, alegria.



Pouco depois das 19 horas de sexta-feira, na Praça da Paz, Carlos Carvalhas abrirá oficialmente a 26.ª edição da Festa, na sempre agradável Praça da Paz.

Às 18 horas de domingo, no grande comício, o secretário-geral do PCP volta a tomar da palavra — desta vez secundado pelo membro da Comissão Política e director do *Avante!*, José Casanova, e por um dirigente

da JCP — naquele que é o momento alto do programa político da Festa, no qual serão afirmadas as propostas, ideais e objectivos dos comunistas e do seu Partido, num momento que é de luta contra a política de direita e pelo aprofundamento da democracia avançada. Rumo ao socialismo e ao comunismo.



## Espaço Juventude

O tema do Espaço da Juventude será o 7.º Congresso da JCP, que se realiza dois meses depois da Festa, em Novembro. Exposições, debates e música fazem parte deste espaço, destacando-se o Palco Novos Valores pela importância que assumiu na cena musical portuguesa, com o lançamento de bandas nacionais de todo o País, até aí desconhecidas do grande público. Os grupos são seleccionados em concursos realizados de Norte a Sul, passando por várias eliminatórias, em geral com espectáculos ao vivo. A iniciativa envolve

milhares de jovens, contando com os músicos participantes e o público dos concertos regionais. A qualidade é a marca comum a todas as bandas, caracterizadas por uma grande variedade de estilos, influências e sonoridades, que abarcam todo o espectro musical, desde o *ska* à música popular, passando pelo *rock*. O espaço Juventude apresenta ainda dois restaurantes vegetarianos, momentos de poesia e bancas para comprar *t-shirts*, cadernos, posters e *boxers*, entre outros objectos.





# Os artistas da Festa

**festa do Swante!**  
2002  
6, 7 e 8 Set.  
Avenida Amora e Geisel

Compre já a EP (entrada permanente)  
43,00 € em 6, 7 e 8 de Set.  
14,00 € até dia 5 de Set.

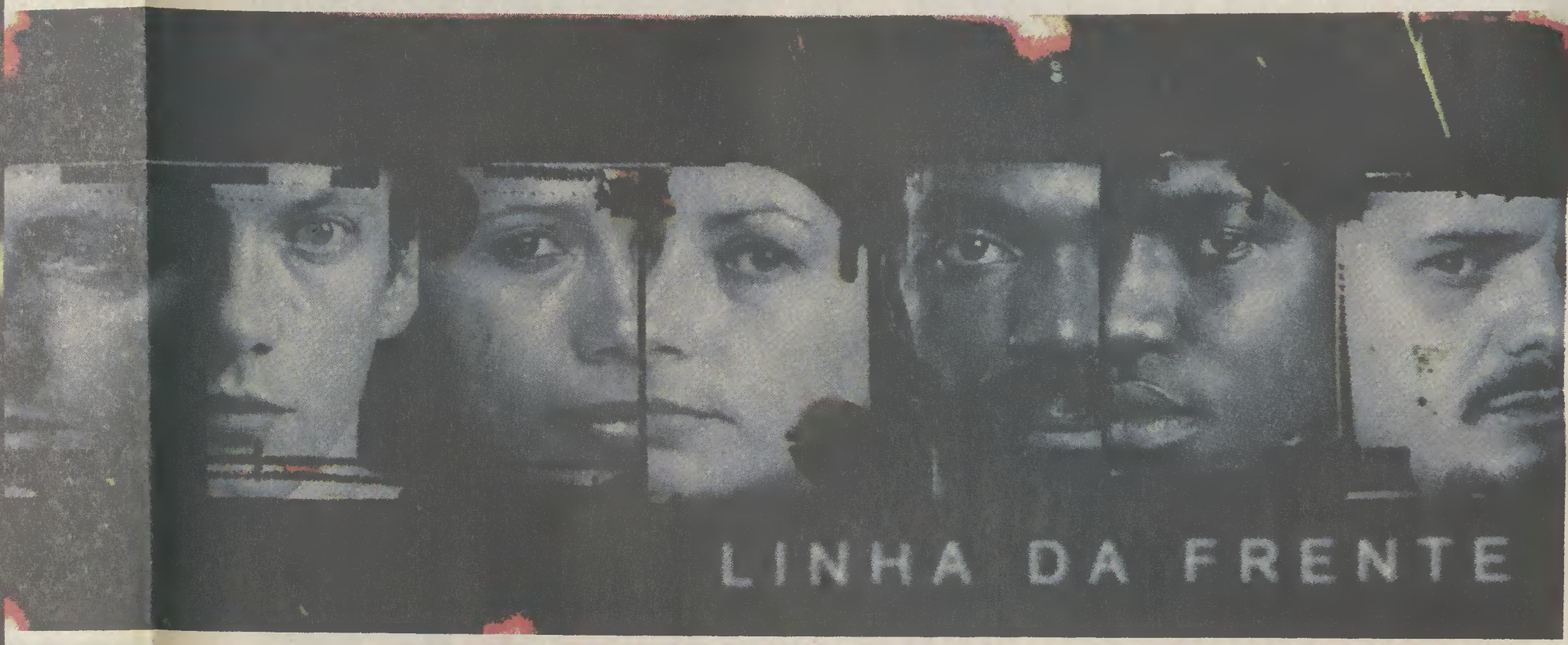
6 7 8  
SOLIDARIEDADE



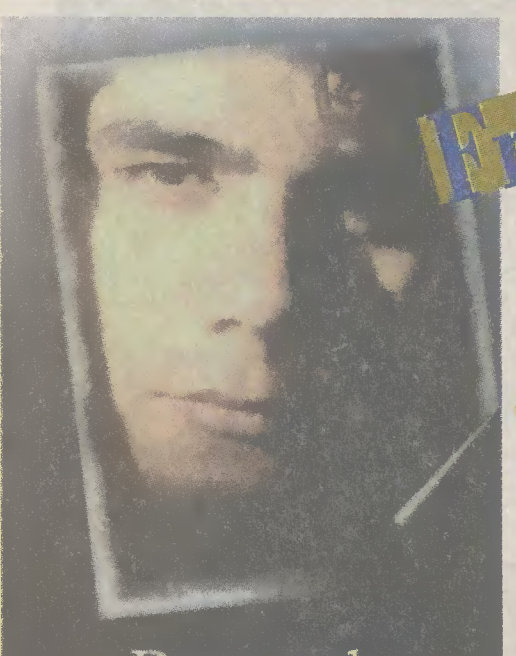
Oyster Band



TITO PARIS  
GUILHERMINA



LINHA DA FRENTE

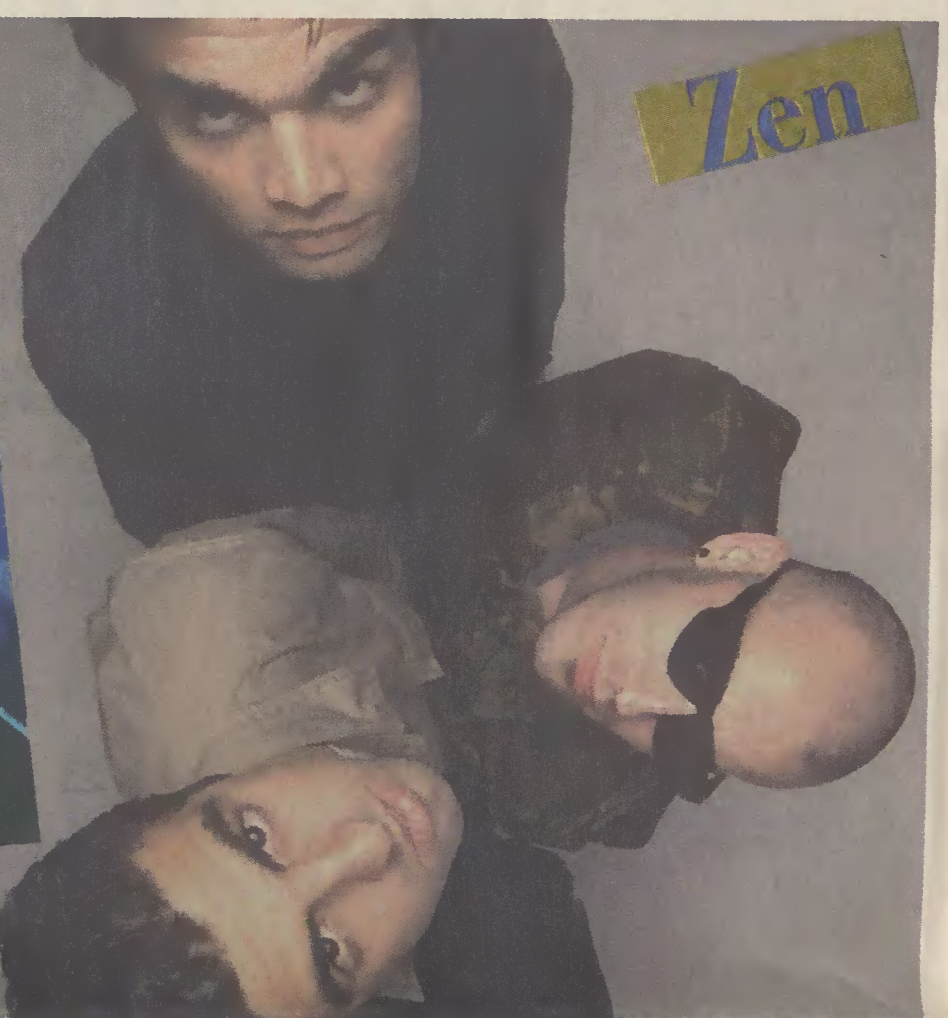


Francisco Villa

Terrakota



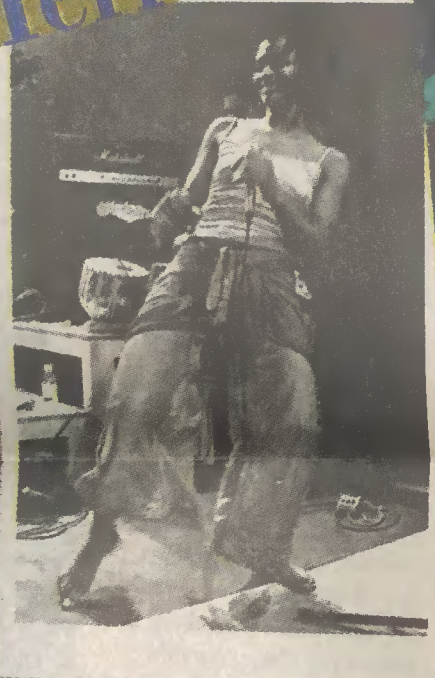
Yellow W Van



Zen



Uxia



Jussara Silveira



Navegante



com Rui Júnior  
Waiss – e Uxia



Luar na Lubre